

LEITURAS COMPARTILHADAS

REVISTA DE (IN)FORMAÇÃO PARA AGENTES DE LEITURA | ANO 9 | FASCÍCULO 19 | PRINCESAS AFRICANAS | WWW.LEIABRASIL.ORG.BR | DISTRIBUIÇÃO DIRIGIDA

PRINCESAS AFRICANAS



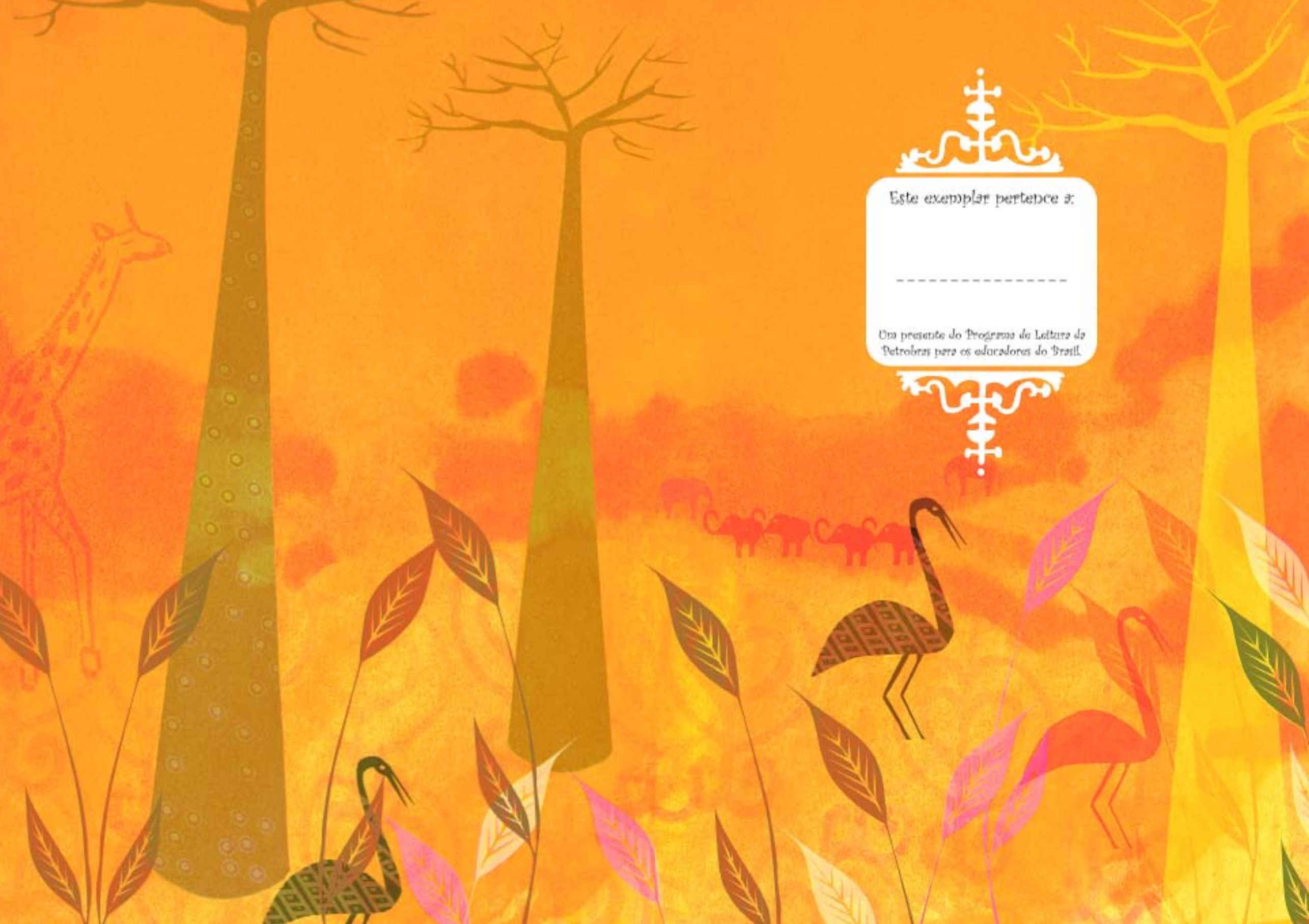
PETROBRAS





Este exemplar pertence a:

Um presente do Programa de Lettura da
Petrobras para os educadores do Brasil.



Leituras Compartilhadas Março/2009

Diretor Responsável: Jason Prado

Editor: Ana Claudia Maia

Conselho Editorial: Ana Lúcia Silva Souza e Sueli de Oliveira Rocha

Direção de Arte e Produção Gráfica: Suzana Lustosa da Fonseca

Ilustrações: Taisa Borges

Outras Ilustrações:

Montagens feitas por Suzana Lustosa da Fonseca a partir de ilustrações de Taisa Borges (págs. 18, 19, 38, 39, 56, 57, 66, 71).

Banco de Imagens: Fotolia

Revisão: Sueli de Oliveira Rocha

Colaboração: Márcio Von Krieger

Tiragem: 10.000 exemplares

Leituras Compartilhadas é uma publicação do Leia Brasil
distribuída gratuitamente às escolas conveniadas.

Todos os direitos foram cedidos pelos autores para os fins aqui descritos.
Quaisquer reproduções (parciais ou integrais) deverão ser autorizadas previamente.

Os artigos assinados refletem o pensamento de seus autores.

Leia Brasil e Leituras Compartilhadas são marcas registradas.

Impresso na Ediouro.

Visite www.leiabrasil.org.br e veja como utilizar
esta publicação em atividades de sala de aula.



Princesas Africanas



O potencial de sustentabilidade de todo e qualquer empreendimento é um dos fatores que confere excelência à iniciativa. E, para isso, a gestão participativa – processo em que as partes envolvidas expõem suas possibilidades e necessidades – é fundamental na conquista dos bons resultados. Assim é o Petrobras Programa de Leitura Bacia de Campos, iniciativa social apoiada pelas unidades de Negócio da Bacia de Campos e do Rio de Janeiro em 17 municípios da área de influência da maior província petrolífera do país.

Por seu constante alinhamento às demandas de seu público-alvo, alunos e professores da rede pública de ensino das cidades atendidas, o Petrobras Programa de Leitura Bacia de Campos vem contribuindo para a melhoria dos índices que mensuram a educação. Exemplo disso, a pontuação que as escolas e municípios atendidos conquistaram na pesquisa que mediu o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica, o IDEB, em 2007.

Em Macaé, onde o programa é desenvolvido desde 1994, todas as 37 escolas atendidas pelo caminhão-biblioteca atingiram pontuação acima da média nacional, tendo o Colégio Municipal do Sana obtido média 6,5, índice maior que a meta estipulada pelo Governo Federal (6) para o ano de 2021.

A nova edição do Leituras Compartilhadas mostra o desejo constante do Programa em atender as demandas de nossos maiores parceiros: os mais de nove mil professores e 300 mil alunos que constroem o sucesso desta ação nas 310 escolas onde o Petrobras Programa de Leitura Bacia de Campos é desenvolvido. As *Princesas Africanas* conduzirão um estudo menos superficial da África, continente que esconde suas riquezas na pluralidade de tradições que remontam à origem da humanidade.

A sustentabilidade de nossas ações depende dessa disposição em aprofundar os conhecimentos, tanto no passado quanto nos desafios impostos pelas novas eras que virão. Assim a Petrobras conduz seus investimentos empresariais e sociais. Para que chegássemos ao imenso tesouro escondido na camada pré-sal, tivemos que buscar as regiões mais distantes, profundas. E para que exploremos aquela riqueza, necessário será aprimorar o conhecimento adquirido até aqui.

Como o que ora é proposto pelo Leituras Compartilhadas. Como a ostra que guarda o tesouro dentro de si, a África será aqui revelada pelo que esconde de mais precioso: sua dignidade, sua nobreza, mergulho esse conduzido pelo mais rico dos universos, o literário.



Princesas africanas

Jason Prado



Duas palavras, tantos sentidos.

Quando ouvi a sugestão de publicar um Caderno de Leituras Compartilhadas com este tema, não me dei conta dos desvãos do caminho.

Era uma tarde fria de junho e eu estava na Refinaria do Paraná, fazendo o terceiro de uma série de encontros sobre a participação africana na formação cultural brasileira.

Foi quando Analu me desafiou: *por que vocês não fazem um Caderno sobre as princesas negras?*

Ana Lúcia¹ é uma dessas pessoas de vontade forte, com formação e conteúdo invejáveis, cheia de fé no que diz. É, ela mesma, a própria imagem da guerreira africana.

Como se não bastasse, Rogério Andrade Barbosa tinha passado a manhã daquele dia falando de suas viagens pelas nações africanas, das culturas exóticas, de ritos tribais...

Nos subsolos da minha mente já se agitava a figura emblemática e saltitante de Grace Jones num filme trash dos anos 80², como a incentivar a empreitada. Não pude evitar as armadilhas de minha própria imaginação: topei o desafio.

Aos poucos, como os animais que “mastigam” muito depois de engolir, fui me dando conta dos conteúdos ali envolvidos. Logo de cara, uma bifurcação: princesas; portanto, mulheres.

Não apenas *mulheres*, em suas dimensões humanas: heroínas na luta pelo pão-nosso e pela sobrevivência diária, frágeis diante da

morte, leões no exercício da função materna, *mulheres* com vontades e desejos...

Para além disso, mulheres especiais, que se distinguem das outras em sua superioridade, seja em graça, beleza ou astúcia. Guerreiras, sensíveis, *capazes de perceber um grão de ervilha sob pilhas de colchões de plumas*. Ungidas pelos deuses no nascimento e donas do direito divino de povoar as cabeças dos homens.

Princesas, qual promessa de flor, também à espera dos varões que as farão reinar em seus próprios castelos.

Mas também africanas. Em sua maioria, negras, exuberantes e fortes como a guerreira que projetou a atriz jamaicana de Conan, ou como tantas outras que conhecemos no dia-a-dia. Vindas – para a maioria de nós brasileiros, seus descendentes – de um universo desconhecido, povoado com imagens de animais ferozes, de lanças cruzando os céus e tan-tans em frenesi, de corpos esguios e fome. Muita fome – somali, etíope, biafrense... Africanas, brancas e negras. Submetidas e espoliadas por séculos, como seu continente, até se perderem de si mesmas.

Para esta edição de *Leituras Compartilhadas* – em que o “*eu*” torna-se “*nós*”, no compartilhamento das minhas ponderações com a equipe da ONG Leia Brasil –, evoluímos para *Princesas Africanas*, curvando-nos não só à grandiosidade do continente mas também à Cleópatra, à Rainha de Sabá e a todas as mulheres que remontam à mais



ilustre e desconhecida de todas as princesas: Lucy³, a africana que *todos* temos no sangue.

Durante os meses necessários para que os artigos e textos fossem encomendados e escritos, para que essas belíssimas ilustrações fossem produzidas e a edição começasse a ganhar forma, muitas foram as dúvidas que, pouco a pouco, se materializaram como bolhas que levantam da fervura. A mais inquietante delas, talvez, seja relativa à questão *Princesa*. Dúvidas não propriamente quanto às funções tribais da filha do chefe, mas quanto a esse conceito que permeia nossa vida e nos faz chamar nossas filhas de *princesas*, que permite às mulheres se atribuírem esse título, sempre tão impregnado de *bondade*.

No romance *Peixe dourado*⁴, um belíssimo livro sobre princesas africanas, Jean-Marie Clézio (Prêmio Nobel de Literatura de 2008) usa o termo *princesa* centenas de vezes, a maior parte delas para se referir às moças de um prostíbulo marroquino, buscando assim suavizar o caráter do ganhapão dessas mulheres.

Que mágica tem essa palavra? De onde vem sua força?

Deixando de lado as razões teosóficas (ou o pseudo “direito divino” de alguém ser melhor que os outros e, a partir dessa lógica, praticar todas as vilanias possíveis contra a humanidade), em que pensamos quando empregamos essa palavra?

Em primeira e última instância, princesas são as herdeiras do rei. São elas que viabilizam a constituição de novos reinados (famílias), garantindo a transição entre um antigo e um novo regime. Se é verdade que as histórias tecem o terreno por onde construímos nossas noções de mundo, as prin-

cesas são a matéria-prima de nossa organização social.

Em meados do século XVI, surgiu na Inglaterra uma expressão que se atribui a um jurista inglês⁵, e que se tornou a base da *Bill of Rights*, expressivo nome de um capítulo da Constituição norte-americana: *a man's home is his castle* – a casa de um homem é o seu castelo⁶.

Tudo bem que essa frase tenha servido para assegurar a inviolabilidade do lar, mas não caberia perguntar: quem mora em castelos? E por que pessoas de todas as classes sociais – inclusive nas sociedades de castas – se referem assim às suas herdeiras?

Será demais remeter o conteúdo ideológico das princesas (e toda a sua *entourage*) às questões da família, da propriedade e do estado? Será puro maniqueísmo?

Por outro lado, por que valorizamos tanto esse negócio de realeza, nobreza e outras iniquidades coroadas?

Há 16 anos – em 1993, na reta final do século XX – nosso Congresso promoveu, a um custo financeiro exorbitante, um plebiscito (referendo popular) sobre a forma de governo no Brasil. Nada menos que 6,8 milhões de brasileiros votaram a favor da monarquia, pensando seriamente em entregar a coroa (e nós, as caras) aos portugueses que exportaram nossas riquezas e importaram da África, como mercadoria, seres humanos.

Por que, mesmo sabendo disso (da vergonha e sofrimento que nos causam os que se julgam acima do bem e do mal; da podridão que alicerça a aristocracia), quando alguém tem uma atitude digna, elogiável, quase beata, dizemos que foi um “gesto nobre”? E por que, no extremo oposto, quando algo inesperado

frustra nossas expectativas e subverte a civilidade, nos pilhamos dizendo: “isso é coisa de preto”?

Isso posto, toquemos num ponto nevrálgico: a questão africana.

Partindo de Lucy, somos todos afro-descendentes. Uns mais, outros menos. E o que é mais importante ainda, estamos juntos na humanidade.

Por que é tão difícil que a descendência negra ganhe cidadania no Brasil, a ponto de ser necessária a criação de um movimento pela consciência negra e a promulgação de uma lei que obrigue as escolas a ensinar a História e a Cultura Africana⁷?

Mais uma vez, volto a particularizar minha fala e recorro aos significados. Embora não tenha autoridade para falar a esse respeito, vou me permitir ser opiniático: não creio que o movimento tenha se constituído *apenas* em decorrência da dor ainda viva de nossos avós amarrados no pelourinho, muito menos pela imoralidade do tráfico, que aniquilou milhões e, pela escravidão, transformou outro tanto em mortos-vivos.

Embora sejam recentes, esses fatos remontam ao já longínquo século XIX. É preciso falar deles porque somos um país

preconceituoso e o preconceito é rasteiro, imprevisível, dissimulado e elitista. E quando falo em *elite*, caio mais uma vez na pantanosa questão das classes sociais, dos dominantes e dominados, dos príncipes e mendigos...

Voltando ao preconceito, o problema é que ele dói, mas nem é crime. Embora a manifestação do preconceito seja crime (tipificado pela Lei nº 7.716, de 05/01/89), seu sentimento não pode ser criminalizado. Ninguém pode ser punido por associar um negro, numa rua deserta, à noite, a uma situação de iminente perigo. Mas deve doer (e revoltar) a qualquer jovem negro assistir a um estranho desviando de seu caminho.

Do outro lado desse comportamento está, por exemplo, a clara leitura que podemos fazer da miséria a que as *elites* condenaram os negros no Brasil. Miseráveis famintos – como os escravos “libertos” pela Lei Áurea, sem teto e sem perspectivas – são marginais potenciais. Mas essa lógica nunca ocupou espaços na sociedade, que é preconceituosa (de certa forma, o sentimento do *preconceito* exime e protege de culpa as pessoas). O preconceito só se desmonta com educação, com a lógica. E essa decorre de um pensamento arejado, da compreensão de cada componente do todo.

Com essas considerações, retomo o propósito desta edição de Leituras Compartilhadas: criada para ajudar

os professores a reconhecer e positivar as diferenças, combater o racismo e o preconceito étnico-racial, ela não pode se propor



a oferecer respostas, mas a ajudar a instalar perguntas que desconstruam comportamentos e pré-julgamentos.

Sendo assim, com o excepcional conteúdo que se segue e que é oferecido às futuras gerações de brasileiros, deixo no ar uma homenagem a todas as princesas negras (e africanas) que nunca estiveram em nosso imaginário e às outras tantas que não puderam comparecer a esta edição.

Notas:

¹ Ana Lúcia Silva Souza (Analu) é socióloga, doutoranda em Lingüística Aplicada (Unicamp - Instituto de Estudos da Linguagem), mestre em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Participa desta edição de Leituras Compartilhadas como articulista e conselheira editorial.

² *Conan, o destruidor*, de 1984.

³ Lucy Dinqines (que significa *você é maravilhosa*) – nome do esqueleto da fêmea homínida de 3,2 milhões de anos encontrado na Etiópia; é a mais antiga ancestral da humanidade.

⁴ *Peixe dourado*, de Jean-Marie Clézio, Companhia das Letras, 2001.

⁵ Sir Edward Coke, Inglaterra, 1552-1634.

⁶ É curioso que esse respeito à privacidade e esse reconhecimento à inviolabilidade do lar tenham se consolidado duzentos anos depois, ao tempo da independência americana, que coincide com a Revolução Industrial e o fim do Feudalismo, no qual as pessoas *serviam* à nobreza e sequer possuíam a roupa do corpo, quanto mais uma casa.

⁷ Lei 10.639 / 2003 – altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e estabelece a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Africana no Brasil.

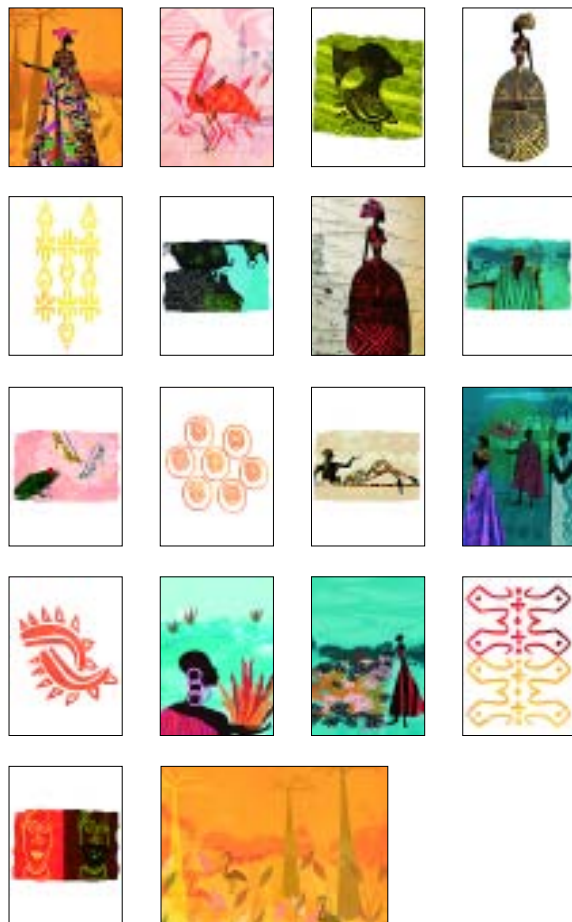
Jason Prado é jornalista, criador e Diretor Executivo da *Leia Brasil* – ONG de promoção da leitura.



Princesas Africanas



Uma contribuição para o estudo da cultura afro-brasileira nas escolas públicas.
(De acordo com a Lei 10.639/2003)



Taisa Borges tem formação em artes plásticas e estilismo. Ilustrou para a *Folha de S. Paulo*, *Vogue*, entre outros. É autora do livro de imagem *O rouxinol e o imperador*, inspirado no conto de Andersen do mesmo nome, lançado em 2005, obra selecionada para o PNBE 2005 e para o PNLD SP/2006, merecedor do prêmio de o *Melhor livro de imagens* de 2005 pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ). Em 2006, publicou na mesma coleção *João e Maria*, inspirado em um conto dos irmãos Grimm, também selecionado para o PNBE 2006 e para o PNLD SP/2007. O livro *A bela adormecida*, de Charles Perrault, lançado em 2007, fechou seu projeto de homenagens aos contos de fadas.

Índice

- África dos meus sonhos - Petrobras 5
- Princesas africanas - Jason Prado 7
- O sonho de ser princesa - Andréa Bastos Tigre - Rossely Peres 15
- As princesas nos contos de fadas - Sonia Rodrigues 17
- São outras as nossas princesas - Sueli de Oliveira Rocha 21
- Que fada é essa? - Maria Clara Cavalcanti de Albuquerque 25
- A donzela, o sapo e o filho do chefe - Maria Clara Cavalcanti de Albuquerque 27
- Rainhas negras na África e no Brasil - Luiz Geraldo Silva 31
- As princesas africanas - Bráulio Tavares 33
- O casamento da princesa - Celso Sisto 37
- Minha princesa africana - Márcio Vassalo 41
- Uma princesa em São Tomé e Príncipe - Ana Lúcia Silva Souza 43
- Princesa de África, o filme - Uma entrevista com Juan Laguna 47
- Iya Ibeji, a mãe dos gêmeos - A leitura dos símbolos nagô - Marco Aurélio Luz 51
- A lenda da princesa negra que incendiou o mar - Geraldo Maia 55
- Nas malhas das imagens e nas trilhas da resistência: 59
- heroínas negras de ontem e de hoje - Andréia Lisboa de Sousa 59
- Uma guerreira - Julio Emilio Braz 63
- Princesa, não. Mas... - Marina Colasanti 65
- Os três cocos - Maria Clara Cavalcanti de Albuquerque 69
- Uma princesa afrodescendente - Sueli de Oliveira Rocha 73
- Princesa descombinada - Janaina Michalski 77
- Princesas africanas e algumas histórias - Tiely Queen (Atiely Santos) 79
- Bibliografia 83

Princesa Desalento

Minh'alma é a Princesa Desalento,
Como um Poeta lhe chamou, um dia.
É revoltada, trágica, sombria,
Como galopes infernais de vento!

É frágil como o sonho dum momento,
Soturna como preces de agonia,
Vive do riso dum boca fria!
Minh'alma é a Princesa Desalento...

Altas horas da noite ela vagueia...
E ao luar suavíssimo, que anseia,
Põe-se a falar de tanta coisa morta!

O luar ouve a minh'alma, ajoelhado,
E vai traçar, fantástico e gelado,
A sombra dum cruz à tua porta...

Floribela Espanca, in "Livro de SÓror Saudade"

O sonho de ser princesa...

Andréa Bastos Tigre - Rosely Peres

*Pise macio porque você está pisando nos meus sonhos.*¹

W. B. Yeats

Que menina não sonhou, um dia, em ser ou vir a ser uma princesa? O apelo da beleza, da riqueza, do fausto das festas e palácios e do “viveram felizes para sempre” traz a magia da palavra, com seus sons e encantamentos, alimento da imaginação infantil.

A linguagem fantástica - a da poesia, do conto, das fábulas, com seus ritmos e imagens - permite à criança “viver outras vidas” e, assim, construir um arcabouço imaginário necessário e fundamental para “viver a própria vida”. Que lugar tem, na economia psíquica de uma criança, histórias de príncipes e princesas?

As palavras apresentam o mundo, a coisa não existe sem elas, elas lhe dão existência.

*... Digo “sol”, e a palavra brilha;
Digo “pomba”, e a palavra voa;
Digo “maçã”, e a palavra floresce.*²

E podemos acrescentar:

Digo “princesa”, e a vida brilha, a imaginação voa, a felicidade floresce.

São as histórias e os contos que, ao dar nome, ao pôr em palavras, permitem dar contorno e limite a sentimentos obscuros e angustiantes que assombram crianças – medo da vida e da morte, do futuro incerto do quem sou e quem serei, da raiva e da

impotência frente aos mais fortes, da solidão e do isolamento, dos segredos e sobressaltos de se ter um corpo. São legados que nos vêm de longe, de uma tradição oral que, no correr do tempo, vieram a ser escritas, num encontro de papel, pluma e desejo de um autor. Um longo caminho de “Era uma vez...”, “Num certo país...”, “Há muitos e muitos anos atrás...”, para tentar responder aos enigmas: que mundo é esse? Como viver nele? Quem sou eu?

As histórias e os contos tomam a angústia do existir a sério, dirigem-se a ela, à escura incerteza do que vai acontecer. Endereçam-se ao futuro guiando a criança através de caminhos que ela pode aceitar e compreender – princesas, cavaleiros e damas, animais falantes, duendes e anões conduzem-na, pela mão, a seu mundo dos sonhos.

A fantasia e poesia da linguagem nos transportam para um país onde tudo pode acontecer. A magia da palavra lida ou ouvida faz existir o sonho e, ao afastar-se do real, permite a margem do mais além, do outro, do impossível, do espelho com suas entradas e saídas secretas. Um texto que é recebido no nível intelectual, mas que toca também a sensibilidade, ganhando na escuta da palavra significação afetiva e imaginativa.

O próprio da linguagem poética e fantástica é ser múltipla em sua essência. O convite a uma viagem ao país das palavras abre a porta para a criança usufruir do uso da linguagem e, com ela, brincar, sonhar, rir, acariciar, girar, ir e retornar. Lá não há

uso ridículo ou absurdo da linguagem, o desbloqueio do imaginário recria a fascinação da palavra e permite: “eu sou princesa”.

A vida não pára de se escrever; e a história, em sua letra, se conserva através do tempo. É a permanência do texto que sustenta a imortalidade das obras, e, entre elas, a de princesas que, nórdicas, africanas, asiáticas ou indígenas permitem à criança olhar o cotidiano da vida de um jeito diferente àquilo que se apresenta como igual, pois a própria repetição num vir a ser inaugural ganha novos sentidos. Não serão as lembranças das histórias que nos permitem uma leitura singular de nosso mundo?

As palavras de todos os dias quando reunidas numa bela história adquirem o poder

de sugerir o desconhecido, o imprevisível, implicando o ouvinte-leitor no trabalho de preencher lacunas, absorver o intuído, associar som, imagem, textura, ritmo e cor. Se é uma trama proposta por um autor-narrador, cabe a cada ouvinte-leitor torná-la sua.

Longa vida aos contos de príncipes e princesas!

Notas:

¹ W. B. Yeats: *He wishes for the cloths of heaven* in *The Collected Poems*. Nova York, Macmillan, 1956.

² Alain Bosquet: *Quatre testaments et autres poèmes*. Paris, Gallimard.

Andréa Bastos Tigre e Rossely Peres são psicanalistas da Escola Letra Freudiana - RJ.



As princesas nos contos de fadas

Sônia Rodrigues

Nos contos maravilhosos que aparecem na cultura ocidental, as princesas costumam ocupar dois papéis: o do prêmio, ou, mais raramente, o de herói. São contos de fantasia, freqüentemente chamados contos de fadas, em geral passados na Idade Média européia.

Autores importantes na nossa cultura leram esses contos com visões diferentes que podem contribuir para que nossa leitura se enriqueça na concordância ou ampliação de suas opiniões.

Freud entendia o conto de fadas como uma forma atenuada dos mitos e esses como deformações das fantasias de desejo das nações, da espécie humana como um todo. O conto estaria ligado à socialização, à aquisição pela criança das normas morais, representadas pelo superego.

Para os freudianos, Bettelheim inclusive, as pulsões criam os contos populares por transformações análogas às do trabalho do sonho.

Para Jung e os junguianos, os contos de fadas representam, além do material inconsciente recalcado que mantém relações com os sonhos e as fantasias, fenômenos arquetípicos e sugerem simbolicamente a necessidade de uma renovação interior pela integração do inconsciente pessoal e do inconsciente coletivo à personalidade do indivíduo.

De acordo com esse ponto de vista, os arquétipos são dinamismos inconscientes ligados a imagens primordiais ou símbolos

comuns a toda humanidade e fornecem a base das religiões, dos mitos e dos contos maravilhosos.

Monteiro Lobato, fundador da literatura para crianças no Brasil, teve em relação aos contos de fadas, basicamente, três atitudes estéticas em seus livros: a crítica aos contos embolorados da Carochinha ou ao que Emília classificava como bobagens do folclore; a admiração à produção literária a partir deles feita pelos irmãos Grimm, Perrault, Andersen; e a incorporação das princesas ao seu próprio universo ficcional.

Vladimir Propp definiu como conto maravilhoso ou de magia toda narrativa que, partindo de uma carência ou dano e passando por um desenvolvimento intermediário, termina com casamento, recompensa, obtenção do objeto procurado, reparação ou salvamento de uma perseguição (Propp: 85).

Propp está mais voltado para entender como se estruturam os contos de fadas do que para interpretá-los. Em *Morfologia do conto maravilhoso*, descreve como, no decorrer da narrativa, o herói torna-se o possuidor de um objeto ou auxiliar mágico “que o utiliza ou que se serve dele.” A magia em si pode estar no auxiliar ou no objeto mágico que é doado ao herói; nas características do próprio; no antagonista-agressor que pode ser um dragão, um bruxo, um ogre ou outras criaturas fantásticas na função de “antagonista”.



Aplicando os conceitos de Propp, considero que um personagem é sempre um personagem, mas os papéis variam segundo a interação do personagem com a trama. Uma princesa pode ser afilhada de fadas, como em *A Bela Adormecida* ou *Pele de Asno*. O papel a ser desempenhado dependerá de como o enredo se articula.

No conto *A Bela Adormecida*, a princesa se limita a furar o dedo – inadvertidamente, estimulada por uma fada rancorosa – numa roca. Em seguida, ela dorme – graças à intervenção de uma fada boa – junto com todo o reino, até que um príncipe a salve.

Em *Pele de Asno*, a princesa é desejada pelo pai enlouquecido, resiste ao incestuoso pedido de casamento e, com o auxílio da fada madrinha, foge para uma trajetória de agruras até conquistar o coração de um príncipe.

No primeiro, o protagonista é o príncipe e, no segundo, a princesa é herói, e o príncipe, prêmio.

No conto maravilhoso, nem sempre aparece o elemento mágico, mesmo quando estão articulados princesa, prêmio e recompensas variadas. É o caso de *A princesa e o grão de ervilha*, no qual não existe magia e, sim, reconhecimento da princesa como herói de si mesma, porque ela, apesar dos farrapos, é uma princesa real cuja pele se ressentia de um grão de ervilha sob 12 colchões.

A articulação entre os papéis de herói e prêmio está presente nos contos de fadas em que a princesa faz parte do conjunto de personagens que assumem o papel de representar o Bem. Vale a pena pensar um pouco sobre o significado de “Bem”, porque, às vezes, acontece dos contos de fadas serem lidos como histórias de final feliz,

histórias que defendem a moral e os bons costumes, histórias nas quais o mal é punido e o bem triunfa, histórias, enfim, que enganariam seus pequenos leitores levando-os a acreditar em um mundo irreal.

Contos de fadas são contos épicos, contos que tratam da jornada do herói, na qual este repara a perda ou dano ocorrido no início da narrativa. Esta reparação é que distingue o conto de fadas da tragédia, na qual o herói é levado, por suas próprias características, a cometer uma falha irremediável que o faz ultrapassar a medida e ser arrastado para uma situação sem saída.

No conto de fadas, o final é feliz porque aquela ou aquele que está envolvido na reparação da perda (a princesa, em muitos exemplos) se submete, temporariamente, às intempéries. Em *Os três cães*, ela, por medo de morrer, aceita dizer ao rei, seu pai, que foi o cocheiro desonesto que a salvou do dragão. Aceita ser prometida em casamento ao impostor. O que ela faz é estabelecer uma resistência passiva, pela tristeza, para adiar o casamento durante três anos. Tempo suficiente para o verdadeiro salvador voltar, com seus cães mágicos, para desmascarar o falso pretendente. E casar com a princesa, claro.

Pelo parentesco com a epopéia e não por moralismo ou irrealidade, o conto maravilhoso termina na reparação da perda, culmina no triunfo do herói. *Odisséia*, de Homero, é a matriz ocidental (ou o mais abrangente exemplo da cultura ocidental) desse triunfo. Na *Odisséia*, a princesa (rainha) está no papel de prêmio. Penélope faz a mesma coisa que a princesa sem nome do conto *Os três cães*. Protela a escolha de um pretendente usurpador até o retorno de Ulisses.

Propp enumera os papéis distribuídos entre as personagens concretas dos contos maravilhosos como: o herói, o antagonista (ou agressor), o doador, o auxiliar, a princesa ou seu pai, o mandante e o falso herói.

Os contos poderiam ser chamados também de “contos dos sete personagens”, apesar de nem todos aparecerem em todos os contos, claro. Porque existem contos mais simples, como o da *Menina da Capinha Vermelha*, e mais extensos, como o *Veado Encantado*.

A trama dos contos de fadas, de uma maneira geral, é enxuta, utilizando o mínimo de idas e vindas, ao contrário de narrativas como a *Odisséia*.

Os enredos dos contos, ainda segundo Propp, não fogem muito da seguinte disposição dos acontecimentos:

a. Situação inicial, que define espaço, tempo, personagens principais (fora o antagonista), seus atributos e antecedentes;

b. Parte preparatória, onde aparece algum tipo de proibição e a transgressão da proibição, o dano ou carência e o antagonista com seus embustes. Em *Rapunzel* fica muito claro este par de elementos: proibição e transgressão. Em *A Moura Torta*, o dano ou carência está no feitiço colocado pela usurpadora.

c. O nó da intriga: uma personagem se revela como herói ao reagir à ação do antagonista que provocou o dano.

d. Aparece(m) o(s) auxiliar(es) do herói, com todas as particularidades dele(s) e do(s) objeto(s) mágico(s), incluindo aí as provas necessárias ao herói;

e. Percurso do herói até sua destinação, vitória do herói. Aqui pode ocorrer um desdobramento que prolongue a narrativa: perseguição ao herói, aparecimento do falso herói, retorno do herói;

f. A sequência f, é lógico, depende do prolongamento da narrativa. O herói chega incógnito, encontra as pretensões infundadas do falso herói, é submetido a uma tarefa difícil para ser distinguido do falso herói, realiza a tarefa, é reconhecido e desmascara o outro, que é castigado. O herói casa ou é entronizado.

É interessante notar que o estudo de Propp se refere ao herói como aquele que repara o dano. Nos exemplos citados por ele, o herói é um rapaz de origem simples ou príncipe, e a princesa é, quase sempre, prêmio. Quando a figura feminina ocupa um papel mais ativo, ela costuma não ser da realeza ou é da realeza, mas está disfarçada. É filha de mercador, em *A Bela e a Fera*, órfã pobre em *O Veado Encantado*, de origem desconhecida e beleza estonteante em *A Moura Torta* ou uma princesa em trajes pobres, como em *A princesa e o grão de ervilha*.

Apesar das críticas da boneca Emília, nos contos folclóricos narrados por Tia Nastácia, aparecem várias princesas em papel de herói ou auxiliar de herói. É o caso do *Bicho Manjaléu*. Aparecem também princesas no papel de adversário, como no conto *A Princesa Ladrona*.

A princesa como adversário do herói também aparece em *A Pequena Sereia*, de Andersen, conto no qual a princesa é a usurpadora, inventa que salvou o príncipe para casar com ele e derrota, assim, a pequena sereia.

Não conheço, no entanto, nenhuma leitura criativa mais audaciosa do papel da princesa nos contos de fadas do que a empreendida pelo autor inglês Neil Gaiman, no seu conto *Neve*. Neste, Branca de Neve deixa de ser herói de si mesma, de ser prêmio do príncipe que, ao final, a resgata. Não, a princesa é antagonista cruel da mãe, do pai e da madrasta.

Seria possível passar horas e horas ao redor da fogueira, dias e dias numa biblioteca, muito tempo frente a um computador ouvindo, lendo, pensando e recriando a partir das princesas dos contos de fadas.

Porque a princesa é a jovem mulher convivendo com o mundo, com o inevitável, com o transcendente. Lidando, portanto, com a vida e com todos nós.

Bibliografia:

BETTELHEIM, Bruno. *Psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

CHEVALIER, Jean. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.

COELHO, Nelly Novaes. *O conto de fadas*. São Paulo: Ática. Série Princípios. 1987.

FRANZ, Marie Louise von. *A interpretação dos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1981.

FREUD, Sigmund. *Delírios e sonho na Gradiva de Jensen*. Rio de Janeiro: Imago (Coleção Standard, v. IV), 1968.

GAIMAN, Neil. *Fumaça e espelhos*. São Paulo: Conrad. 2000.

JUNG, Carl G. et alli. *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s/d.

LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*. São Paulo: Brasiliense, s/d. Histórias de Tia Nastácia.

PROPP, Vladimir I. *Morfologia do conto maravilhoso*. Trad. Jasna Paravich Sarhan. Org. Boris Schnaiderman. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984.

Sonia Rodrigues, doutora em literatura e autora da *Coleção Reconstruir*, Formato Editorial. Para mais informações sobre a autora, consulte: www.autoria.com.br



São outras as nossas princesas

Sueli de Oliveira Rocha

São lindas, geralmente de pele muito clara e de cabelos loiros. Algumas ainda crianças, outras mal entradas na adolescência. Têm uma vida tranqüila e feliz, até que, em determinado momento, passam por provas e provações, mas são salvas por jovens príncipes, belos, educados e ricos, que por elas arriscam a própria vida e com os quais elas se casam, sendo, então, “felizes para sempre”. Pertencem aos contos de fadas, são européias e suas histórias aconteceram há muito e muitos anos.

Mas nem todas as princesas são as dos contos de fadas da Europa, a bela, gloriosa e deslumbrante irmã. A África, por exemplo, deu ao mundo princesas famosas, como Nefertiti, célebre por sua beleza, e Cleópatra, imortalizada nas telas do cinema por Elizabeth Taylor, dona de lindos e famosos olhos de cor azul-violeta.

Na África de nosso imaginário, fundem-se dois mundos. De um lado, a África da ciência, do nascimento da geometria às margens do Nilo, da biblioteca de Alexandria, da opulência dos tesouros dos faraós, da imponência das pirâmides e do exotismo dos safáris. De outro lado, a África da miséria, do fornecimento de mão-de-obra escrava, da fome e desnutrição das crianças de Biafra, a África da diáspora, a África, irmã pobre.

Cleópatra e Nefertiti estão longe no tempo. Na história mais recente, para onde foram e onde estão as princesas africanas? No período em que durou o tráfico negroiro

do Atlântico, muitas famílias reais africanas foram escravizadas e enviadas para outros lugares do mundo, em especial para as Américas. No mapa da diáspora africana¹, o Brasil figura no primeiro lugar do mundo. Nosso país tem a maior população de origem africana fora da África, ou seja, tem 85.783.143 afrodescendentes. Esse número representa 44,7%² da nossa população. Ou seja, quase metade da população brasileira é formada por descendentes dos negros africanos que para cá vieram e trabalharam sob péssimas condições, formando a mão-de-obra escrava nos engenhos de açúcar e nas minas de ouro, durante o período que foi de 1530 a 1888. É aqui, portanto, em nosso país, que está a maioria dos descendentes das famílias africanas (da realeza ou não) trazidas como escravas na época do Brasil Colônia. Seus filhos - juntamente com indígenas, europeus e asiáticos - compõem a população brasileira e fazem parte de diversas estatísticas.

As crianças e adolescentes com ascendência africana - príncipes e princesas ou não - aparecem no Censo Escolar, uma pesquisa que abrange as diferentes etapas e modalidades da Educação Básica no Brasil. Realizado anualmente pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep/MEC), o Censo Escolar pesquisa escolas públicas e privadas de todo o país, trazendo à tona alguns dados interessantes, merecedores de uma leitura mais atenta.

Desde 2005, o Censo Escolar vem incluindo em seu questionário o quesito cor/raça³. Em 2007, na modalidade ensino regular, o Censo Escolar revelou os seguintes números de alunos, para esse quesito:

NÚMERO DE ALUNOS DA EDUCAÇÃO BÁSICA NO BRASIL, POR RAÇA/COR EM 30/5/2007					
ENSINO REGULAR					
		Total do Brasil	Total da Educação Infantil	Total do Ensino Fundamental	Total do Ensino Médio
Total de matrículas		52.179.530	6.417.502	31.733.198	8.264.816
Raça/cor	Não declarada	8.264.816 15,8%	2.549.841 39,7%	19.801.732 62,4%	5.583.355 67,5%
	Declarada	20.773.976 84,2%	3.867.661 60,3%	11.971.466 37,6%	2.681.461 32,5%
	Branca	9.761.190 46,9%	1.913.831 49,4%	5.602.236 46,7%	1.360.620 50,7%
	Preta	1.244.319 5,9%	200.247 5,7%	688.129 5,7%	153.031 5,7%
	Parda	9.416.878 45,3%	1.700.189 43,9%	5.420.137 45,2%	1.125.210 41,9%
	Amarela	179.082 0,8%	31.801 0,8%	105.125 0,8%	25.195 0,9%
	Indígena	172.507 0,8%	21.593 0,5%	115.839 0,9%	17.405 0,6%
Fonte: http://inep.gov.br . Censo Escolar 2007, tabelas 1.2; 1.7; 1.19; e 1.31. Observação: Para efeito deste texto, apenas o ensino regular foi considerado. Ficaram, pois, fora dele a Educação de Jovens e Adultos, a Educação Especial e a Educação Profissionalizante.					

Entre as várias ponderações que podem ser desenvolvidas a partir da análise das informações produzidas pelo Censo Escolar, alguns dados chamam a atenção. Um deles é que, à medida que a escolaridade avança, aumenta o número dos que não desejam declarar sua cor/raça. É preciso lembrar que durante o período da escravidão, os negros escravizados trabalhavam de sol a sol, recebendo uma alimentação de péssima qualidade, não podiam praticar a própria religião nem a própria língua; suas festas e rituais eram proibidos;

e, para que fossem impedidos de fugir, eram acorrentados. Nas reminiscências dessas humilhações pode estar embutido o desconforto do adolescente do Ensino Médio, que prefere não declarar a própria

cor/raça no questionário do censo Escolar, evitando qualquer possibilidade de discriminação.

Outra constatação é que, no Ensino Médio, enquanto a população branca aumenta (50,7%), diminui a presença negra/parda (47,6%). A pergunta que não cala é: quantos conseguirão chegar ao Ensino Superior?

Outro fato importante é que, somando os resultados referentes à raça/cor *preta e parda*, indicativa da afrodescendência, encontramos:

No Brasil: 10.661.197 = 51,2%
Na Educação Infantil: 1.900.436 = 49,6%
No Ensino Fundamental: 6.108.266 = 50,9%
No Ensino Médio: 1.278.241 = 47,6%

Ou seja, no total do ensino regular da Educação Básica Brasileira, a distribuição cor/raça está equilibrada entre a branca, com 46,9%, e a negra/parda, com 51,2%. A maioria dos alunos brasileiros é de descendência africana e se declara de cor/raça negra ou parda. Nesse contingente estão as princesas afrodescendentes que, do Infantil ao Ensino Médio, recebem uma educação baseada em pressupostos europocêntricos que reproduzem relações sociais marcadas por uma suposta superioridade branca.

Entretanto, mesmo com a tradição represada, a influência africana no Brasil se faz presente na música (o ritmo), na dança (os movimentos assimétricos), na culinária (o vatapá), na medicina popular (as ervas, as simpatias, as benzeduras), na religião (umbanda e candomblé), na língua (angu, batuque, cachaça, fubá, miçanga, quitute, samba), na formação de população, apenas para lembrar alguns exemplos.

Um caminho para mudar essa escola que desconsidera a presença africana em nossa cultura é dotar os conteúdos por ela oferecidos de referenciais africanos positivos; é trabalhar com os alunos a valorização de protagonistas negros, buscando produzir um efeito positivo na construção da identidade desses príncipes e princesas brasileiros afrodescendentes. Esse é um caminho para podermos contar outras histórias, essas também com final feliz. E delas um dia se poderá dizer:

São lindas, geralmente de pele negra. Algumas ainda crianças, outras mal entradas na adolescência...

Notas:

¹ Publicado em 1990, de autoria de Joseph Harris, um historiador norte-americano.

² Esse número aumenta quando os critérios são as pesquisas genéticas, segundo as quais 86% dos brasileiros têm algum grau de ascendência africana. De acordo com esses estudos, os genes africanos variam de 10 a 100% de ancestralidade no brasileiro, que pode ou não apresentar traços de fisionomia negra, devido ao alto grau de miscigenação ocorrida em nosso país.

³ As variáveis *branca, preta, parda, amarela e indígena*, para aferir o quesito cor/raça, foram definidas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). As respostas ao questionário para aferição desse item são obtidas por documento comprobatório, por auto-declaração do aluno quando maior de 18 anos, ou por declaração do responsável.

Sueli de Oliveira Rocha é coordenadora, na Baixada Santista, do Programa de Leitura da Petrobras-RPBC pela Leia Brasil, ONG de promoção da leitura. Foi também membro da equipe pedagógica do Gruhbas Projetos Educacionais e Culturais e do conselho editorial dos jornais “Bolando Aula”, “Bolando Aula de História” e “Subsídio”.



Que fada é essa?

Maria Clara Cavalcanti de Albuquerque

Acostumados à imagem européia das fadas que ilustram os contos desde o início da literatura infantil, fica difícil nos descolarmos da figura da fada sempre tão loura, tão esguia e tão doce que nos foi imposta, e conseguirmos contextualizá-la nos contos das diferentes culturas.

Nas diferentes cidades em que dou oficinas de contadores de histórias, costumo contar uma história escrita por Gail Harley, chamada *O Baú das Histórias*. Trata-se de uma antiga história da cultura yorubá, que nos conta como Ananse, o homem aranha, conseguiu comprar de Nyame, o Deus do Céu, histórias que ficavam encerradas dentro de um baú, para espalhá-las pelo mundo. Para tanto, o Deus lhe impôs três tarefas, entre elas, que ele lhe trouxesse Moatia, “a fada que nenhum homem viu”.

Após contá-la, costumo passar o vídeo da história. A reação invariavelmente é a mesma: como, uma fada negra? “Como, uma fada tão diferente?...uma fada que se irrita?... que ameaça bater numa boneca de piche?”

Embora eu enfatize a procedência africana da história enquanto a narro, embora a narrativa esteja pontuada por palavras estranhas e conserve as onomatopéias características dos contos yorubá, a aparição de Moatia - trajada com uma saia de palha, com um turbante na cabeça e desafiando uma boneca de piche que não responde suas perguntas - sempre causa estranhamento. É como que se a imagem de uma fada humanizada, com características

de sua raça e capaz de sentimentos menos nobres, fosse uma espécie de traição a uma concepção há muito enraizada em nosso imaginário.

No entanto, as histórias clássicas, os mitos gregos, as lendas dos mais variados países nos falam o tempo todo das alterações físicas e de humor dessa figura atemporal que habita nossa imaginação.

Não podemos nos esquecer que, no clássico *A Bela Adormecida*, foi uma fada, e não uma bruxa, que lançou sobre uma recém-nascida uma sentença de morte por não ter sido convidada para o banquete de seu batizado; que na história *As fadas*, recolhida por Perrault, a mesma fada que deu a uma menina o dom de, ao falar, verter pela boca rosas e pérolas, condenou outra a cuspir sapos, escorpiões e toda sorte de animais peçonhentos a cada vez que pronunciasse uma palavra. Melusina, que se transformava em serpente a cada sábado, Morgana, ora jovem, ora velha, as Moiras, implacáveis donas do destino temidas até por Zeus, são apenas alguns exemplos das oscilações de humor e das transformações das quais essas criaturas mágicas são capazes.

Antero de Quental, em seu poema *As fadas*, nos fala sobre elas e nos adverte:

(...) Quem as ofende...cautela!
A mais risonha, a mais bela,
Torna-se logo tão má,
Tão cruel, tão vingativa!
É inimiga agressiva,

*É serpente que ali está!
E têm vinganças terríveis!
Semeiam coisas horríveis,
Que nascem logo do chão...
Línguas de fogo que estalam!
Sapos com asas, que falam!
Um anão preto! Um dragão!*

*Ou deitam sortes na gente...
O nariz faz-se serpente,
A dar pulos, a crescer...
É-se morcego ou veado...
E anda-se assim encantado,
Enquanto a fada quiser! (...)*

Nesta revista, temos uma excelente oportunidade de refletir não só sobre a natureza das fadas, mas também sobre o que faz com que essas histórias se espalhem, quase que por magia, por todos os cantos do mundo, ganhando em cada canto um novo colorido, uma nova roupagem, um novo cenário, mas falando sempre, embora com os sotaques mais variados, das necessidades e sentimentos mais básicos do ser humano.

Maria Clara Cavalcanti de Albuquerque é psicóloga, especialista em Literatura Infanto-juvenil (UFF) e Leitura (PUC-Rio) e contadora de histórias do Confabulando.



A donzela, o sapo e o filho do chefe

Maria Clara Cavalcanti de Albuquerque

Havia uma vez um chefe africano que tinha duas mulheres e com cada uma delas tinha uma filha.

Aconteceu que, um dia, a primeira mulher morreu, e sua filha teve de ir morar com a segunda mulher, que não gostava nem um pouquinho dela e logo passou a maltratá-la de todas as maneiras.

Era ela quem cuidava dos animais, tirava água do poço, cortava lenha, e como se tudo isso não bastasse, ainda tinha de moer o tuwo¹ e o fura², e dar de comer a toda a família. O pior, é que depois de todo o trabalho feito, a madrasta só permitia que ela comesse as raspas queimadas que sobravam no fundo da panela.

Sem nada poder fazer, a menina sentava-se perto de um poço e comia o que conseguia. O resto, jogava para os sapos que moravam dentro d'água.

E assim aconteceu dia após dia, até que ao lugar chegaram mensageiros de uma aldeia vizinha, anunciando que haveria uma grande festa no dia do Festival da Colheita.

Nesta tarde, quando ela foi para o poço comer as raspas que a madrasta lhe dera, ela encontrou um enorme sapo, que foi logo dizendo:

– Donzela, amanhã é o dia do Festival. Venha até aqui assim que o sol raiar e nós a ajudaremos.

Na manhã seguinte, porém, quando ela estava indo para o poço, a meia irmã lhe disse:

– Volte aqui, sua menina inútil! Você não mexeu o tuwo, nem moeu o fura, nem

pegou água no poço, nem lenha na floresta.

Então ela voltou para fazer esses trabalhos e o sapo passou o dia inteiro esperando por ela.

Ao entardecer, assim que acabou todo o serviço, ela correu para o poço e lá estava o velho sapo, que foi logo dizendo:

– Tsc, tsc. Esperei por você desde de manhã e você não veio.

– Velho amigo – respondeu a menina – eu sou uma escrava. Minha mãe morreu e eu me mudei para a cabana da outra mulher de meu pai. Ela me faz trabalhar sem parar e só me dá restos de comida para comer.

O sapo, então, disse:

– Menina, dê-me sua mão.

Ela estendeu-lhe a mão e pularam juntos para dentro d'água.

Aí, ele a levantou, engoliu-a e depois a vomitou.

– Boa gente – disse ele para os outros sapos – Olhem e digam-me. Ela está reta ou torta?

Os sapos se entreolharam e responderam: “Ela está torta para a esquerda”.

Então ele novamente a levantou, engoliu-a, vomitou-a e novamente perguntou aos outros sapos:

– Boa gente. Olhem e digam-me. Ela está reta ou torta?

– Ela está bem reta agora – coaxaram os sapos.

Então ele vomitou roupas, pulseiras, anéis e um par de sapatos, um de prata e outro de ouro, e disse:



– Tome. Vista-se e vá ao Festival. Mas preste atenção. Quando a dança estiver quase no fim e os dançarinos já estiverem se dispersando, deixe seu sapato de ouro lá e volte para casa.

A menina vestiu as lindas roupas, enfeitou-se com as lindas jóias que o sapo lhe dera e correu para o Festival.

Quando o filho do chefe a viu chegando, disse:

– Aí está uma donzela para mim. Não me interessa de que casa ela vem. Tragam-na aqui!

Então os servos levaram a menina até onde ele estava e juntos eles passaram a noite toda conversando. Mas quando os bailarinos começaram a se dispersar, ela se levantou e, antes que o filho do chefe pudesse impedi-la, saiu correndo, deixando o sapato de ouro para trás.

Na beira do poço, já esperando por ela, estava o sapo. Mais do que depressa, eles pularam dentro d'água, ele a engoliu e vomitou-a: e lá estava ela, exatamente como era antes, vestida com andrajos.

Enquanto isto, o filho do chefe dizia ao pai:

– Pai, hoje conheci uma jovem que usava um par de sapatos, um de ouro e outro de prata. Aqui está o de ouro, ela o esqueceu aqui. Ela é a menina com quem eu quero me casar. Faça com que se reúnam todas as jovens, moças ou velhas dessa aldeia e da aldeia vizinha, para descobrir quem tem o de prata.

O chefe na mesma hora ordenou que se reunissem todas as donzelas e cada uma experimentou o sapato, mas em nenhuma ele serviu. Foi quando alguém disse:

– Espere um minuto! Ainda há aquela moça órfã, que mora naquela casa.

Buscaram então a moça. Assim que o filho do rei a viu, correu em direção a ela, calçou o sapato de ouro em seu pé e levou-a com ele para sua cabana.

Assim que ela partiu, o sapo chamou todos os outros sapos, tanto os grandes quanto os pequenos, e lhes disse:

– Minha filha está se casando. Quero que cada um de vocês dê a ela um presente.

E cada um deles vomitou coisas para ela: cobertores coloridos, tapetes, esteiras, tecidos, vasilhas, e o sapo velho, depois de muito esforço, vomitou uma cama de prata, uma cama de cobre e uma cama de ferro.

Na manhã seguinte, quando a menina acordou, viu na soleira da porta o velho amigo e os presentes. Ela ajoelhou-se respeitosamente e ele lhe disse:

– Isto tudo é para você. Mas preste atenção. Quando seu coração estiver triste, deite-se na cama de bronze. Quando seu coração estiver tranqüilo, deite-se na cama de prata e quando o filho do chefe vier visitá-la, deite-se com ele na cama de ouro. Quando as outras mulheres de seu esposo vierem cumprimentá-la, dê-lhes duas cabaças de nozes e dez mil conchas de molusco³ para comprarem flores de tabaco. Quando as concubinas vierem pegar milho para fazer o tuwo, deixem que se sirvam à vontade. Mas, se a mulher de seu pai vier com sua filha e lhe perguntar como é viver na cabana

do chefe, diga-lhe: “Viver na cabana do chefe é muito difícil, porque eles medem o milho com uma concha de Bambara⁴”.

Um dia, a madrasta foi com a filha visitar a menina e perguntou-lhe como era a sua vida.

Lembrando-se dos conselhos do sapo, ela respondeu:

– Oh! É muito difícil. Eles usam uma concha de Bambara para medir o milho. Quando as outras mulheres do chefe vêm me cumprimentar, eu respondo com um “BAH!” de desprezo. Se as concubinas vêm me cumprimentar, eu cuspo nelas. E quando meu marido chega na cabana, eu grito com ele.

A madrasta, na mesma hora, colocou a própria filha na cabana e obrigou a órfã a voltar para casa com ela.

Na manhã seguinte quando as mulheres vieram cumprimentá-la, a filha da madrasta gritou-lhes: “BAH!”. Quando as concubinas vieram visitá-la, ela cuspiu nelas. E quando caiu a noite e o filho do chefe foi vê-la, ela gritou com ele.

O filho do chefe achou aquilo muito estranho. Saiu da cabana e por dois dias pensou no assunto. Depois, reuniu suas mulheres e concubinas e disse para elas: – Olhem! Chamei vocês para perguntar-lhes: Como minha nova esposa trata vocês?

– Como nos trata?! exclamaram elas. – Cada manhã, quando íamos cumprimentá-la, ela nos dava duas cabaças de nozes e dez

mil cowries para comprar flores de tabaco. Depois dava a cada uma de nós uma cabaça de nozes, cinco mil cowries para comprar flores de tabaco, e um saco cheio de milho para fazer tuwo. Agora ela grita “Bah!” e nos cospe.

– Vê - disse ele. Antes, quando ia vê-la, eu sempre a encontrava ajoelhada e ela se deitava comigo na cama de ouro, agora ela grita comigo. Acho que trocaram a menina.

O filho do chefe, então, chamou seus guerreiros. Eles entraram na cabana da moça e a cortaram em pedacinhos.

Depois, foram à casa da madrasta e lá encontraram a pobre órfã deitada nas cinzas da fogueira. Na mesma hora a levaram de volta para o marido.

Na manhã seguinte, ela contou ao marido como o sapo a havia ajudado e pediu que ele mandasse construir um poço próximo à sua cabana para que o velho sapo e todos outros sapos, grandes ou pequenos, passassem a morar ali. E assim foi.

Notas:

¹ Tuwo – uma espécie de mingau.

² Fura – uma espécie de mistura de cereais.

³ Conchas usadas como dinheiro em várias tribos africanas.

⁴ Expressão que significa “como as pessoas aqui são ‘pão-duras’, há pouco para comer”.

Tradução e adaptação de Maria Clara Cavalcanti de “The maiden, the frog & the chief’s son”, de William Bascom, e que faz parte do livro CINDERELLA, A Folklore Casebook, de Alan Dundes Garland, da editora Publishing, Inc. New York & London. 1982 p.148. Este conto foi publicado no “Journal of the Folklore Institute”, em 1972.



Conta a Lenda que Dormia

Conta a lenda que dormia
Uma Princesa encantada
A quem só despertaria
Um Infante, que viria
De além do muro da estrada.

Ele tinha que, tentado,
Vencer o mal e o bem,
Antes que, já libertado,
Deixasse o caminho errado
Por o que a Princesa vem.

A Princesa Adormecida,
Se espera, dormindo espera.
Sonha em morte a sua vida,
E orna-lhe a fronte esquecida,
Verde, uma grinalda de hera.

Longe o Infante, esforçado,
Sem saber que intuito tem,
Rompe o caminho fadado.
Ele dela é ignorado.
Ela para ele é ninguém.

Mas cada um cumpre o Destino —
Ela dormindo encantada,
Ele buscando-a sem tino
Pelo processo divino
Que faz existir a estrada.

E, se bem que seja obscuro
Tudo pela estrada fora,
E falso, ele vem seguro,
E, vencendo estrada e muro,
Chega onde em sono ela mora.
E, inda tonto do que houvera,
A cabeça, em maresia,
Ergue a mão, e encontra hera,
E vê que ele mesmo era
A Princesa que dormia.

Fernando Pessoa, in "Cancioneiro"

Rainhas negras na África e no Brasil

Luiz Geraldo Silva

A história africana e a história do Brasil estão repletas de histórias de rainhas negras. Talvez a mais célebre delas seja a de Jinga, ou *Nzinga*, como se pronunciava em *mbundu*. Nascida por volta de 1581, viveu num dos territórios tributários do antigo reino do Congo, Ndongo. Sua trajetória é surpreendente e fabulosa. Por volta de 1622, Jinga foi enviada a Luanda, cidade que sediava a administração portuguesa em Angola. Ela se apresentou em Luanda como uma espécie de embaixadora de Ndongo, reino para o qual os portugueses queriam expandir seu comércio de escravos. Nessa circunstância, foi batizada com o nome católico de Ana.

Em 1624, o reino de Ndongo viveu uma crise de sucessão. Como não havia sistemas baseados na primogenitura, como na Europa, as regras de sucessão na África previam a eleição de um rei entre membros da nobreza e a consequente formação de partidos. Naquela circunstância, estavam de lados opostos Jinga e Ngola-a-Ari, o qual saiu vitorioso. Jinga retirou-se com seu povo para as regiões de Matamba, tornando-se rainha desde então. Ngola-a-Ari, contudo, morreu envenenado em 1627, permitindo o regresso de Jinga, que passou a governar Ndongo.

Seu longo reinado durou até 1663, e tanto portugueses como, depois, holandeses tiveram que negociar com ela, ou enfrentar sua resistência à penetração europeia em alguns territórios de Ndongo. Os portugueses, particularmente, reconheciam-lhe a autoridade política, pois em outubro de 1641 uma ordem do Conselho Ultramarino criticava Fernão de Souza, então governador em Angola, por este “ter tirado a realeza de Jinga”, reiterando que a ela, e só a ela, “assistia o direito e a justiça” em Ndongo.

Ao longo de seu reinado, Jinga enfrentou várias guerras contra outros reis africanos ou contra autoridades europeias. Numa guerra travada em 1629 pelo controle de Matamba, suas irmãs, Kambo e Funji, caíram nas mãos dos portugueses, acabando presas em Luanda. Anos depois, Jinga fez acordos com os holandeses, que ocuparam Luanda em agosto de 1641. Daí até 1643 viveu uma guerra dramática contra os Imbagalas de Kassanji, que resistiam à presença batava. A partir de 1644, os portugueses foram seus principais inimigos em sucessivas batalhas que duraram até 1648. Em 1651, porém, a rainha Jinga e o governador de Angola, Salvador Correia de Sá e Benevides — que governara o Rio de Janeiro entre



1637 e 1642 – firmaram a paz, bem como acordos comerciais. Naquela ocasião, Salvador de Sá afirmara a Jinga que era “maior honra poder cooperar pelo aumento de sua grandeza, que ser servido por todos os escravos não da Matamba, mas de toda a África”. Em 1656, aos 75 anos de idade, Jinga permitiu a entrada de capuchinhos em seu território, casou-se pelo ritual católico e manifestou clara vontade de praticar o catolicismo. Tudo isso fazia parte da política de alianças com os portugueses. Esses, graças a ela e aos acordos comerciais antes firmados, incrementaram o tráfico de escravos a partir da África Centro-Ocidental, o qual atingiu volume sem precedente. Em troca, Jinga controlava na década de 1660 “o mais importante espaço econômico da África Central Ocidental alguma vez submetido a uma só autoridade”, como afirma o africanista português Adriano Parreira.

Foi graças a rainhas como Jinga que o comerciante francês Louis-François de Tollenare conheceu, em dezembro de 1816, outra rainha, chamada Tereza, uma escrava do engenho Sibiró, província de Pernambuco. “Era uma bela mulher, de 27 a 28 anos, muito alegre e faladeira”, escreveu. Tereza fora rainha em Cabinda, na região de Loango, também situada na África Centro-Ocidental. Pega em adultério, acabou convertida ao cativo. Ao chegar ao Brasil, trazia anéis de cobre dourado nas pernas e nos braços, e era alta, recusando-se a trabalhar. Por volta de 1814, uma negra da moenda adoeceu. Tereza a substituiu. Pouco afeita àquele trabalho, teve uma das mãos presa ao cilindro que esmagava cana de açúcar. Tentou livrar-se com a outra mão, mas esta também ficou

presa. Tereza perdera, assim, dois antebraços, amputados antes que gangrena a consumisse. “Vi a pobre Tereza neste lamentável estado”, diz Tollenare em dezembro de 1816. “Hoje não pode mais trabalhar”, continua o francês; “empregaram-na, porém, utilmente para vigiar as companheiras, e sabe fazer-se temer e obedecer”. Uma vez rainha, sempre rainha.

Jinga e Tereza não apenas foram rainhas. Também possuem destinos entrelaçados. Uma favoreceu enormemente o tráfico de escravos, o que permitiu a outra ter vindo parar deste lado do Atlântico, e no cativeiro. Uma realizou um governo longo e bem sucedido, marcado por guerras e crises, mas também por acordos de paz. A outra também guerreou a princípio contra seu senhor, mas acabou se submetendo a ele, ao mesmo tempo em que viu seu poder reconhecido no engenho onde vivia. São histórias de mulheres que ligam a África e o Brasil. Mulheres rainhas que, mesmo em desgraça, jamais perderam a realeza.

Bibliografia recomendada:

PARREIRA, Adriano. *Economia e sociedade em Angola na época da rainha Jinga, século XVII*. Lisboa: Editorial Estampa, 1990.

THORNTON, John. *A África e os africanos na formação do mundo atlântico (1400-1800)*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2004.

FAGE, J. D. *História da África*. Lisboa: Edições 70, 1997.

Luiz Geraldo Silva - Professor do Departamento de História da Universidade Federal do Paraná (UFPR); Bolsista-Pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

As princesas africanas

Braulio Tavares

Rainhas e princesas da África são uma fonte de mitos e de fantasias para a cultura ocidental. Elas reúnem poder e exotismo, atração sexual e mistério histórico.

A Rainha de Sabá

Talvez a soberana africana cuja lenda é a mais remota seja a Rainha de Sabá. Sua visita ao rei Salomão é descrita no I Livro dos Reis, no Antigo Testamento. Além de bela e riquíssima, era uma mulher de grande sabedoria. A Bíblia não indica que tenha ocorrido nenhum caso amoroso entre os dois, mas dá a entender que eles travaram um desafio de inteligência e de adivinhações. Propor enigmas durante festas era um costume em Israel (veja-se o enigma proposto por Sansão aos filisteus, em Juízes, 14: 14: *Do comedor saiu comida, e do forte saiu doçura*).

E até a rainha de Sabá, ouvida a fama de Salomão no nome do Senhor, veio fazer experiência nele por enigmas. E tendo entrado em Jerusalém com grande comitiva, e rica equipagem, com camelos que traziam aromas, e infinita quantidade de ouro, e pedras preciosas, se apresentou diante do rei Salomão, e lhe descobriu tudo quanto trazia no seu peito. E Salomão a instruiu em todas as coisas, que ela lhe tinha proposto: não houve nenhuma que o rei ignorasse, e sobre a qual ele não lhe respondesse. (I Reis, 10: 1-3)

Reza a lenda, no entanto, que os dois foram amantes. A rainha teria pedido ao rei, quando este a hospedou no palácio, que não a possuísse sem o seu consentimento. Salomão acedeu, pedindo apenas que ela não se apoderasse, sem o consentimento dele, de nenhuma riqueza que visse à sua volta. Tendo assim combinado, os dois foram jantar e o rei deu instruções veladas aos criados para que servissem comida com muito sal e tempero. Durante a noite, a rainha acordou com sede e levantou-se para beber água. Salomão surgiu diante dela e disse que a maior riqueza do povo de Israel era a água; se ela quebrasse a palavra dada, ele se sentiria no direito de fazer o mesmo. E (diz a lenda) ambos acharam mais sensato liberar-se mutuamente das promessas feitas e aproveitar a companhia um do outro.

A Rainha de Sabá foi tema de dezenas de livros, poemas, filmes (foi interpretada no cinema, entre outras atrizes, por Gina Lollobrigida em 1959 e Halle Berry em 1994). William Butler Yeats dedicou a ela e Salomão um poema famoso, em que o Rei diz: “Não há homem ou mulher nascidos sob o céu cujo saber se compare ao nosso, e durante este dia inteiro descobrimos que não há nada como o amor para fazer o resto do mundo parecer um curral estreito”. O romancista H. Rider Haggard, em *As Minas de Salomão*, criou a famosa imagem dos “Seios da Rainha de Sabá”, dois montes gêmeos que, num mapa do tesouro, indicam



a direção das famosas minas e do tesouro fabuloso que lá se oculta.

Outra lenda sobre a rainha conta que, passeando por Jerusalém, ela teria se recusado um dia a atravessar uma ponte de madeira, sem dizer no entanto a razão. A lenda explica dizendo que ela percebeu, com sua clarividência, que da madeira daquela ponte seria feita a cruz em que Jesus Cristo viria a ser crucificado.

Cleópatra

Cleópatra é a rainha africana mais famosa. Sendo uma governante poderosa, e que se envolveu numa relação política e amorosa com dois generais romanos, ela passou para a História como uma típica mulher fatal, aquela pela qual os homens estão dispostos a sacrificar um império inteiro. Olavo Bilac, num soneto famoso, disse que

ela se suicidou porque temeu ser levada como prisioneira para Roma: “matou-a o medo de ser feia”. O carnavalesco Joãozinho Trinta costumava afirmar que Hollywood distorceu a verdade histórica ao escalar a branquíssima (e de olhos violeta) Elizabeth Taylor para o papel da rainha egípcia, pois, segundo ele, “ela era uma neguinha”, como a maioria dos egípcios de sua época.

Na verdade Cleópatra pertencia ao ramo macedônio (descendente de Alexandre, o Grande) que governou o Egito por várias dinastias e, se não era alva como Liz Taylor, também não seria propriamente uma núbia. Celebrada pela literatura, pela poesia, pelo cinema e teatro e, principalmente, pela tradição oral, Cleópatra entrou para a cultura de massas como a mulher mais bela do mundo em sua época. Plutarco, em sua biografia de Marco Antônio, nos dá um retrato

mais equilibrado da rainha, mostrando que sua força não residia apenas na beleza:

Sua formosura, assim nos disseram, não era de modo algum incomparável, nem de molde a impressionar os que a viam. Mas sua conversação tinha um encanto irresistível, e sua presença, combinada com o tom persuasivo de sua fala, e a personalidade que se imprimia em seu relacionamento com os demais, tinha algo de estimulante. Também havia uma doçura no seu tom de voz, e sua língua, como um instrumento com muitas cordas, se amoldava a qualquer idioma da forma que melhor lhe convinha.

Cleópatra tinha cerca de vinte anos quando conheceu Júlio César, que tinha mais de cinquenta. Era provavelmente de pequena estatura, a julgar pelo episódio de seu primeiro encontro com César, em que ela se fez

enrolar num tapete e entrou assim no palácio, surgindo aos pés de César quando o tapete foi desenrolado diante do seu trono.

Ayesha

Na literatura, há uma princesa africana que reúne em si toda a mística de Cleópatra e da Rainha de Sabá, numa obra-prima obscura escrita pelo mesmo autor de *As minas de Salomão*, H. Rider Haggard: *Ela* (Editora Record), um romance de 1887 em que um grupo de exploradores encontra num recanto perdido da África um reino negro governado por uma rainha branca que se diz ter mil anos de idade. Sua beleza é tal que ela precisa aparecer velada diante dos seus súditos, para que não enlouqueçam de paixão. Seu nome é Ayesha; seu povo a chama “Aquele-que-deve-ser-obedecida”. Ayesha julga reencontrar no explorador inglês a reencarnação do seu amor perdido, que ela esperava há séculos.

A princesa africana é um desses mitos necessários, que parecem preencher uma necessidade coletiva de acreditar na possibilidade de existência de mulheres belas, irresistivelmente sedutoras, poderosas, capazes de mudar o curso da História com seus caprichos.

Bráulio Tavares é escritor, compositor, estudou cinema na Escola Superior de Cinema da Universidade Católica de Minas Gerais. Também é pesquisador de literatura fantástica, compilou a primeira bibliografia do gênero na literatura brasileira, o “*Fantastic, Fantasy and Science Fiction Literature Catalog*” (Fundação Biblioteca Nacional, Rio, 1992). Publicou “*A máquina voadora*”, “*A espinha dorsal da memória*” e “*Os martelos de Trupizupe*”, entre outros.





O casamento da princesa¹

Celso Sisto

A beleza andava de mãos dadas com a princesa Abena, pois tinha reunido numa só pessoa um harmonioso pescoço alongado, um rosto arredondado e seios grandes.

O rei, seu pai, sorria para si e para o mundo, cada vez que constatava, com os próprios olhos, a formosura da filha. E por isso acreditava que seria fácil casá-la, quando chegasse a hora.

A sucessão dos anos só aumentava a perfeição dos traços de Abena. Além de tudo, ela tinha ainda a ajuda dos magníficos trajes que usava: sempre envolta nos mais belos tecidos e vestimentas; sempre adornada com os mais fulgurantes colares e brincos; sempre emergindo do colorido das roupas, como a mais nobre visão da beleza.

A notícia da suprema graça de Abena circulou pelas tribos, atravessou os mares, subiu aos céus, correu por toda a África tropical. Mas foi só quando os habitantes dos mais distantes povoados começaram a chegar para ver com seus próprios olhos a princesa mais linda do mundo, é que chegaram também os pedidos de casamento.

Os primeiros pretendentes à mão da princesa foram o Fogo e a Chuva.

A Chuva surgiu de repente, meio às escondidas, usando um *kente*² único, feito da mais pura seda, especialmente para aquela ocasião. Pedir a mão daquela princesa exigia roupa adequada e padronagem nunca antes vista!

Nem é preciso dizer que Abena encantou-se logo com os modos de seu primeiro pretendente. O olhar molhado, o corpo luzidio, as palavras que rolavam feito água cantante, ficaram ainda mais bonitas nos versos que ele chuiu nos seus ouvidos:

- O olhar do amor fez passear o passarinho que assim baixinho, trouxe água do seu bico até seu ninho...

E o pretendente ofereceu ainda mais:

- Linda Abena, olhe para adiante, olhe. Daqui até as savanas de Burkina Fasso, até as areias do Golfo da Guiné, até as plantações do Togo, até as florestas da Costa do Marfim, você não encontrará ninguém que seja mais poderoso que a Chuva. Com um simples aceno das mãos, faço crescer as plantações e multiplico as colheitas e as ervas para os rebanhos. Graças a mim, teremos sempre água pura para beber e rios e lagos cristalinos, cheinhos de peixes, onde se pode nadar e pescar.

E as palavras da Chuva soaram tão musicais aos ouvidos de Abena, e seu coração solitário ficou tão refrescado, que ela acabou prometendo-lhe casamento. E pediu-lhe que voltasse no outro dia para acertar os detalhes com o Rei.

Acontece que enquanto Abena se comprometia com a Chuva, o Rei, na mesma hora, logo ali, em outro aposento, firmava acordo com o Fogo. Este segundo pretendente tinha também ido pedir a mão da princesa. E da mesma forma que a Chuva, mostrou-se em trajes suntuosos e,



com finíssimos modos, apregou seu poder:

- Meu Rei, veja por si mesmo. Daqui até as savanas de Burkina Fasso, até as areias do Golfo da Guiné, até as plantações do Togo, até as florestas da Costa do Marfim, não haverá ninguém com maior vigor que o Fogo. Minhas chamas mantêm os animais perigosos ao longe, cozinham a comida diariamente, iluminam as intermináveis noites escuras e aquecem o corpo durante a rigorosa estação do frio. Que mais alguém poderia oferecer à sua bela filha? Consinta que eu me case com ela!

O Rei ficou tão impressionado com tal pretendente, e casar a filha durante a colheita do cacau era decisão tão antiga, que acabou por aceitar a proposta! Disse que ia comunicar o trato à princesa e mandou que o Fogo voltasse no dia seguinte, para acertarem os detalhes.

Mais tarde o Rei chamou a filha e comunicou-lhe a decisão que havia tomado:

- Encontrei teu futuro marido!
- Como assim, meu pai?
- Prometi ao Fogo que te casarás com ele!
- Com o Fogo? Mas eu prometi à Chuva que me casaria com ela!

Estava armada a confusão! O Rei, preocupado, pôs-se a pensar numa solução para não ter que faltar com sua palavra. A princesa, por sua vez, não queria trair seu coração.

- Não podemos quebrar nossas promessas! Sempre foi assim com nosso povo! E assim será! – sentenciou o Rei.

Na manhã seguinte, mal a claridade do dia luziu no horizonte, lá estavam o Fogo e a Chuva nas terras do Rei. Vinham certos de que em breve também fariam parte daquilo tudo ali, casando-se com a princesa Abena. Mas um não sabia ainda do outro.

O Rei veio recebê-los, e, sem rodeios, disse que já havia decidido a data para o casamento com sua filha.

- O meu casamento com ela? – perguntaram o Fogo e a Chuva ao mesmo tempo!

Só então se deram conta de que alguma coisa estava errada. Mas o Rei apressou-se em dizer:

- A princesa Abena se casará com o vencedor da corrida que organizei para o dia do casamento!

A notícia espalhou-se como chuva miúda. A notícia correu como um rastro de fogo.

Em toda a África Ocidental não se falava em outra coisa a não ser na tal disputa pela mão da princesa! Havia os que apostavam no Fogo. Era grande o número dos que torciam pela Chuva.

Só a princesa Abena conhecia de antemão o resultado, pois dizia para si mesma que fosse quem fosse o ganhador da corrida, ela só se casaria com a Chuva. Assim ela havia prometido desde o início, assim queria o seu enredado coração. Mas esse segredo, que não podia ser compartilhado com ninguém, fazia-a sofrer, deixava-a triste, murchava sua beleza. Afinal, como ir contra a decisão soberana do próprio pai?

Chegou finalmente o dia marcado. Era dia de festa e toda a aldeia estava enfeitada para a corrida e para a cerimônia do casamento. Todos esperavam o resultado final.

O rei deu a partida e a Chuva e o Fogo começaram a correr. Os tantãs

faziam vibrar a pele do antílope negro que recobria cada tambor, os chifres e as trombetas espalhavam no ar seus sons, ora estimulando as torcidas, ora impulsionando os concorrentes. Tudo ao redor parecia cantar:

“Quero ouvir os tambores a tocar.

Quero sentir os pés dos que dançam.

Quero sentir os tambores a tocar.

Quero ouvir os pés dos que dançam...”

O Fogo estava ganhando. Havia no ar um vento que o ajudava a multiplicar as chamas e a alastrar-se rapidamente. Por mais esforço que fizesse a Chuva, suas gotas eram insuficientes para colocá-la na frente. Ao contrário, quanto mais vertia água, mais pesada ficava, e mais terreno perdia!

O Fogo foi avançando, deixando para trás apenas as cinzas do que tocava com todo o seu calor e potência. Já era quase o vencedor...

Mas no momento da chegada, ali onde já evoluíam as máscaras rituais e o povo se aglomerava, eis que o Céu lançou um imenso rugido. Um trovão, que foi ouvido desde as águas do golfo até as paredes das montanhas, ecoou no ar. E foi o suficiente para, em seguida, desabar o maior aguaceiro de que já se teve notícia. Uma cortina de chuva despencou com a força de uma imensa manada de elefantes correndo pelas savanas, impedindo qualquer um de ver um palmo diante do nariz. Chuva da espessura do mundo, rápida, brilhante, quebrando-se nas folhas, fustigando as pedras, martelando o chão.

O Fogo que avançava destemido apagou-se a poucos metros da linha de chegada. E a Chuva enfim foi declarada vencedora!

A princesa Abena, mais feliz do que nunca, atirou-se de braços abertos sob a água celeste e bailou como nunca ninguém vira. Seu corpo inteiro comemorava a vitória da Chuva, inclusive seus olhos. O ritmo dos tantãs, que então batiam mais forte, obrigou todos que ali estavam a entrar na dança, que se estendeu por incontáveis noites.

Daquele dia em diante, o Fogo e a Chuva tornaram-se inimigos mortais. Só uma coisa não teve mais jeito: toda vez que chove forte, as pessoas param o que estão fazendo e põem-se a bailar debaixo da água que cai do Céu, tudo, tudo ainda para comemorar o casamento da princesa.

Notas:

¹ Conto popular de Gana e países da África Ocidental, recontado pelo autor.

² Traje típico do povo ashanti.

Celso Sisto é escritor, ilustrador, contador de histórias do grupo Morandubetá (RJ), ator, arte-educador, especialista em literatura infantil e juvenil, pela UFRJ, Mestre em Literatura Brasileira pela UFSC, Doutorando em Teoria da Literatura pela PUC-RS e responsável pela formação de inúmeros grupos de contadores de histórias espalhados pelo país. Tem 36 livros publicados para crianças e jovens e recebeu os prêmios de autor revelação do ano de 1994 (com o livro “Ver-de-ver-meu-pai”, Editora Nova Fronteira) e ilustrador revelação do ano de 1999 (com o livro “Francisco Gabiroba Tabajara Tupã”, da editora EDC) pela FNLII.



Versos de Orgulho

O mundo quer-me mal porque ninguém
Tem asas como eu tenho! Porque Deus
Me fez nascer Princesa entre plebeus
Numa torre de orgulho e de desdém!

Porque o meu Reino fica para Além!
Porque trago no olhar os vastos céus,
E os oíros e os clarões são todos meus!
Porque Eu sou Eu e porque Eu sou Alguém!

O mundo! O que é o mundo, ó meu amor?!
O jardim dos meus versos todo em flor,
A seara dos teus beijos, pão bendito,

Meus êxtases, meus sonhos, meus cansaços...
São os teus braços dentro dos meus braços:
Via Láctea fechando o Infinito!...

Floribela Espanca, in "Charneca em Flor"



Minha princesa africana

Márcio Vassallo

O nome dela era Marinela.

Ninguém acreditava que eu namorava
uma princesa africana.

Algumas pessoas nem sabiam que existia
princesa na África.

Mas a minha era de lá mesmo, de Luanda.

A Marinela era branquela e tinha mais
sardas do que o céu de Angola. Quando ela
pegava sol, era o sol que pegava a Marinela.
E a princesa ficava com a pele vermelha
que nem a areia do deserto de Kalahari.

Na realidade, a gente só tinha se visto
uma vez na vida e todos os dias esperava
pelo dia de se ver de novo.

Enquanto esse dia não chegava, a Mari-
nela me telefonava todas as noites e nós
conversávamos até ela dormir.

Botar uma princesa para dormir, pelo
telefone, e escutar a voz dela se desmachan-
do, no meio do escuro, me tirava o sono.

Com o seu sotaque português, a prince-
sa me dizia que só conseguia dormir depois
de me ouvir. Ou será que era eu que só
conseguia dormir depois de falar no ouvido
dela?

Sem nem saber dessa dúvida, no final
do mês, a rainha e o rei ficavam desespera-
dos com a paixão da filha e suas interminá-
veis contas de telefone, mais altas que as
torres do castelo, mais esticadas que beijo a
distância. Todos os dias eu escrevia cartas
de amor para a Marinela.

As minhas cartas eram ainda mais com-
pridas do que as horas que a gente passava
se ouvindo. E as horas que a gente passava

se ouvindo eram maiores que todas as sel-
vas da África.

Eu passava o dia escrevendo para ela,
mesmo quando nem me sentava para escre-
ver, mesmo quando escrevia só na minha
idéia, sem passar para o papel.

E quando eu entrava na agência dos cor-
reios, perto da minha casa, as moças do
balcão ficavam de riso exibido para mim.

Afinal, tinha tardes que eu chegava lá
com mais que um bocado de envelopes de
cartas, todos endereçados para a mesma
dona.

E se me desse naquela hora uma vontade
de dizer para a Marinela a mesma coisa
que eu dizia sempre, mas de uma forma
diferente, eu escrevia telegramas que não
acabavam nunca, sem nenhuma abreviatura
e cheios de repetições.

Porque tem sentimento que não dá para
abreviar e quem ama é repetitivo mesmo.

Muitas cartas e muitos telefonemas
depois, para amansar o coração da filha e
passar de carruagem nova, a rainha e o rei
saíram do castelo com ela, lá do outro lado
da lonjura, e chegaram à minha cidade.

Então, a Marinela e eu nos reencontra-
mos.

A primeira vez que a gente se viu de
novo foi no calçadão de Ipanema.

Foi um susto ver que a minha princesa
africana existia mesmo.

E foi uma delícia ver que ela também
não acreditava que eu existia.

Depois, a gente continuou a se olhar

com olho de primeira vez, durante uma semana.

É, a gente foi mesmo feliz para sempre, durante os sete dias que passou junto.

Mas a princesa teve que voltar para Angola.

Assim, depois que nós nos despedimos, eu escrevi para ela mais cartas do que todos os homens já escreveram antes e ela me ligou mais vezes do que todas as pessoas do mundo já ligaram para alguém na vida.

Bem, um dia, a Marinela me telefonou, mas não foi para falar de amor, não.

Ela me ligou para me dizer que precisávamos terminar de namorar, porque havia lonjura demais entre nós, para sustentar tanto sentimento.

A gente não sabia que a lonjura era justamente o que sempre tinha sustentado aquela paixão toda.

- Sei que eu devo estar fazendo a maior bobagem da minha vida - ela me disse, chorando sem parar. E começou a me falar de outras coisas que atravessavam a pé o seu coração. Só que eu nem escutava mais o que a princesa me dizia, porque só pensava na frase em que ela falava sobre a tal da sua maior bobagem. Depois dessa frase, só prestei atenção na música daquela voz, sem ouvir mais tanto a letra.

"Ai que cena bonita, ela me dizendo isso com esse sotaque", eu pensava na hora, de choro preso, me fazendo de forte.

No mesmo dia, de choro corrido com um riso no meio, contei para o meu mais velho amigo o quanto eu tinha achado bela aquela cena. E ele me disse que eu estava mais doido do que nunca e que eu não podia achar beleza no meio de tanta tristeza.

- Isso é ainda mais estranho do que você ter namorado uma princesa africana,

durante tanto tempo, assim, por carta e telefone - o meu amigo concluiu.

Esta carta, que tu estás lendo agora, é a que eu nunca mandei para a princesa, e que ela provavelmente nunca lerá. Ou será que lerá? Ah, só de imaginar... Ela, casada com um homem que preste mais atenção na letra do que na música, mãe de um menino, morando em alguma outra lonjura por aí, com aqueles olhos, lendo a minha última carta, e comentando a estranheza com uma velha amiga, nem tão velha, nem tão amiga. E tudo isso com aquele sotaque. Ai que cena bonita, ai que cena bonita!

Márcio Vassallo nasceu no Rio de Janeiro, em 1967. Jornalista e escritor, há mais de dez anos realiza palestras e oficinas sobre a importância do encantamento na vida da gente. Escreveu textos para "O Globo", "Folha de S. Paulo", "O Estado de S. Paulo" e "Jornal do Brasil". É autor da biografia "Mario Quintana" (Moderna), do livro de entrevistas "Mães: o que elas têm a dizer sobre educação" (Guarda-chuva), e dos títulos "A princesa Tiana e o Sapo Gazé", "O príncipe sem sonhos" (Brinque-Book); além de "A fada afilhada", "O menino da chuva no cabelo", e "Valentina" (Global). Todos esses títulos foram selecionados pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, para o Catálogo de Autores Brasileiros da Feira do Livro de Bolonha, na Itália. "O Menino da chuva no cabelo" também foi selecionado para o catálogo The White Ravens 2006, da Biblioteca Internacional de Munique, na Alemanha.



Uma princesa em São Tomé e Príncipe

Ana Lúcia Silva Souza

Era uma vez... É assim que começam as histórias de princesas!

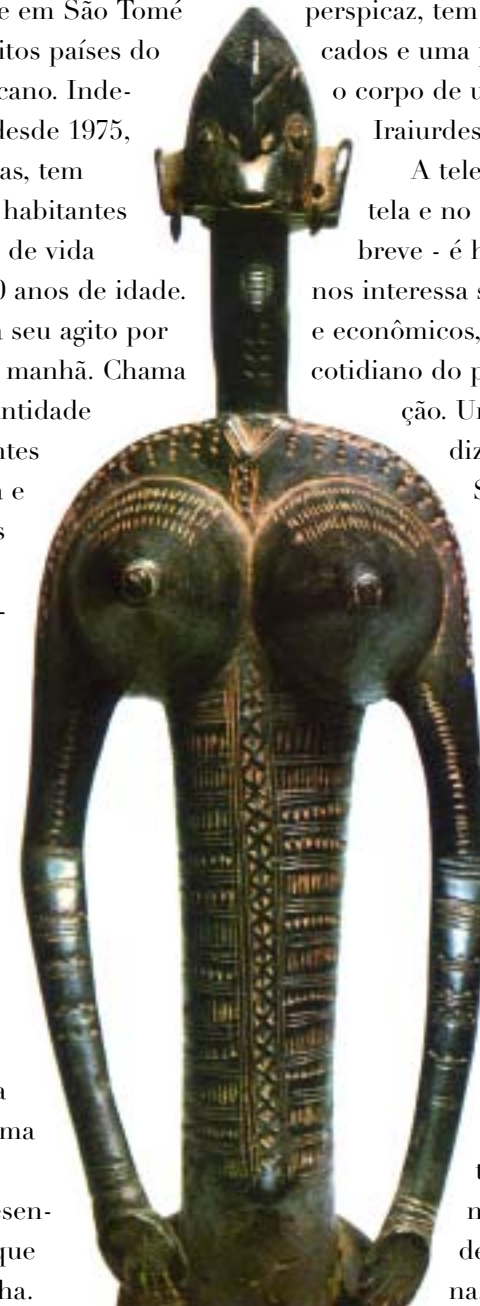
Era começo de noite em São Tomé e Príncipe, um dos muitos países do imenso continente africano. Independente de Portugal desde 1975, é formado por duas ilhas, tem pouco mais de 200 mil habitantes e apresenta expectativa de vida que se aproxima dos 70 anos de idade. Lá, o cotidiano começa seu agito por volta de cinco horas da manhã. Chama a atenção a grande quantidade de crianças e adolescentes que se deslocam na ida e vinda para a escola e as mulheres, muitas e muitas, com suas crianças junto ao corpo, e uma altivez admirável.

Na sala do hotel, aguardávamos a hora de jantar. O dia de trabalho¹ tinha sido intenso, juntando com o calor, o barulho do mar, a nossa alegria de estarmos em África. Acreditem, isso cansa. Agora é descanso! Uma jovem nos atende, arruma a mesa para nós e, ao mesmo tempo, vai apresentando com simpatia o que "dá pra fazer" na cozinha.

Sorri, oferece pratos e sucos, opina sobre os sabores, vai e volta, com agilidade. É perspicaz, tem voz melodiosa, gestos delicados e uma postura esguia, que sustenta o corpo de uma linda mulher. Essa é Iraiurdes!

A televisão está ligada, olhos na tela e no que podemos jantar em breve - é hora do noticiário e muito nos interessa saber dos assuntos políticos e econômicos, assuntos que colam no cotidiano do país. Intervalo na programação. Uma jovem aparece na TV, dizendo: "Proteja-se contra a SIDA". A voz é melodiosa, os gestos são delicados e a postura esguia sustenta o corpo de uma inteligente mulher. Gente, parece a Iraiurdes!!!

Tiramos os olhos da tela, nos entreolhamos e, juntos, colocamos os olhos em Iraiurdes, a da sala de jantar, e que parecia a moça da importante campanha publicitária contra a SIDA, a AIDS, doença cujos sintomas por vezes sorrateiros aparecem já em fase adiantada da contaminação e que, na invisibilidade, afeta grande parte da população africana, incluindo as crianças.



Perguntamos a ela: - *Ei, é você mesma?*
- *Sim, eu mesma*, responde ela. E nós:
- *Noooooossa! Que legal e interessante!* Ela sorri e diz que gosta muito de fazer esse trabalho, sente que contribui com uma causa importante; diz que já trabalhou em rádio, é angolana, tem uma filha, gosta de... E isso..., isso... e mais aquilo. É horário do jantar, não dá pra continuar. - *Depois você conta sua história pra gente?* E ela nos diz que sim, podíamos voltar no final do expediente que ela contaria mais coisas. E nós voltamos com sede por ouvir um pouco mais de toda aquela história, a de Iraiurdes da sala de jantar e da tela da televisão. A voz é melodiosa, os gestos são delicados, a postura esguia sustenta o corpo de uma guerreira mulher, Iraiurdes.

Era uma vez uma menina que morava em Luanda, Angola, em tempos de uma guerra que durou anos e envolveu todas as etnias do país. Mais uma das guerras preparadas pelo colonizador europeu. Certo dia, a menina Iraiurdes estava com sua mãe na igreja. Rezavam pelas vidas em tempos de conflitos. Havia o desejo de paz. O coro em oração subitamente interrompido por barulhos, barulho de gritos, barulho de tiros, barulho de medos, barulho de gente correndo.

Na sala de jantar do hotel em São Tomé e Príncipe, a menina, agora mulher, fecha os olhos, coloca a mão em concha no ouvido e, sacudindo memórias, balança a cabeça para um lado e outro - gesto semântico que imita sua vida -, num movimento que evoca a lembrança que vem e vai. Desse jeito, continua a falar de seu lugar de origem, Luanda, do momento em que correu e se perdeu da mãe. Conta que foi perseguida pelos homens e que, deitada no chão,

fingiu-se de morta para escapar da morte. Viveu. Na rua, depois, encontrou a mãe e com ela seguiu um cotidiano tecido de muitas tramas. Talvez com poucas passagens dos clássicos textos de princesas, nos quais sempre tudo acaba bem, mas com trechos repletos de histórias das muitas princesas que estão nas áreas de conflitos - tanto no Brasil como em muitos países -, alguns mais explícitos outros nem tanto, mas nem por isso mais brandos ou menos violentos.

Os fios tanto tecem e destecem que acabam por levar a angolana para outros países. A guerra de ontem em Luanda ainda é parte de sua vida, mas o que se vê em seus olhos é sorriso que carrega força, muita força! Estuda, é apaixonada por comunicação e gostaria de fazer carreira nessa área.

Não dá, ainda não dá. Tem de sobreviver, fazendo outros trabalhos, como agora no hotel. Quando na televisão diz "Proteja-se contra a SIDA", sente-se feliz por ser portadora de uma história que proclama "Viva a vida e seus itinerários. Proteja-se! Fique vivo!". Acho que isso tem bem mais sentido para quem um dia viu a morte de perto. E não apenas uma vez.

Na vida vivida de todo dia, a princesa se casou, descasou, namora e tem uma filha: "Ela é bonita como eu e para ela quero um futuro de vida e de brilho. Vida de princesa!" Iraiurdes, princesa, guerreira, presenteou-nos com fragmentos de vida densos, complexos, e repletos de humanidade. A nossa escuta ainda está agradecida por suas palavras.

Como nos diz o africano Amadou Hampâ Tá Bé, a fala humana anima, coloca em movimento e suscita as forças que estão estáticas nas coisas. É assim que a gente

sente que Iraiurdes sente: que tenha poder e força essa campanha na TV, com a possibilidade de que os movimentos aconteçam em função de sua palavra, dita, eivada de sensações e vivências, tornada coisa viva, germinando dentro de toda pessoa que a ouvir.

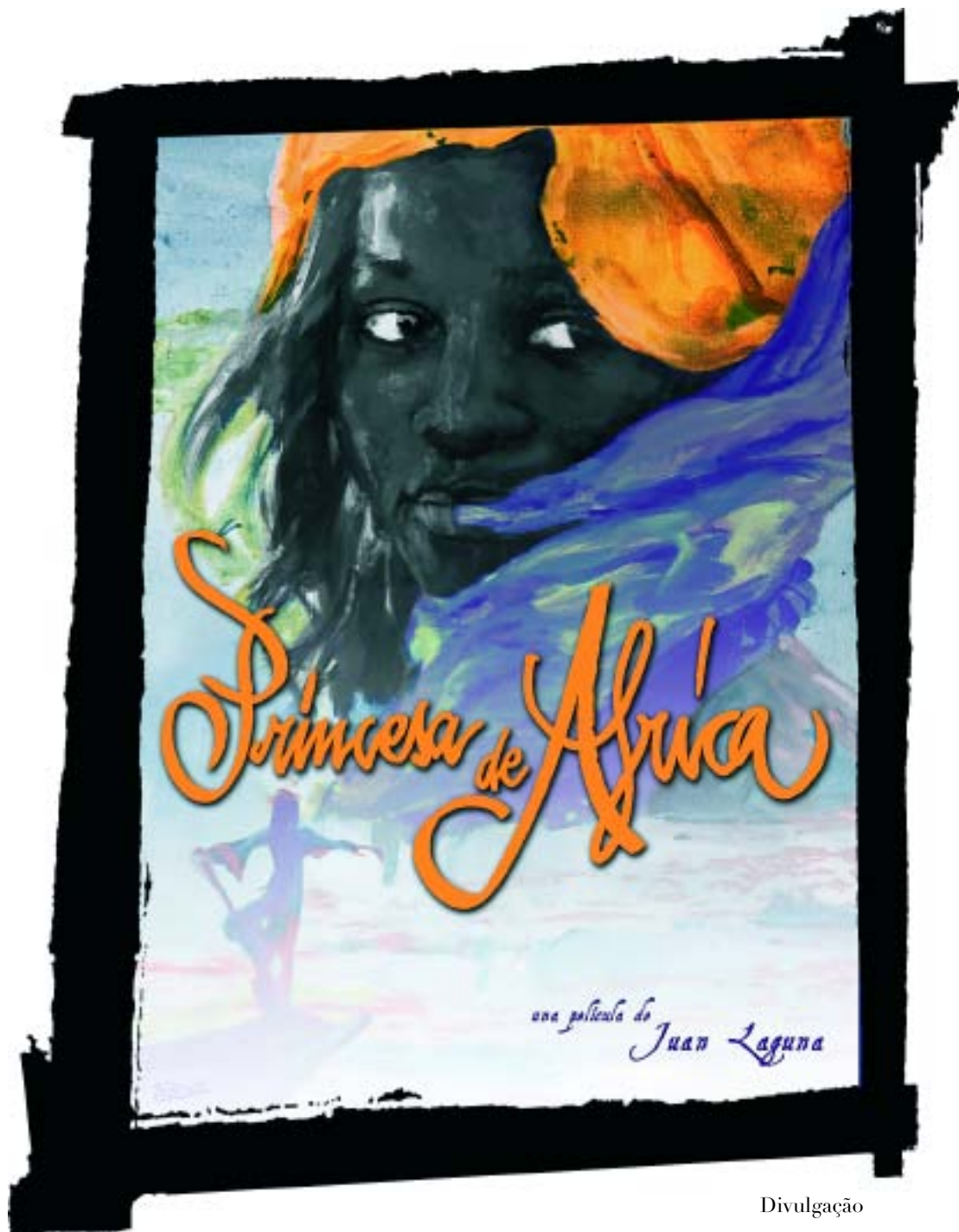
Notas:

¹ Na ocasião, 2008, integrei a equipe de especialistas da Associação Alfabetização Solidária (Alfasol), no projeto de cooperação técnica "Alfabetização Solidária em São Tomé e Príncipe", produto de uma parceria entre o governo desse país e o Ministério das Relações Exteriores do Brasil, por meio da Agência Brasileira de Cooperação (ABC). Desenvolvido desde 2001, o projeto

realiza diversas ações na área da alfabetização de jovens e adultos e no planejamento, implementação e gestão da oferta de educação continuada.

Ana Lúcia Silva Souza é socióloga, doutoranda em Lingüística Aplicada - Unicamp - Instituto de Estudos da Linguagem, mestre em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Em seus estudos, busca estabelecer interfaces entre letramento, relações raciais e práticas juvenis de uso social da linguagem. Investiga práticas de letramento no movimento cultural hip-hop. Integra a Associação Brasileira dos Pesquisadores Negros - ABPN.





Divulgação

Princesa de África, o filme

Uma entrevista com Juan Laguna

Pesquisando para a edição desta revista me deparei com um filme espanhol chamado PRINCESA DE ÁFRICA. Lógico que logo quis saber mais sobre alguém que, em outro continente, tinha se debruçado sobre os mesmos interesses que eu. Assim, cheguei ao diretor Juan Laguna.

Em seu primeiro filme, Laguna procura fugir de todos os estereótipos sobre gêneros cinematográficos: mulheres, arte e, principalmente, a África e choques culturais. Ele penetra no universo dos *griots* do Senegal, artistas detentores da tradição milenar de seu povo, o que lhes confere um poder e uma responsabilidade de verdadeiros reis.

Misturando o real e a animação, o filme é conduzido pela adolescente africana Maren e pela terceira mulher de seu pai, a bailarina espanhola Sonia. A sedução e as dificuldades de dois mundos tão diferentes estão nas palavras, gestos e olhares de duas mulheres que usam a dança como meio de expressão e compreensão do mundo.

LC. A História que conhecemos da África foi contada pelas fontes escritas pelos europeus, ou seja, sob o ponto de vista europeu. Geralmente ela fala de um continente subjugado pela escravidão e colonialismo. Mas os griots, preservando a cultura ancestral através da oralidade, da dança e da música, podem trazer esta história de uma maneira diferente, do ponto de vista africano. Você observou isso durante a realização de seu filme? E sua perspectiva em relação à África mudou, após “Princesa de África”?

O fato de que a história “escrita” da África contenha somente fatos ocorridos nos últimos séculos nos permite supor que exista muito mais que os ocidentais, por mais que tentem estudar, podem chegar a compreender, mesmo que sejam detalhes muito presentes na sociedade africana até hoje.

Nesse sentido, através da música, da poesia, da dança, o *griot* nos aponta uma informação muito interessante do legado familiar, do que se passava há seis ou sete gerações. Pois bem, sempre quem tem a informação tem também o poder de manipulá-la. Assim é que devemos estar sempre atentos ao que contam os *griots*.

Durante os quase quatro anos que levei para produzir o filme, minha perspectiva sobre a África mudou completamente. Primeiro você se aproxima com desconhecimento e preconceito, mas logo se deixa impressionar pela magia. E, pouco a pouco, essa magia de alguma forma desaparece. Você passa a ter um distanciamento que não lhe permite envolver-se excessivamente, mesmo sendo uma relação muito intensa.

LC. A narradora de seu filme é jovem, africana e mulher; os grupos geralmente considerados com menos “voz”. Isso foi proposital? O que o fez escolher Maren, 14 anos, como a narradora de seu filme?

No princípio não tínhamos intenção de que fosse assim, mas logo percebemos que o espectador poderia acompanhar a mudança de uma menina de 12 anos em uma atraente

mulher de 15. Além disso, eu não tinha o direito de colocar um ponto final na história de Sonia e de Pap (já que é uma história real que persiste e não uma ficção). Mas Maren é uma visão do futuro, é a mudança da sociedade africana na figura de uma mulher; a mistura da tradição com a modernidade. Ela é uma personagem com a qual o público tem empatia, pois ela não toma parte das decisões dos mais velhos. Só observa a realidade adulta, mas até o fim do filme não participa dela.

LC. Pesquisando a origem da palavra griot, descobri que ela vem do francês, por sua vez originado do português “criado”, serviçal. Mas parece que a figura do griot dentro da sociedade senegalesa é quase real. Uma realza dada não pelo poder divino, mas pelo conhecimento da tradição. É assim mesmo?

Sim, é isso, possivelmente no momento da colonização os franceses utilizaram os *griots* como animadores, como bufões (como muitas vezes ainda hoje se tratam os músicos e artistas em nossa sociedade). Na África, os *griots* são os portadores da tradição.

LC. Seu filme trata de choque cultural também. Não por uma perspectiva política ou econômica, mas pela perspectiva dos laços de família e dos sentimentos, mas que também tem suas relações de poder estabelecidas. Na verdade, você fala de dois mundos paralelos que se tocam. Mas eles têm a possibilidade de se fundir? É possível a criação de um terceiro espaço? Quando pergunto isso, não posso deixar de pensar na bela animação que cria um beijo entre os dois continentes, mas também na questão da imigração que acontece atualmente na Europa.

O choque cultural existe, faz parte do mundo de hoje. No filme, quisemos fazer com que as pessoas não vissem as grandes ações dos políticos, nem dos formadores de opinião, que vivem a vários quilômetros da realidade. Trazemos uma pequena história, cada vez mais comum, que por um lado fala de coisas lindas, mas por outro, mostra a dureza e a dificuldade da mistura. Historicamente o ser humano tem se mesclado, primeiro pela força e depois por vontade própria. A mescla não é fácil. Quando duas culturas são muito diferentes, tem que haver muita paciência para chegar a um ponto comum.

Sou “cético”, não creio que seja possível a formação de um terceiro espaço. A fusão em arte pode acontecer, mas de pessoa a pessoa sempre haverá alguém que vai renegar parte de suas raízes. É muito difícil que dois mundos reneguem parte de sua identidade. Isso acontece com Sonia e Pap, os protagonistas, por isso eles me parecem tão especiais em sua história. Os que tratam ou vivem esses temas são seres marginalizados e diferentes. Logo, não creio que a sociedade tenha vontade de assimilar a mistura. As costas espanholas estão invadidas por alemães e ingleses, que são diferentes de nós e a quem não entendemos, mas aceitamos e potenciamos. Por outro lado, não aceitamos que venham africanos, que não dão dinheiro, vêm trabalhar. É tudo estúpido!

Os meios de comunicação tentam fazer que acreditemos que esses imigrantes vêm porque nosso país é melhor, e o seu, uma m. Está tudo dirigido: fazem-nos acreditar superiores ao negro que arrisca a vida para chegar à Europa em uma embarcação, interessa-lhes que o tratamento não seja de pessoa a pessoa, mas de superior a inferior, como tem sido sempre.

LC. Li que você não gosta que classifiquem seu filme como documentário. E ele se utiliza de lindíssimas imagens de animação, além das gravações “reais”. Mas a ficção também não é uma maneira de se mostrar e pensar a realidade?

Creio que se deve chamar simplesmente filme ou filme documentário, porque mesmo que as personagens sejam reais, o objetivo da história não é documentar, é emocionar. Muitas vezes a pessoa sai do cinema e me pergunta incrédula: é verdade? São reais? Não parece um documentário! As definições que utilizamos no cinema como gênero estão obsoletas. Porém, claro, as pessoas necessitam delas.

LC. Existe a previsão da estréia de “Princesa de África” no Brasil?

Espero poder lançá-lo no Brasil. Gostaria muito. Farei todo o possível para lançá-lo antes de um ano. Mas hoje não temos nenhum distribuidor no Brasil.

LC. Nossa revista se chama “Princesas Africanas” porque queríamos, através da imagem que a princesa tem dentro do imaginário das culturas eurocentristas, mostrar a África como espaço de uma importante cultura e tradição, já

que geralmente a África é contada sob o ponto de vista da devastação e do subdesenvolvimento. Por que o seu título “Princesa de África”?
Quem é, ou são, as princesas de África?

Coincidimos em muitas coisas. A princesa, para mim, representa também falar da fantasia, do imaginário, dos sonhos. E fugir do real, o que, nos dias de hoje, já não sei muito bem o que é.

Supunha falar da mulher, que é o futuro da África; e o passado, que sustentou esse continente. Era mostrar uma imagem da África que fugia da visão ocidental, mistura de pobreza, exotismo e caos. Na África existe isso, mas a África é muito grande, muito diversa e muito rica em outras coisas. Queria falar de duas personagens que se encontram em realidades diferentes. Maren, senegalesa, 14 anos, sonhando ir para a Europa (como quase todos seus compatriotas) e ser bailarina. Sonia, 34 anos, espanhola, bailarina, atraída pela magia da África. Em comum, Pap Ndiaye, percussionista, senegalês, pai de Maren e marido de Sonia.

A Europa não é como Maren sonha. Também tem pobreza, as pessoas não dançam nas ruas, é muito difícil para um africano.

E Sonia tem que aceitar que na África, Pap Ndiaye, seu marido, tenha mais duas mulheres, Fama e Kine.

Logo os sonhos são os motores de nossos atos, mas quando se fazem realidade nunca são como havíamos pensado.

Mas, pelo menos, nos fazem viver coisas que ninguém viveu. Vale a pena? Eu creio que sim.

Entrevista: Ana Claudia Maia

Tradução: Maurício Rúbio

A tradição nagô-yorubá ocupa papel destacado na cultura brasileira.

Para uma adequada aproximação e entendimento da cultura africano-brasileira, temos de estar preparados para uma leitura de símbolos. Para tanto, é preciso compreender o valor da estética como parte intrínseca de uma comunicação de participação direta, interdinâmica e intergrupar, que exige a presença de seus integrantes num aqui e agora, e a maneira como a arte procede a elaboração de conhecimentos. A noção de *odara*, em língua yorubá expressa uma dimensão em que o bom e o belo são uma coisa só, o técnico e o estético são inseparáveis.

Na civilização tradicional africana, especificamente na cultura nagô, o sagrado está integrado nas ações cotidianas. A religião acompanha a vida; o *aiyê*, esse mundo, e o *orun*, o além, estão inter-relacionados pela noção de *axé*, força circulante entre esses mundos de que trata a liturgia e que movimenta a existência e garante o existir.

A forma de vinculação humana, a sociabilidade nesse contexto, se constitui pela linguagem estética que o mais das vezes magnifica o sagrado, pois a religião, o *religare*, a pulsão ou o desejo de estar juntos, fortalecidos num corpo comunitário, forma o *egbe*, a comunidade envolvida pelos valores sagrados transcendentais. Assim, nesse contexto os códigos e repertórios compõem e expressam uma visão sagrada de mundo. Por exemplo, quando nas relações hierár-

quicas o mais novo pede bênção ao mais antigo, ele diz “*otun ba mi*”, o mais antigo pode responder, “*eleda mi gbe iin o*”, o meu orixá criador o proteja. Portanto, o poder individual do mais antigo, o seu *axé*, caracteriza-se por sua dimensão sagrada, transcendente, o seu *eleda*, fortalecido ao longo de sua trajetória sacerdotal.

Da mesma forma que a literatura — os *itans*, as histórias ou contos em geral pertencem ao sacerdócio oracular de *ifá*, ou *erindinlogun*; os *orikis*, poemas, e *korin*, as cantigas, são combinação de versos com música percussiva em que os toques ou ritmos classificam, significam e acompanham as ações rituais —, a dança é composta de gestos que simbolizam os poderes e princípios das entidades, bem como seus trajes, paramentos e emblemas. A culinária litúrgica também simboliza as características de determinada entidade, executada através da *iya bassê*, sacerdotisa que está preparada pela elaboração da comida ritual, *iyánlé*, conforme as regras da tradição. Nesse contexto, cor, odor, sabor, textura e composição ou apresentação simbolizam; e, para apreender os significados, são chamados a atuar os cinco sentidos, tato, paladar, olfato, visão e audição.

Na tradição religiosa nagô dois cultos se complementam: o culto aos ancestrais e ancestrais, e o culto aos orixás, as forças cósmicas que governam a natureza do universo no qual nos integramos.





Esculturas

Já houve quem aludisse à cultura tradicional africana como “floresta dos símbolos”. A própria noção de floresta, *ibo*, se refere a um espaço sagrado onde habitam espíritos, inclusive ancestrais, e onde ocorrem diversos ritos iniciáticos.

As esculturas obedecem às delimitações dos valores estéticos da arte, isto é, elas são símbolos, representação de idéias, noções ou conceitos da tradição cultural. Elas estão presentes na decoração de palácios ou fazem parte das instituições religiosas. Nesse caso elas têm uma dimensão transcendente, pois se destacam do plano material para atuar no espiritual. As esculturas podem estar presentes nos altares, *ojubo*, ou como parte dos paramentos que compõem as entidades nos festivais rituais.

A leitura dos símbolos se caracteriza por vários planos. O primeiro, que já significa, diz respeito à qualidade da matéria, ou substância, da escultura. Nós nos referiremos à madeira, que faz parte do atributo de determinados orixás. Basta dizer que, de acordo com a tradição, para cada ser humano que criava, *Oxalá*, orixá que representa o princípio masculino mais antigo da criação, criava uma árvore. Assim as árvores estão relacionadas à ancestralidade masculina.

As árvores ocupam uma presença importante no mundo sagrado: ramos e folhas podem representar filhos, descendência, ancestralidade masculina que garante a continuidade da vida por infindas gerações. Algumas são relacionadas ao culto aos ancestrais masculinos, e também estão presentes na simbologia do orixá *Xangô*.

As esculturas componentes do panteão do orixá *Xangô* são de madeira. Ele é o

alaafin, o senhor do palácio, o rei, patrono das dinastias, da realeza de *Oyó*, capital política da tradição, que protege as comunidades e garante sua expansão, com muitos filhos em sucessivas gerações.

Convém dizer ainda da importância do grupo de escultores. Alguns são de famílias dedicadas a essa atividade por várias gerações e, portanto, muito respeitados nas sociedades tradicionais, não só pela técnica e estética adquirida ao longo dos anos, mas também pelo conhecimento da simbologia.

Iya Ibeji, a Mãe dos Gêmeos e o poder feminino

Os poderes e princípios femininos na tradição cultural nagô só se realizam pelo processo de interação e complementação com os princípios masculinos. Devemos acrescentar que o inverso também ocorre. O mistério da continuidade ininterrupta da vida nesse mundo se processa pela concepção e gestação.

Os *Ibeji*, os gêmeos, literalmente nascidos dois, *ibi+ejì*, e mais os da gestação subsequente, denominados *Taiyo* ou *Tayewo*, *Kehinde* e *Dou* ou *Eta-Òkò*, fazem parte da constelação de entidades do panteão do orixá *Xangô* e de sua relação com o orixá *Oxun*.

Oxun é Iya mi akoko, Mãe ancestral suprema, que representa os poderes de fecundidade e fertilidade feminina.

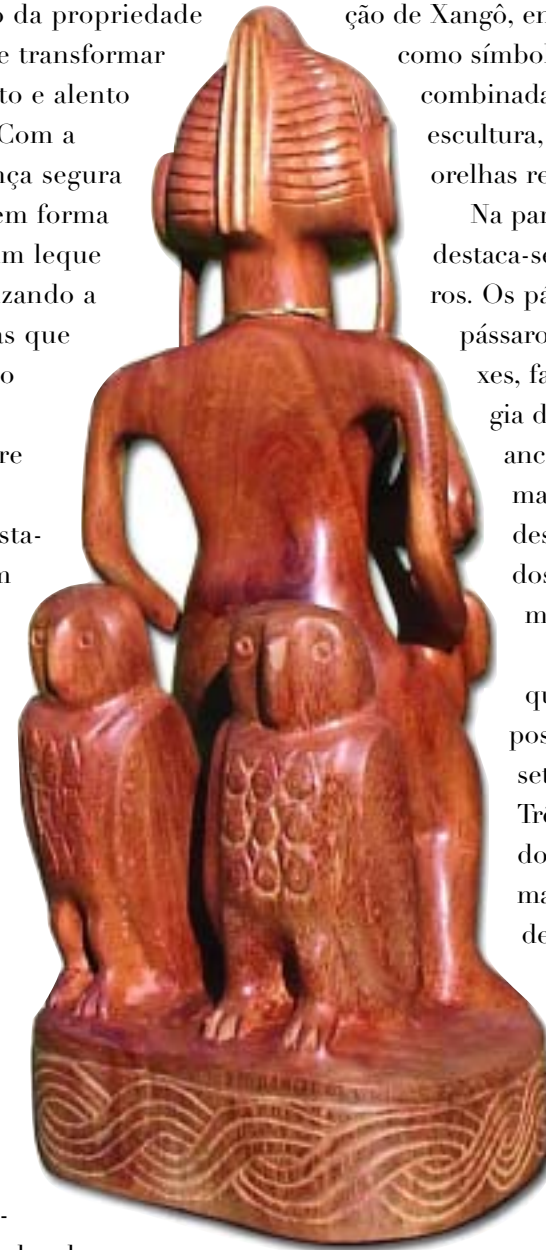
Na escultura *Iya Ibeji*, temos uma recriação da simbologia da tradição referente ao mistério e poder feminino que, através da maternidade, garantem a continuidade da vida.

A escultura de nossa autoria destaca a imagem de uma jovem mãe sentada, com duas crianças apoiadas em suas coxas,

uma à direita, outra à esquerda. Seus braços se estendem às crianças em atitude de apoio. As crianças, por sua vez — uma com a mão direita, outra com a mão esquerda — seguram os seios pronunciados, representação da propriedade do poder feminino de transformar seu corpo em alimento e alento aos recém-nascidos. Com a outra mão, cada criança segura um *abebe*, emblema em forma ovalada, parecendo um leque com espelho, simbolizando a vaidade feminina, mas que expressa, sobretudo, o poder de fertilidade feminina, útero, ventre fecundado.

Outro *abebe* se destaca também na imagem esculpida de um ovo-ventre fecundado, caracterizando a continuidade das gestações. Contornando esse *abebe*, pequenas partículas de luminescências douradas aludem ao ouro, metal de infinita durabilidade, e de cor característica da entidade.

Abaixo, contornando a escultura, a imagem de águas correntes, símbolo do poder da fertilidade feminina, alusão ao corrimento sanguíneo dos ciclos menstruais que conotam o insondável mistério da feminilidade.



A audição do som ritmado das águas correntes indica que *Oxun* é a entidade patrona da música. O *ijexá* é seu ritmo por excelência. Uma célebre história narra a competição entre *Oxun* e *Obá* pela predileção de *Xangô*, envolvendo a orelha

como símbolo de feminilidade, aqui combinada com a culinária. Na escultura, brincos pendentes nas orelhas ressaltam esse aspecto.

Na parte de trás da escultura, destaca-se a figura de dois pássaros. Os pássaros e os grandes pássaros, assim como os peixes, fazem parte da simbologia das *Iya-mi*, nossas mães ancestrais. Penas ou escamas representam filhos descendentes desprendidos do corpo do pássaro mítico.

Uma história conta que no início dos tempos, *Olorun*, Deus, enviou sete pássaros ao mundo. Três pousaram na árvore do bem, três na árvore do mal, e um costuma voar de uma para outra árvore.

Na escultura, os pássaros ancestrais voltados para o poente são guardiões do mistério e do poder feminino.

Marco Aurélio Luz é Doutor em Comunicação, escultor e escritor; autor do livro “*Agadá: dinâmica da civilização africana brasileira*”, dentre outros.





A lenda da princesa negra que incendiou o mar

Geraldo Maia

Maria Felipa é uma heroína negra
A poderosa Princesa da Bica
Uma Iabá guerreira pela liberdade
Que pôs fogo no mar de Itaparica
Incendiou os navios da escravidão

Era uma princesa negra poderosa
E simples como o mar e a liberdade
A mesma liberdade arrancada de seu povo
A mesma liberdade que brigava na baía
O mar de Kirimurê era o cais da liberdade

Kirimurê tingida de sangue negro
Fez-se resoluta pela Rua do Cais
Até os confins da África Mãe
Onde viviam livres em suas tribos
Com seus Reis e Rainhas e Guerreiros

E Príncipes e Princesas os mais belos
E livres antes do veneno da cizânia
Atiçada pelos invasores de além-mar
Foi lançado povo contra povo
E alimentada a cobiça pelo ouro negro

As cortes de além-mar estavam famintas
Sua cupidez arrasava os horizontes
Em busca de ouro de todas as cores
O cobiçado ouro negro feito de sangue
De negros e negras escravizados

Traficados como peças de um negócio
Seres humanos foram reduzidos
A uma mercadoria de alto lucro
A África foi transformada em celeiro
E seu povo negociado nos mercados

Lançaram reinos contra reinos
Irmãos contra irmãos
Pela força da mentira e da desídia
Caíram os mais fracos nos porões
Os súditos da Rainha África dizimados

Pela febre da escravidão arrancados
Da história de suas famílias e terras
Engolidos pelo mar da escravidão
Esquecidos nos navios infectados
Mas mantidos na memória de suas lendas

Dos guerreiros e princesas reis e orixás
Das danças e cantigas dos parentes
Agora presos nos ferros dos pelourinhos
Uivam nos troncos na chibata na senzala
Gemem nas prisões embrutecidas

Mas no culto de seus antepassados
A união de povos desunidos
Pelas mentiras dos comerciantes
Descobrem que a união é o poder
Que precisam para voltar à liberdade

Reúnem-se nos cantos dos xirês
E assentados nas pedras invisíveis
Cultivam seus deuses e deusas
Firmam a memória de liberdade
E fincam a rebeldia nos gestos

E a voz da liberdade se faz ouvir
De um grito onde ecoa independência
E esse grito ressoa além da fala
É a luta que se trava aguerrida
É o sonho em sua plena possibilidade



A batalha se faz ouvir na voz do povo
Com suas cores e vestes destroçadas
Mas decidido a deixar “nossa pátria
hoje livre dos tiranos não será”
Espoca a independência encarnçada

E as lutas travadas em terra e mar
Pelas mãos heróicas do povo
Garantem que “nunca mais o despotismo
Regerá nossas ações, com tiranos
não combinam brasileiros corações”

E lá na praia do convento em Itaparica
surge Felipa a princesa negra e sua
coragem
Em seu coração o sangue de liberdade
luta feito vulcão quando perde a paciência
É Maria Felipa e sua força guerreira

“Nasce o sol a 2 de julho
Brilha mais que no primeiro
É sinal que neste dia
Até o sol é brasileiro”

Seu nome para que todos saibam
É Maria Felipa de Oliveira
A heroína negra da independência da
Bahia
A heroína negra da independência do
Brasil
Negra alta forte e desaforada

Contra a opressão dos invasores
De saia rodada, bata, torço e chinela
A princesa negra que tocou fogo no mar
Auxiliada por um grupo de mulheres
negras
Incendiou quarenta e dois navios
portugueses
Na lendária Batalha de Itaparica

Ocorrida na praia do convento
Em sete de janeiro de mil oitocentos
e vinte e três
Na Ilha de Itaparica que fica na baía
de Kirimurê
A baía de todos os santos na Bahia
Onde o povo negro, índio, caboclo e
sertanejo

Lutou para garantir a vitória da inde-
pendência
“havemos de comer/marotos com pão/
dar-lhe uma surra/de bem cansação/
fazendo as marotas/morrer de paixão/
português, bicho danado/arrenegado,
arrenegado”

E o mar foi incendiado com vitórias
O povo negro, índio, caboclo, sertanejo
Chamou para si a luta nas ruas
Onde se fez vitorioso e obrigou
A fuga dos portugueses que pensaram

Tomar Itaparica outra vez
Depois de a terem desdenhado
O plano era abastecer homens e naus
E rumar fortalecidos sobre o recôncavo
Onde esperavam manter a opressão

Mas na fazenda trinta e sete Maria Felipa
Costumava ficar bem lá no alto
Vigiando os barcos que chegavam
E à noite em romaria pela praia
Com seu grupo de mulheres guerreiras

Invadia os navios com suas tochas
Para atear fogo no mar de Kirimurê
Essa é a história da coragem
e da força de uma princesa negra
Uma mulher guerreira vitoriosa

Uma linda princesa negra Iabá baiana
Heroína das lutas da independência
Impôs aos invasores cruel derrota
Seus navios incendiados e afundados
Como os corpos negros jogados ao mar

Pela força da cobiça e da usura
Agora ardiam os navios da exploração
E o povo triunfante inicia sua marcha
Desde Santo Amaro, Cachoeira, Pirajá
Onde o corneteiro ao invés de recuar

Tocou “avançar cavalaria degolando”
Estava consolidada a independência do
Brasil
A força do grito tornou necessária a luta
O povo é o responsável pela vitória
do Brasil em terra de todos nós

“Cresce, oh filho de minh’alma
Para a pátria defender
O Brasil já tem jurado
Independência ou morrer”

Terra da princesa africana Maria Felipa
A guerreira que tocou fogo nos navios
Para garantir a independência do país
E contribuir decisivamente
Na luta pela liberdade do seu povo

Geraldo Maia é poeta.

*Contribuem: Hino ao “Dois de Julho”, de
Ladislau dos Santos Titara e José dos Santos
Barreto, e uma canção de domínio público.*

Nas malhas das imagens e nas trilhas da resistência: heroínas negras de ontem e de hoje - Andreia Lisboa de Sousa

Você saberia dizer quais princesas negras brasileiras ou africanas você conheceu? Com quantas brincou ou, até mesmo, quantas sonhou ser um dia? Quantas histórias de heroínas negras você ouviu ou contou em sala de aula, em casa ou em rodas de bate-papo? Pare e pense: quais delas você viu ou vê na TV brasileira hoje? A quais apresentadoras negras você assiste nas telinhas da TV, em programas para crianças e jovens? Perguntas instigantes e cheias de significados...

No Brasil, notoriamente os meios de comunicação ainda mantêm forte investimento no “ideal” branco europeu. O padrão de beleza ainda é o de um corpo esguio, etnocentricamente¹ valorizado, a ser olhado, desejado e comprado. Trata-se de modelos magérrimas, altas, de pele clara e, na maioria das vezes, de cabelos lisos. São essas as heroínas modernas. Quando eu era criança, essa imposição de um padrão colonialista parecia algo “normal”, “natural”. Esse paradigma da branquidão também se estendia para as páginas dos livros escolares, fazendo-se presente nas histórias das princesas e heroínas brancas.

Esse modelo ocidental deixa marcas nas imagens e conteúdos que povoam os livros didáticos e paradidáticos, contribuindo para a manutenção de um currículo eurocêntrico que ainda pouco considera a necessidade de pretejar as páginas com a diversidade. Diante desse contexto, cabe lembrar que as imagens ainda hoje pre-

dominantes e que povoam as mídias e também o imaginário brasileiro são as das famosas heroínas européias. Não é novidade que as narrativas de heroínas brasileiras são marcadas por um investimento na invisibilidade ou na estereotipia das heroínas negras brasileiras.

Onde estão as nossas Nzingas, Acotirenes, Mahins, Lélías, Beatrizas, Marias, Beneditas, Silvas, Souzas, Carmozinas, Neides, Dinhas, Nininhas e assim por diante? A figura da heroína ainda é permeada por aquela imagem ocidentalizada, sub-representando as guerreiras negras, sejam elas históricas, reais, fictícias e/ou mitológicas.²

Uma dessas figuras, a rainha Nzinga (Ngola Ana Nzinga Mbande), liderou os reinos do Ndongo e de Matamba (região sudoeste africana no século XVII). Viveu durante um período em que o tráfico de escravos africanos e a consolidação do poder dos portugueses na região cresciam rapidamente. Ela negociava e conversava de igual para igual com a colônia portuguesa e, em sua trajetória, liderou um império militar, venceu várias batalhas e defendeu o território angolano de invasões. Ainda hoje é tratada com o respeito devido a uma rainha e seu nome se faz presente na história e memória afro-brasileira, seja em livros infantis e juvenis, em nomes de ONGs, grupo de capoeira, canções, peças de teatro etc. São as reminiscências de uma guerreira africana que inspira a luta anti-racista e anti-sexista no Brasil e na diáspora.





Outra figura que merece destaque é a escritora negra Maria Firmina dos Reis, que escreveu a obra *Úrsula* (1859), num momento em que nem escritoras brancas tinham espaço para isso. A obra é considerada o primeiro romance de autoria feminina no Brasil. Quantos cursos de Letras analisam obras como essa ou como as de Carolina Maria de Jesus? Quantas Carolinas das favelas atuais têm sua voz e experiência periférica transformadas em verso, filme ou livro? Mais ainda: quantas negras das favelas podem ser lidas em 14 idiomas em mais de 40 países, como foi o caso de Carolina de Jesus? Por que os contos sem fada, sem madrinha, sem varinha, mas com luta, resistência, ginga e sabedoria das mulheres negras da periferia não têm voz nem vez? Por que são tão raras as exceções, como as que começam a ter vez em vozes como as de Conceição Evaristo e Esmeralda Ribeiro?

Considerando a produção de livros infantis e juvenis propriamente dita: quais imagens negras a literatura infanto-juvenil tem valorizado? Podemos afirmar que houve um crescimento de obras narrando fatos e feitos da tradição oral africana. Da mesma forma, a cultura e a mitologia afro-brasileira demarcam uma nova fase, ainda em consolidação. Sem dúvida, mais narrativas orais e mitológicas, sejam africanas ou afro-brasileiras, dispararam nas prateleiras das editoras, desde meados de 1990. São narrativas de orixás femininas, tais como Iansã, Oxum, Iemanjá, Nanã e Obá. No entanto, cabe ressaltar que as nossas heroínas da atualidade ainda não têm espaço nas tramas das histórias infantis e juvenis. Quando teremos obras para o público juvenil narrando a vida de heroínas atuais, como as intelectuais Lélia de

Almeida Gonzalez, Maria Beatriz Nascimento e, mais recentemente, Neusa Santos Souza?

Lélia foi antropóloga, militante negra e feminista do Nzinga Coletivo de Mulheres Negras (RJ) e do Movimento Negro Unificado (MNU), dentre outras instituições. Voz dissonante no branco segmento acadêmico brasileiro, tornou-se referência dentro e fora do país. Beatriz, outra pensadora da diáspora africana, historiadora, poeta e pesquisadora, contribuiu para a dinâmica dos estudos negros. Neusa Santos Souza, com a obra *Tornar-se Negro*, corajosamente realizou pesquisa psicanalítica, na década de 1980, desvendando a complexidade do racismo à brasileira e sua dinâmica interna e externa na vida dos negros. Esses são exemplos de heroínas que ficam inscritas na memória, no corpo e na história. Essas heroínas foram as *griottes*, cujo ofício foi o de guardar e ensinar a memória cultural da/na comunidade. Vivenciar e enfrentar as adversidades de um cotidiano de discriminações, preconceitos, sexismos e desigualdades já é um ato heróico em si mesmo. Inúmeras mulheres negras sejam em ONG's de mulheres negras, nos movimentos de saúde, moradia, educação dentre outros são as guerreiras e feministas negras que forjam, quando sobrevivem ao cotidiano violento e genocida em que vivemos, novas práticas e formas de saberes na Diáspora Africana no Brasil.

Vale salientar que, na cultura tradicional africana, a *palavra* tem o poder de garantir e preservar ensinamentos da tradição afro, fazendo circular energia vital, uma vez que é transmissora de força mística transformadora do mundo, revelando uma dimensão criadora e ancestral. As conjunções entre a

força vital e a palavra formam um elemento primordial imprescindível para a composição das relações individuais e grupais. Os legados de inúmeras civilizações africanas estão presentes no jeito de ser e de viver brasileiro, por meio da história das populações africanas escravizadas, que, como sábias guardiãs, mantiveram a tradição oral e recriaram novas rotas e alternativas de vida após a colonização. Mulheres, heroínas de ontem e de hoje, reinventam a memória dos fatos e feitos dos antepassados.

Faltam ainda, em nossa literatura, histórias que enfatizem a força motriz de resistência e re-existência da cosmovisão afro-brasileira que estão, por exemplo, com as nossas sábias yalorixás, guardiãs da memória e do axé afro-brasileiro. As histórias estão voando por aí, de porta em porta, de chão em chão, de esquina em esquina, de multidão em multidão, de periferia em periferia. Repletas de magia, cheias de encantos, trancadas nos fios de contas, nas tramas e nas malhas do cotidiano.

É hora de abrir as cabaças da existência, deixar as palavras negrejadas virarem verbo e atitude, incrustando em nossa memória, contando velhas, novas e outras experiências Afro-Diaspóricas.

Notas:

¹ Termo utilizado quando um grupo, povo ou nação vê e interage com o outro, o diferente (o negro, indígena ou o não-branco), a partir do ponto de vista próprio. Isto é, levando em consideração somente os modelos e explicações que vêm das idéias formuladas, criadas e veiculadas por esse mesmo grupo. No caso deste texto, refiro-me ao branco europeu.

² A título de informação, no *Dicionário Mulheres do Brasil, de 1500 até a atualidade*. Schuma Schumacher e Érico Vital Brazil. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2000, raras mulheres negras foram incorporadas na obra. O que isso quiz dizer? Na história brasileira e na da diáspora africana não existiram figuras negras para serem lembradas, louvadas e exemplos de história de luta? Somente em 2007, o silêncio foi quebrado e os mesmos autores publicaram a obra: *Mulheres Negras do Brasil* foi lançado pela Redeh - Rede de Desenvolvimento Humano e Senac Editoras. A obra apresenta uma retrospectiva sobre mulheres negras na sociedade brasileira desde o período colonial até a atualidade. No entanto, com a obra é notório ver a ausência da mulher negra na esfera de política, nos espaços de decisão de poder, fruto da herança patriarcal e sexista (entenda-se branca) da sociedade brasileira.

Andréia Lisboa de Sousa é doutoranda em Educação na Universidade do Texas/Austin/USA. Mestre em Educação pela Faculdade de Educação da USP (FEUSP). Integra a Associação Brasileira dos Pesquisadores Negros - ABPN. Fellow do Fundo Riochi Sasakawa/USP. Ex-Sub-Coordenadora de Políticas Educacionais da CGDIE/SECAD/MEC. Fellow do Programa Internacional de Bolsa da Fundação Ford. Atualmente, realiza pesquisa sobre diáspora africana em materiais didático-pedagógicos. (souzaliz@yahoo.com.br).





Uma guerreira

Julio Emilio Braz

Uma guerreira.

Na vastidão finalmente tranqüila do verdejante campo de batalha, seu corpo ainda se ergue, orgulhoso e beligerante, mas antes de tudo, imponente, como se, sendo necessário, ainda estivesse disposta e preparada para se entregar à nova refrega.

O corpo formiga de dor, alfinetado sem dó nem piedade pelo prolongado combate. Esforço inaudito, as vestes têm rasgão aqui, outro ali. O suor abundante as torna mais pesadas.

Não se importa. A leveza produzida pelo alívio recente que vem com a certeza do dever cumprido a impele finalmente para fora, de volta a um breve instante de paz antes da próxima batalha. Ofega, narinas dilatadas em buscar do ar para inflar os pulmões exauridos. Há sangue na testa. Um pouco mais escorre de um dos joelhos. O olhar triunfante passeia pelo verde que se esvazia. Ao cumprimento e ao entusiasmo das companheiras, responde com o silêncio de quem tem a nítida consciência de que toda aquela mansidão em meio ao calor sufocante do entardecer em terra estranha esconde apenas outro combate, a incerteza de novo triunfo.

Não há destino. Não há futuro, pois o presente é precário e o passado reserva poucos momentos que mereçam ser lembrados.

Olhei-a a distância. Senti-me vingado apenas por contemplá-la. Eu e minha nacionalidade tantas vezes ignorada, tantas

vezes vilipendiada por aqueles que não a concebem e, portanto, não a compreendem, até porque como boa parte do mundo escolheu a superficialidade como sentido de vida e a ignorância como refúgio seguro não entende a sua real profundidade e importância. Aquela guerreira é parte de nós até porque é em tudo semelhante à imagem que não queremos ter de nós mesmos.

Ela é comum. Não é uma amazona grega. Não tem a estatura física de uma deusa nórdica, mas tem igual estatura moral e psicológica. É estoica, porém orgulhosa. A batalha é o seu alimento diário. A esperança, o combustível do corpo mirrado, feito sólido e poderoso na fonte espúria do dia-a-dia e das dificuldades cotidianas tão comuns aos despossuídos.

Ali, na linha de frente de suas convicções muitas vezes mais instintivas, até inconsciente, vejo Tereza do Quariterê à frente de seu quilombo em Mato Grosso ou a guerreira Felipa, no quilombo Alcobaça, no Pará; a princesa Luiza Mahim, nascida na África, engrandecida na revolta dos Malês. Vejo outras tantas princesas, orgulho e força d'África, que lutaram com unhas e dentes por sua liberdade e pela dignidade em seus quilombos, mas a sua luta é outra, como o é a luta de tantas como ela, nas trilhas traiçoeiras do asfalto, nos desfiladeiros de concreto armado das grandes cidades, ao volante do ônibus, no cabo da enxada, à mercê de um longo cabedal de incompreensões, na precariedade das favelas



onde a violência arranca filhos dos braços mas obriga a ser forte para criar e defender outros filhos. Sempre à beira da grandeza e a dois passos do fracasso e da desilusão.

Nossa, chorei emocionado, ao vê-la no meio de tanto entusiasmo, serena e orgulhosa em seu anonimato. À celebração de outras respondia com aquele longo olhar dos que sabem o que fizeram e independem do reconhecimento e da aprovação dos outros. Ela foi. Ela é. Ela será. Se não para todos, pelo menos para mim. Naquele dia de calor sufocante e de grandes expectativas num campo de futebol na China, durante as Olimpíadas de 2008, depois de um acachapante 4 a 1 nas imbatíveis alemãs. Driblando o pouco caso e montanhas de dificuldades. Naquele dia eu não vi a jogadora cansada que fazia jus ao apelido – Formiga¹. Vi uma verdadeira guerreira. Uma princesa africana a sós com a savana e seu destino. À espera. Sempre à espera. Minha guerreira. Tão forte quanto outras tantas. Tão comum quanto outras tantas. Tão igual a todos nós, filhos de África, vitimados por uma certa miopia social que confina muitos a uma invisibilidade implacável, parte desse gigante chamado Brasil.

Sabe, Formiga, a medalha de ouro não importa mais. Será, como disse um antigo treinador, um mero detalhe. Um importante detalhe, mas ainda assim, um detalhe. Eu já a carrego no peito desde aquele jogo. Orgulho de vê-la se multiplicando como uma leoa no campo enquanto outros tinham olhos para a beleza passageira de belos e por

vezes inúteis dribles. Orgulho de saber que o que realmente importa é a epopéia do caminho trilhado e não o destino. Que a verdadeira felicidade é persegui-la e muitas vezes não alcançá-la. Que vencedor não é quem ganha, mas antes, quem acredita sempre que é possível ganhar, que pode ganhar. “Ave Formiga!”

Os que vão te ver, ainda por muito tempo, te saúdam.

Notas:

¹ Formiga é Miraildes Maciel Mota, meio-campista da seleção brasileira de futebol feminino, que conquistou medalha de prata nas Olimpíadas de 2008. Ela nasceu em Salvador, BA, e desde 1995 faz parte da Seleção. É uma lutadora fora de campo também e uma de suas batalhas é melhorar as condições do futebol feminino no Brasil.



Julio Emilio Braz é escritor. Autodidata, se tornou escritor profissional escrevendo roteiros para histórias em quadrinhos nas revistas de terror da Editora Vecchi, do Rio de Janeiro. Muitas de suas histórias foram publicadas em várias editoras no Brasil, em Portugal, Bélgica, França, Holanda, Cuba e EUA. Tem mais de 134 livros publicados e vários prêmios nacionais e internacionais.

Princesa, não. Mas... Marina Colasanti

Princesa não sou. Africana, sem dúvida.

Dorme num baú, de onde o tiro em ocasiões especiais, o albornoz de lã preta bordado de seda que meu pai jogava sobre os ombros por cima do smoking, para ir às festas da colônia. O da minha mãe, de lã branca bordada com fios de prata, a envolveu como um casulo quando se foi para sempre de toda e qualquer festa.

Setembro de 1937. Ao entardecer do dia 26, em Asmara, meu pai vai assistir a uma luta de boxe. Em casa, minha mãe entra em trabalho de parto, amigos a levam ao hospital. Meu pai só ficaria sabendo à noite, terminada a luta - o celular ainda demoraria muito para ser inventado. Assim, a África se imprimiu em mim.

Minha África chamava-se Abissínia, depois se chamou Etiópia, hoje é Eritreia. Minha cidade é fresca, deitada sobre o planalto de Kebessa, a mais de dois mil e duzentos metros de altitude. Diz-se que ali a Rainha de Sabá deu à luz Menelik I, filho do Rei Salomão. Crescem flores em Asmara, o pôr-do-sol é um deslumbramento, as ruas são largas e a arquitetura tem um surpreendente sabor art-déco. Morávamos em apartamento, que era mais moderno, e na única foto que tenho dessa época, com escrito atrás “o quarto das crianças”, vejo uma *nursery* europeia, com minha mãe elegante e jovem, pronta para ir a alguma festa, posando de perfil à luz do abajur aceso.

Festas, encontros, caçadas, a vida na colônia que o fascismo queria transformar em capital do novo império escorria com prazer temperado de exotismo. Meus pais me contariam mais tarde das luxuosas festas do Governador, que aconteciam por vezes debaixo de tendas, com o chão todo coberto de tapetes, as luzes pendentes, tochas do lado de fora. E os “ascari”, vigilantes, ao redor. Ascari eram os soldados nativos que formavam parte do exército colonial italiano, não só na Eritreia, mas também na Líbia e na Somália. Usavam uniforme branco, uma faixa vermelha na cintura. Guardo até hoje uma dessas faixas e, quando a lã macia me envolve em suas espirais, me sinto, sim, uma princesa, uma guardiã do tempo. Os anos, tantos, nada puderam contra a intensidade daquela cor.

Descíamos às vezes até Massawa para ir nadar no Mar Vermelho. Não que fizesse demasiado calor, nunca faz calor excessivo em Asmara. Era a saudade do mar que nos levava, nós irremediavelmente peninsulares. A Itália havia construído uma estrada de ferro ligando as duas cidades, obra de engenharia colossal que coleava encosta abaixo, misto de serpente e dragão. Gosto de pensar que viajei naquele trem, mas creio não ser verdade, íamos de carro.

De carro também meus pais iam, com amigos, caçar. De *jeep*, mais precisamente. Ponho à minha frente as poucas fotos que tenho. O grupo está sentado no chão à sombra de árvores ralas, na savana, meu pai

de botas altas e calças de montaria, minha mãe de short e sapatinhos brancos, a seus pés os capacetes de cortiça forrados, o dela com duas pequenas plumas. Pareceriam fantasiados de caçadores, não fosse o cansaço e o calor que transparecem na postura, nos rostos sem sorriso.

Perguntei a minha mãe se ela também matava animais nessas caçadas. Me contou que, depois de uma noite inteira de vigília junto a um bebedouro, havia feito barulho, de propósito, para espantar as gazelas. Eu era criança, queria ouvir de ações heróicas com leões ou leopardos, mas essas gazelas em fuga e salvas nunca mais esqueci.

Fugiu também um macaco curioso, em outra ocasião, mas não conseguiu salvar-se. No jardim vazio, onde me haviam deixado no berço para tomar sol, o macaco aproximou-se atraído. Do alto da janela meu pai o viu subir no berço, estender a pata, talvez para pegar alguma coisa que eu comia, talvez para me tocar. Não sei se meu pai gritou primeiro para espantá-lo, sei que atirou de onde estava e o atingiu no peito. De certa forma, meu pai também se atingiu, porque todas as vezes que me contou essa história imitou com tristeza o gesto do macaco levando a mão ao peito, e dobrou-se como se sentisse dor.

Você falava africano?, sempre me perguntam, como se houvesse africano. Da língua que se falava fora da minha casa só guardei uma palavra, *Zemba*.

Zemba foi o nome dado por meu pai ao nosso galgo italiano, pequeno e magérrimo, trêmulo como se sempre com frio. A magreza e sua alma gentil custaram-lhe a vida. Um amigo da família criava um leão no jardim, não solto, evidentemente, mas na jaula. E uma tarde, durante uma visita

ou almoço, o doce Zemba, aproveitando sua anatomia esguia para socializar, meteu-se entre as grades da jaula. Zemba significa mosca. Aquela pequena mosca pálida não teve nem tempo de pousar-se no leão.

Em casa, falávamos italiano. E continuávamos falando italiano quando saímos de Asmara e fomos viver em Trípoli. Que bela casa tínhamos em Trípoli, com um muro alto ao redor do jardim, e um cacto enorme encostado no muro, e um cachorro que não chegava perto do cacto, e um poço. Tudo isso eu lembro, embora não tivesse ainda quatro anos.

Mas da cidade além do muro, daquela Trípoli absolutamente mediterrânea, cheia de arcadas brancas e palmeiras, que vejo atrás da minha mãe na foto tirada em maio de 1940 quando já a Itália havia entrado na Segunda Grande Guerra, a única imagem que levaria comigo seria a da partida.

Deixamos a África de hidroavião, modernos até nisso. Eu o conservo em minha memória, anguloso e escuro como um inseto pousado sobre a água. E conservo o medo que cristalizou aquele embarque, para sempre sentada no bote de madeira que nos levaria até ele, e que meu irmão balançava propositadamente, para que meu medo visível encobrisse aquele, secreto, que ele escondia no peito.

A África, para onde meus pais haviam se transferido cheios de projetos e de entusiasmo, dispostos a viver uma nova vida e começar a minha, já nada lhes oferecia, a não ser perigo. Nunca mais voltariam a ela. Mas uma parte de mim nunca a deixou.



Marina Colasanti nasceu em Asmara, Etiópia, morou 11 anos na Itália e desde então vive no Brasil. É escritora, jornalista e artista plástica. Publicou vários livros de contos, crônicas, poemas e histórias infantis. Recebeu diversos

prêmios nacionais e internacionais. Dentre outros, escreveu “E por falar em amor”, “Contos de amor rasgados”, “A morada do ser”, “A nova mulher”, “O leopardo é um animal delicado” e “Uma idéia toda azul”.





Os três cocos

Maria Clara Cavalcanti de Albuquerque

Havia uma mulher que tinha uma filha e uma enteada. A mulher não gostava nem um pouquinho da enteada e a fazia trabalhar como escrava, enquanto que ela e a filha passavam os dias passeando e descansando. Todos os dias ela obrigava a pobre menina a levar vários potes de azeite para vender no mercado e ela só podia voltar para casa depois que todos fossem vendidos.

Um dia, já quase noite, a menina estava ainda no mercado sem saber o que fazer. Não conseguira vender nem metade dos potes e certamente a madrasta a castigaria. Foi quando apareceu Iwin, a rainha das fadas, e deu-lhe dez conchas, que era o dinheiro daquele país, por todos os cestos. Ela ficou muito contente, mas quando contou as conchas, viu que uma delas estava quebrada, e correu atrás da fada gritando:

Iwin! Por favor, me dê outra concha! Minha madrasta me baterá se eu chegar em casa com uma concha quebrada!

Vá embora, menina, não tenho outra concha - respondeu a fada.

Mas a órfã continuou a segui-la insistindo:

Iwin! Por favor, me dê outra concha! Não posso chegar em casa com uma concha quebrada!

Volte pra casa, menina, pare de me seguir! Somente fadas podem entrar na terra das fadas, e é para lá que eu vou.

Pois eu irei aonde você for até que me dê outra concha - respondeu a menina.

E assim foi. Andaram, andaram, até que chegaram a uma floresta muito escura.

Volte, menina - disse Iwin - somente fadas entram nesta floresta.

Mas a menina repetiu: Irei aonde você for até que você me dê outra concha.

A floresta era escura e quente e ouviam-se uivos e urros de animais por toda a parte, mas a menina seguiu a fada como uma sombra, pisando em seus passos. Mais adiante, chegaram aos pés de uma alta montanha.

Volte, menina, somente fadas sobem esta montanha - insistiu Iwin.

Mas a órfã repetiu:

- Irei aonde você for, até que me dê outra concha.

A montanha era gelada e as pedras cortavam seus pés, mas ela seguiu Iwin até o alto. Depois de muito andar, chegaram à beira de um grande rio.

Volte, menina, somente fadas atravessam este rio.

Mas a menina sabia bem o que queria e insistiu:

- Irei aonde você for, até que você me dê outra concha.

As águas do rio eram rápidas e traiçoeiras, mas ela segurou a ponta da túnica da rainha das fadas e seguiu-a até o outro lado.

Chegaram, enfim, à terra das fadas.

Pois bem, já que você chegou até aqui, dê-me de comer - disse a fada. Pegue aquelas bananas, coma-as e me dê as cascas.

A menina colheu as bananas, mas não teve coragem de dar as cascas para Iwin, afinal ela era uma fada. Preferiu comê-las ela mesma e dar-lhe as frutas.





Agora me dê de beber - continuou Iwin. Colha aquelas laranjas, chupe-as e dê-me o bagaço.

Mas a menina novamente fez o contrário. Deu o caldo da laranja para a fada e contentou-se com o bagaço.

Agora cate meus cabelos – ordenou a fada.

Os cabelos de Iwin estavam cheios de alfinetes que feriam seus dedos, mas a menina os tirou um a um sem soltar um único gemido. Então a fada falou:

Menina, vá até aquela árvore e cate três cocos. Mas cuidado, não colha aqueles que pedirem para serem colhidos, colha os que ficarem calados. Depois, volte para sua casa e nada de mal lhe acontecerá. No meio do caminho, abra o primeiro coco; quando avistar a sua casa, abra o segundo; e quando encontrar sua madrasta, abra o terceiro.

A órfã fez exatamente como a fada lhe mandara. Embora muitos cocos no chão gritassem: “Colha-me! Colha-me!”, ela subiu no coqueiro, colheu três que nada diziam e levou-os com ela.

No meio do caminho, abriu o primeiro. De dentro dele saiu um cavalo negro como a noite que se abaixou para que ela o montasse.

Quando avistou ao longe sua casa, abriu o segundo, e de lá saíram ovelhas, cabras e vacas que encheram os estábulos e o quintal. E quando ela entrou em casa e abriu o terceiro coco, a casa ficou cheia de conchas e de pedras preciosas que transbordavam pela porta e pelas janelas.

A madrasta, vendo tanta riqueza, ficou morta de inveja, e fez com que a menina contasse onde conseguira tudo aquilo para que sua filha tivesse a mesma sorte.

A menina contou tudo à madrasta: como encontrara Iwin, a rainha das fadas, no mercado, como a seguira etc., etc.

Ah! Na mesma hora, a madrasta, sem dar ouvidos às reclamações da filha, obrigou-a a ir ao mercado vender azeite.

Aconteceu tudo igualzinho como acontecera à irmã. A fada comprou-lhe o azeite e pagou-lhe com dez conchas, sendo uma quebrada. A menina pôs-se a segui-la. Passaram pela floresta quente e úmida e a menina seguiu-a reclamando aos gritos que não agüentava tanto calor. Subiram a montanha gelada e Iwin teve que suportar as queixas da menina, que a cada passo reclamava do frio. Quando atravessaram o rio, a menina agarrou-se de tal forma à túnica da fada, que quase as duas caíram dentro d'água. No entanto, apesar de todos os resmungos e reclamações, sempre que Iwin tentava se livrar dela e a mandava embora, ela respondia como a irmã lhe ensinara:

– Irei onde você for até que me dê minha concha.

Quando, enfim, chegaram ao reino das fadas, Iwin falou:

Dê-me de comer. Pegue aquelas bananas, coma-as e me dê as cascas.

E o que você pensou que eu faria? - respondeu a menina com maus modos. Acha, por acaso, que comeria as cascas para você ficar com as bananas?

A fada pegou as cascas e disse:

Agora me dê de beber. Colha aquelas laranjas, chupa-as e dê-me o bagaço.

A menina chupou todas as laranjas e atirou os bagaços para a fada dizendo:

– Tome a sua parte.

Agora cate meus cabelos - disse a fada.

E você acha que eu vou ferir meus dedos em seus cabelos, sua bruxa? - perguntou a menina, assim que viu os alfinetes na cabeça de Iwin.

A fada olhou-a com desprezo e falou:

Menina, vá até aquela árvore e cate três cocos. Mas cuidado, não colha aqueles que pedirem para serem colhidos, colha os que ficarem calados, depois volte para sua casa. No meio do caminho, abra um dos cocos; ao avistar sua casa, abra o segundo; e quando encontrar sua mãe, abra o terceiro.

A menina correu até o coqueiro, mas como os cocos que gritavam para serem colhidos estavam já caídos no chão, pegou-os e voltou correndo para casa.

No meio do caminho, abriu o primeiro. De lá saiu um enxame de abelhas que a teriam matado a ferroadas, se ela não mergulhasse no rio.

Ao avistar sua casa, a menina abriu o segundo e de lá saíram centenas de animais peçonhentos: sapos, lagartos, escorpiões, baratas e ratos, que invadiram o quintal.

E quando a mãe correu ao seu encontro, ela abriu o terceiro coco. De lá saíram tigres e leopardos que correram atrás delas e as devoraram.

Adaptação de Maria Clara Cavalcanti de um conto oriundo da Costa dos Escravos, do livro “Os africanos no Brasil”, de Nina Rodrigues, publicado pela Editora UnB, p.236. No mesmo livro, à página 239, existe uma variante desse conto, contada pelos escravos de origem Nagô na Bahia. Esse conto pode ser considerado uma variante africana do conto “As Fadas”, compilado por Perrault. Encontramos, também, nele, elementos da “Moura Torta”.





Uma princesa afrodescendente

Sueli de Oliveira Rocha

Nasci princesa. Certamente antes disso vivi embalada nos sonhos de meus pais, que tanto queriam uma filha mulher. Os sonhos viraram traços fortes de brejeira morenice. O nome, Rosa Luanda, surgiu de dupla homenagem: à minha mãe (talvez por ela nunca ter desistido de ter uma filha mulher) e à capital de Angola, terra de origem dos meus familiares mais antigos. Uma África que não conheço, misteriosa e distante, se instalou em mim desde antes do meu nascimento, entranhada na pele e encarapinhada nos cabelos.

Nasci numa casa simples, primeira filha de um casal que já tinha quatro filhos homens. Meu nascimento foi comemorado com muita festa. O que não era de estranhar numa família festeira como a minha. Meu pai, um caminhoneiro que rodava o Brasil todo, sempre voltava carregado de grande saudade e pequenas lembranças: doces, revistas para colorir, fivelas, contas e fitas para o cabelo, além de algum brinquedo.

Com meu pai chegava também muita música. Nossa casa era pequena, acabando num gostoso quintal de terra, ou melhor, num pequeno terreno de forma irregular, onde imperava uma jabuticabeira. Era debaixo daquela árvore que tudo acontecia, sobretudo a cantoria dos sábados. Com um violão e algumas cervejas, meu pai soltava a voz. Rosa, minha mãe, sua eterna “rainha das flores” era a primeira homenageada: “Rosa, Morena, aonde vais

morena Rosa, com essa rosa no cabelo e esse andar de moça prosa¹”. Para mim, Rosa Luanda, a sua “Princesinha de Angola”, ele inventava: “Rosa Luanda, Princesa de Angola, entra na banda e pega a viola, ó Princesa de Angola, vem pra roda, vem cantar que a dança vai começar” - as rimas subitamente enriquecidas pelos acordes que tomavam conta do quintal. Meus dois irmãos mais velhos dançavam com suas namoradas; os dois mais novos revezavam-se na dança com minha mãe, Vovó e a Bisa. E quando me tiravam para dançar, eu subia nos sapatos deles e rodava feliz, por entre os espaços permitidos pelas raízes da jabuticabeira.

A música e a dança corriam em nosso sangue. Com minha avó aprendi a cantar e a dançar. Ela era alegre, cantava o tempo todo e me fazia decorar seu vasto repertório, que ia das cantigas de ninar até as suas prediletas, as que exaltavam a presença do negro no Brasil. Eu não entendia muito o que cantava, mas fazia coro com ela: “Glória a todas as lutas inglórias, que através da nossa história, não esquecemos jamais! Salve, o almirante negro que tem um monumento nas pedras pisadas do cais!²”. Ela me dizia que um dia a escola ia me ensinar o que tinha sido a Revolta da Chibata e que, então, eu compreenderia o que estava cantando. Mas para Vovó, eu não era só a princesa de Angola, das brincadeiras do meu pai. Era também a sua “Morena de Angola³”, música que ela me





fazia dançar, rodando e requebrando, enquanto ela cantava, batendo palmas.

A África também me chegava, dia após dia, pelas histórias de minha bisavó. Quando todos saíam para trabalhar, era ela quem cuidava de mim. E me contava histórias lindas. A lenda da galinha d'angola era a minha preferida: aquela *kerere*, gritando “tô fraco, tô fraco” porque se achava feia, e sendo ajudada por Dandalunda para se tornar bonita, me dizia que sempre era possível mudar alguma coisa que não ia bem. A Bisa me contava histórias que vinham de muito tempo e de muito longe, contadas e recontadas por gerações, ligando-me a uma África de lendas e *griots* com um elo tão tênue como nuvens de algodão. Essas histórias já eram afro-brasileiras, pois a Bisa preenchia com fatos lidos nos jornais as lacunas que a memória ia furtivamente construindo. E ela dava um jeito de me fazer entrar nas aventuras que contava. Eu era, então, Rosa Luanda, princesa de Angola. De uma Angola que a Bisa só conheceu pelas histórias contadas pelos parentes mais velhos que ela, mas da qual ela sentia imensa saudade. *Banzo* - brincava meu pai, quando a via triste - *Isso é banzo!* E em seguida, ele dissertava sobre o tempo em que os negros escravizados no Brasil morriam de saudade da África.



Uma noite, sem avisar, a Bisa foi para o céu de Angola. Papai pediu a mim que não chorasse. “A Bisa foi embora feliz. Dandalunda a levou para conhecer Luanda e a ilha de Mussulo com suas areias douradas”, - contou meu pai, me consolando.

A verdade é que sem a Bisa em casa, eu me tornei um problema, pois ninguém podia largar o emprego para ficar comigo. Resolveram, então, que eu iria para uma escola que ficava perto de onde Vovó trabalhava. Ficaria nela o dia inteiro, até completar o pouco tempo que faltava para Vovó se aposentar. Ela trabalhava numa oficina de costura, onde o trabalho era tanto que ela trazia serviço para terminar em casa, à noite. Lembro das muitas vezes em que, após a partida da Bisa, eu acordava com o

renc-renc-renc da velha máquina de costura. Vovó então me dizia que dormisse, que ela ficaria acordada tomando conta do meu sono. Dizia-me também que sossegasse, que tudo daria certo na nova escola. Ela percebia o meu medo do escuro misturando-se ao meu medo de enfrentar a nova situação, e procurava me acalmar. Nada lhe escapava, ela estava em todos os lugares, sempre cuidando para que tudo estivesse bem. Imagino que a Bisa deva ter aproveitado para escapulir para o céu de Angola

num momento em que, de cansaço, Vovó tenha cochilado sobre suas costuras.

Eu não conhecia ninguém em minha nova escola. Os alunos estavam juntos desde o começo do ano, eram amigos uns dos outros. Eu me percebia uma estranha naquele espaço. A cada dia eu me encolhia mais, longe da proteção do meu castelo. As crianças também me estranhavam. Eram perversas em suas brincadeiras, feriam-me, ironizando meu nome. *Erraram seu nome, Rosa Luanda? Era Rosa Luana que você ia se chamar?* Eu tinha vontade de gritar que eu me chamava Rosa Luanda sim, Rosa Luanda, princesa de Angola. Queria gritar que Luanda existia, que ficava na África, que era a capital de Angola, a terra dos antepassados do meu pai. Mas eu não falava nada. O olho ardia, o nó na garganta me impedia de dizer alguma coisa e eu me calava, sofreda. Nessa hora, essa África que marcava território em meu nome e em minha pele me sufocava com correntes tão fortes como as que prendiam os pés e o pescoço dos meus antepassados escravizados. Sentia o peso da cor da minha pele. Queria fugir daquele lugar, onde, nas festas, as princesas que cantavam e dançavam eram outras, lindas e loiras. Eu me sentia feia, desajeitada e sem graça. Pensava em Dandalunda. *Por que ela não vinha me ajudar?*

Naquela escola, a África era apenas um celeiro de negros e embrutecidos escravos. Em nada se parecia com a África das histórias da Bisa. Aquela África ia ficando cada vez mais distante. Para não me sentir excluída do grupo, aos poucos fui encontrando meios de anular a minha descendência africana. Defendia-me do isolamento buscando identificar-me com o res-

tante da turma. Passei a pedir a Vovó que penteasse meu cabelo esticando-o bem e prendendo-o num rabo-de-cavalo que terminava em uma trança única, num desejo inconfessado de conter a rebeldia dos grossos fios. Ficava distante a princesa de Angola, o carinhoso apelido de família. O nome Rosa Luanda também esteve perdido naquela escola. Quando aprendi a escrever, passei a assinar Rosa L. Raras pessoas perguntavam o que esse L. abreviava. Estavam me ensinando a me defender da exclusão, de uma forma perversa, negando minha origem africana.

Quando Vovó se aposentou, senti o alívio de poder deixar aquele lugar e voltar para minha antiga escola. Dandalunda, sorrindo, soprou em meus ouvidos que sempre era possível mudar o que não ia bem. Rosa Luanda renascia, consciente de sua afrodescendência e de sua brasilidade. Princesa de Angola e do Brasil.

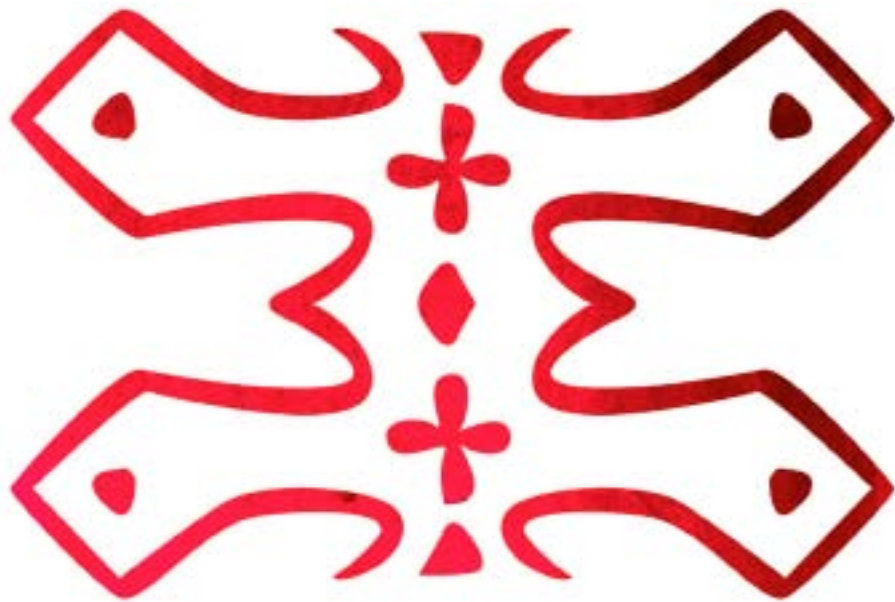
Notas:

¹ Rosa Morena (1960): composição de Dorival Caymmi.

² Mestre-sala dos Mares (1975): composição de João Bosco e Aldir Blanc.

³ Morena de Angola (1980): composição de Chico Buarque de Hollanda.

Sueli de Oliveira Rocha é coordenadora, na Baixada Santista, do Programa de Leitura da Petrobras-RPBC pela Leia Brasil, ONG de promoção da leitura. É também membro da equipe pedagógica do Gruhbas Projetos Educacionais e Culturais e do conselho editorial dos jornais “Bolando Aula”, “Bolando Aula de História” e “Subsídio”.



Não te arrependas (fragmento)

Rhea Silvia, a virgem princesa, vai descuidosa
Buscar água ao Tíbre, e o Deus dela se apossa.

Assim Marte gerou os seus filhos! —

Uma loba amamenta

Os Gêmeos, e Roma nomeia-se princesa do mundo.

Johann Wolfgang von Goethe, in "Elegias Romanas"



Princesa descombinada

Janaína Michalski

Oguntê, Marabô

Caiala e Sobá

Oloxum, Ynaê

Janaína e Yemanjá

São rainhas do mar...

Lenda das Sereias, letra de Marisa Monte

Ah, o mar! Quanto mistério há
nessa imensidão de generosas águas...

Para mim o mar nunca significou separação, mas união. Foi ele quem construiu essa terra hoje chamada Brasil, ao trazer para cá mais de dez milhões de africanos na era colonial e quase seis milhões de imigrantes de vários países do mundo, a partir do século XIX.

Mas em 1956 foi que o mar trouxe para o Brasil a pessoa mais importante de todas as pessoas importantes trazidas por ele. Minha mãe. Ela e a família embarcaram no primeiro navio possível, após o ultimato de um governo nazista do Egito. Foi uma viagem longa, com uma parada de um mês na Itália, por causa de doença na família, e mais um mês a navegar. Metade desse tempo, a menina de 11 anos levou para enxugar as lágrimas e se conformar com as raízes arrancadas. Na outra metade da viagem, ela se dedicou a estudar a língua do país no qual chegaria. Passou dias e noites mergulhada no único livro em língua portuguesa que havia no navio. Uma gramática de português de Portugal.

No porto de Santos, sem ainda imaginar que estava sendo abençoada por todos os santos, minha mãe, aquela menina, fez uma promessa. Sem nem saber o que era promessa ainda. Inconformada por não conseguir pronunciar um “a” na língua daqui, numa rasgada necessidade de se reconstruir, fazer laços e criar novas raízes ela jurou: dominaria o português.

Depois que ela se formou em Letras e virou mestre em Literatura Brasileira, eu nasci. No Rio Grande do Sul, durante as festas juninas, minha mãe me vestia de prenda gauchesca. Depois, quando fomos morar em Rondônia, porque ela foi lecionar na universidade de lá, descobrimos os vestidos de lese, que me transformavam numa princesinha caipira. Mais tarde, em Brasília, nas apresentações de balé clássico, ela dizia que a única diferença entre mim e as bonecas russas das caixas de música é que eu sorria.

Cresci indo às praias, aos igarapés, às serras e às cachoeiras de todo o Brasil. Festejávamos Pessach, Natal, Hosh Hashaná, São João. Comíamos acarajé, mousse de cupuaçu, feijoada, caldeirada de tucunaré, tabule com quibe cru. Eu estava sempre no meio das feiras, das capoeiras, dos sambas e das óperas que ela adorava ouvir especialmente enquanto limpava a casa.

Eu já era quase uma professora, quando uma zombaria me tirou o rumo. “Janaína Didio Michalski! Que nome esquisito, nada combina com nada!”, gargalharam minhas

colegas da escola de normalistas no Rio de Janeiro. Concordei com elas e achei que deveria me chamar Sarah, Veruska ou Natasha. Tive uma crise de identidade que parecia não ter fim: Sou judia? Cristã? Espírita? Não tenho sotaque, não tenho cara de estrangeira, não me pareço com uma brasileira... Janaína não combina com Didio que não combina com Michalski! “Eu não sou daqui”, gritou meu coração.

E com um enorme pacote de tudo o que eu tinha sido e achava que não era mais ou do que eu ainda era e achava ser um completo absurdo, bati à porta de minha mãe. Reclamei da descombinação do nome, da incoerência das escolhas, das múltiplas cidades, do singular sincretismo de religiões, da falta de centro no meu interior.

Com uma calma de maré baixa, a doutora em Ciências da Linguagem me disse que eu era apenas Janaína, uma princesa. E princesas não precisam ser de lugar nenhum porque são de todos os lugares ao mesmo

tempo. Àquela confusão empacotada de mim mesma ela disse ser brasilidade: um infinito de cores, pessoas, lugares, formas, sons. Dentro desse infinito, não haveria a possibilidade de me centrar. Infinitos não têm centro. E são belos porque são uma mistura e não uma combinação de coisas. E também não têm explicação porque a beleza nem sempre se traduz em palavras.

Sentindo-me enlaçada no balanço das ondas do mesmo mar que a trouxe para o Brasil, ouvi de minha mãe que eu era sua promessa cumprida: sua Janaína, sua brasilidade, sua raiz aqui. E que isso era mesmo muito difícil de explicar. Mas que se eu mesma ou outro alguém insistisse em querer saber, era para eu simplificar dizendo que ela veio do Egito, na África. E que sou Janaína, uma princesa africana.

Janaína Michalski é jornalista e escritora. É autora de “Onde o Sol não Alcança”, livro que será lançado em breve pela editora Nova Fronteira.



Princesas africanas e algumas histórias

Tiely Queen (Atiely Santos)

Como a luta só termina quando existe um vencedor

Yansã virou rainha da coroa de Xangô

Mas Yansã, cadê Ogum? Foi pro mar

Yansã, cadê Ogum? Foi pro mar

A Deusa dos Orixás (Romildo/Toninho),

intérprete: Clara Nunes.

Há séculos, rainhas e reis, príncipes e princesas da grande mãe África marcaram presença na história de seus países e mesmo na de outros, seja trazidos(as) acorrentados(as) em grandes navios negreiros, seja marcando seus espaços de direito nas terras que sempre lhe pertenceram.

A diversidade étnica sempre esteve presente na representatividade desses grupos monárquicos espalhados por todo o continente africano. A pluralidade e o formato dessas famílias reais “temperaram” a história mundial de várias maneiras. Decisões políticas e religiosas foram estabelecidas, partindo de influências e/ou colaborações dos africanos que se fizeram presentes como subjugados ou como chefes de seus estados. Muitas dessas personalidades reais viraram mitos ou santas que servem de exemplo, ou que são citadas em situações diversas.

Para dar início à viagem, entre rainhas e princesas, recorremos a uma das mais conhecidas na história mundial, Cleópatra VII, que nasceu no ano de 69 a.C., em Alexandria, cidade fundada por Alexandre, numa região pantanosa onde ficava o baixo império

egípcio e que desempenhou o papel de metrópole cultural, artística e econômica do Mediterrâneo Oriental. Ela era egípcia de nascimento, mas de dinastia macedônica. Sua família estabelecera-se no Egito em 305 a.C., quando o general macedônio Ptolomeu tomou o título de rei. Filha do rei Ptolomeu XII Auleta e da rainha Cleópatra V, ela chegou ao poder do trono egípcio quando o pai, antes de falecer, nomeou-a e ao irmão como os novos soberanos do Egito. Mulher de uma inteligência incomparável, teve a vida transformada em história que foi contada por diversos escritores e apresentada ao público sob vários formatos, de livros a filmes. A convite de César e a contragosto dos romanos, passou um tempo em Roma, onde César mandou fazer-lhe uma estátua de ouro, que foi colocada no templo da deusa Vênus. Após o assassinato de César, Cleópatra voltou para o Egito onde seu marido morre misteriosamente. Assim, ela chegou ao poder, tendo o filho como co-regente. Em 30 a.C., em Alexandria, Cleópatra morre vítima de uma picada de serpente. Com sua morte, o Egito torna-se província de Roma.

A princesa de origem bantu, Anastácia, que teve sua existência colocada em dúvida por falta de provas e documentos a seu respeito, é outro exemplo. Mas, para o povo e para alguns historiadores(as) sobre o tema, a escrava Anastácia existiu sim. Conta-se que chegou ao Brasil em uma caravela de nome “Galanga”, junto com uma família real africana e mais 120 negros. Nesse navio negreiro

estava outra figura importante de nossa história: um negro que ficou conhecido como Chico Rei no Círculo do Ouro da Região de Ouro Preto. Delmira foi arrematada por 1000 réis. Foi violentada por um homem branco, assim que desceu do navio. Desse ato de violência foi que nasceu Anastácia, em Pompeu, Minas Gerais. Com olhos azuis e muito bela, Anastácia resistiu como pôde às insistências do senhor da fazenda em que era escrava, mas acabou sendo violentada pelos filhos dele. Devido ao ciúme das mulheres e filhas do senhor da fazenda, recebeu no rosto uma máscara de ferro, cuja manutenção era feita por suas opressoras, que só permitiam a retirada da máscara para que ela se alimentasse. Muito debilitada, vítima das feridas causadas pela máscara e pela coleira que carregava por anos, Anastácia faleceu no Rio de Janeiro. Devido à sua resistência contra o povo branco que a sacrificava, Anastácia é considerada santa e mártir pela população.

Como estamos falando de princesas, peço licença para citar uma grande personalidade africana, figura que marcou vários países na sua época: Nzinga Mbandi Ngola, rainha de Matamba e Angola nos séculos XVI-XVII (1587-1663), foi uma das mulheres e heroínas africanas cuja memória mais tem desafiado o processo diluidor da amnésia, dando origem a um imaginário cultural não só na diáspora, mas também no folclore brasileiro, com o nome de Ginga. Nzinga é cultuada pelos modernos movimentos nacionalistas de Angola como a heroína angolana das primeiras resistências. Despertou um crescente interesse dos historiadores e

antropólogos que buscavam a compreensão daquele momento histórico que caracterizou a destreza política e de armas dessa rainha africana que lutou a favor da resistência à ocupação dos portugueses do território angolano e contra o tráfico de escravos. Contemporânea de Zumbi dos Palmares, este outro herói afro-brasileiro (?-1695), ambos parecem compartilhar de um tempo e de um espaço comum de resistência: o quilombo. Na mesma época em que Nzinga lutava no território angolano por seu país, Zumbi lutava no território brasileiro pela liberdade dos negros escravizados. A Rainha Nzinga já foi tema do Carnaval do Bloco Afro Ilú Obá de Min, de São Paulo, formado somente por mulheres percussionistas.

Além de Anastácia, tivemos no Brasil a princesa Alafíá, que veio para nosso país em um navio negreiro junto com sua família e muitos irmãos negros, seqüestrados do reino de Daomé, um reino africano situado onde agora é o Benin. Naquela época, ela tinha apenas doze anos de idade. No Brasil, foi viver numa fazenda, onde foi mucama de uma sinhazinha. Sempre quando conseguia, Alafíá ia à senzala ver se algum de seus irmãos negros necessitava ajuda, mas a liberdade era tudo o que seu povo mais queria (*Isso não nos faz lembrar de “A Escrava Isaura”, o romance de Bernardo Guimarães que virou telenovela?*). Alafíá vivia na casa grande, mas não se achava melhor que os escravizados que ficavam na senzala; ela também sabia que era uma escrava e o fato de estar na casa grande, comendo e dormindo melhor, não a tornava diferente. Ao completar 19 anos,

fugiu para um quilombo e foi viver junto das pessoas que não aceitavam a escravidão e lutavam contra aquela opressão e sofrimento. No quilombo que tinha seu nome, todos e todas a queriam bem. Além de ser uma grande guerreira que defendia o quilombo e ajudava na fuga e libertação de escravos, Alafíá era uma grande contadora de histórias. Sempre que podia, ela reunia as crianças do quilombo para contar histórias da sua terra, Daomé, e da criação do mundo através das histórias dos Orixás.

Outro momento interessante relacionando a história de princesas africanas e nossa diversidade cultural é o das princesas marroquinas, mulheres e concubinas de Muley Abdessalam, príncipe herdeiro do trono do Marrocos. Muley era o quinto filho de Mohamed III, que reinou de 1757 a 1790 e tomou Mazagão, uma possessão portuguesa no norte da África. Por contingências de uma viagem por mar, a comitiva do príncipe Muley Abdessalan formada por 221 pessoas, entre elas a esposa - a princesa Laila Amina -, príncipes e princesas filhos do casal, escravos, eunucos etc. aportou em Portugal.

Padre Frei João de Sousa relata de forma detalhada várias situações passadas pela comitiva do príncipe em terras portuguesas.

Essas princesas, que se tornaram rainhas de seu povo, fazem parte de um espaço existente em nossa história onde desfilam muitas personalidades reais, não somente na atualidade, mas nos tempos passados, quando tiveram grande força e atuação. Na religião, por exemplo, existe a Gelede, originalmente uma forma de sociedade secreta femi-

nina de caráter religioso, existente nas sociedades tradicionais yorubás. Expressam o poder feminino sobre a fertilidade da terra, a procriação e o bem-estar da comunidade. Essas mulheres fazem um papel importantíssimo na sociedade em que vivem.

Na atualidade, há também as histórias que são contadas ou cantadas pelos nossos artistas populares, nas quais as princesas são citadas de forma muito interessante, como foi o caso da Escola de Samba Salgueiro (Rio de Janeiro) e de outra escola no Espírito Santo.

E como não poderia deixar de citar, há também as rappers, guerreiras da cultura Hip Hop que, em suas composições, contemplam variados assuntos ligados à Mãe África. Auto-intituladas rainhas e princesas negras, algumas nem são negras na pele, mas em seus antecedentes familiares a presença do negro é muito forte. Hoje em dia, são essas mulheres que evocam em seus trabalhos - dança, grafite ou produção musical - a ancestralidade do povo africano e dos antepassados, dando continuidade à história, mantendo-a viva e sempre presente.

Notas:

Outras rainhas que não tiveram seu histórico citado, mas que podem ser pesquisadas pelos leitores(as):

- Rainha Hatshepsut, que governou o Egito, vivendo no século XV a.C.;
- Rainha Makeba Oubsheba de Axum, Etiópia, 960 a.C.;
- Rainha Candace, do Sudão, que enfrentou o exército de Augusto César.

Tiely Queen (Atiely Santos) é atriz, arte-educadora e desenvolve atividades na cultura Hip Hop. Coordena o Projeto “Mulheres do Hip Hop cantam as realidades” e o Setor de Audiovisual da CUFA/SP (Central Única das Favelas, com sede no Rio de Janeiro). www.hiphopmulher.com.br



Bibliografia

África e princesas: livros e filmes

A África - estamos tão acostumados a nos referirmos ao mais antigo continente no singular, que muitas vezes nos esquecemos de como ela é plural. O chamado berço da humanidade é também a casa de ricas e diversas culturas. Parte delas chegou ao Brasil no triste balanço dos porões negreiros, mas aqui esta semente floresceu sua exuberância, lutando contra todas as adversidades. E hoje, todo brasileiro, independentemente de sua carga genética, carrega dentro de si uma parte da magia da África.

E as princesas, mais do que ficcionais ou reais, são meninas e mulheres com quem as brasileiras de todas as idades podem encontrar semelhanças e diferenças. E não são justamente as semelhanças e diferenças que nos ajudam a sermos nós mesmos?

Aqui tentamos reunir uma parte do que, felizmente, tem chegado cada vez mais às livrarias e bibliotecas. Com certeza deixamos de fora muitos livros, mas esse é o problema das listas. Então, que esta bibliografia seja um começo e não um fim.

Fechamos com uma pequena filmografia. Infelizmente pequena, pois apesar do sucesso do cinema brasileiro dentro e fora do Brasil, ainda são poucos os filmes que retratam essa parte de nossa história e cultura. Bem, por falta de boas histórias é que não é.

África

ÁFRICA, de Ilan Brenman, editora Moderna. Este volume contempla contos populares africanos de diversas regiões da imensa mãe África. "Ananse acordou um dia decidida: - Quero ser a contadora de histórias oficial da África. Naquela época, o dono das histórias era Nyankonpon, o deus do céu. Ananse pediu uma audiência com o todo-poderoso detentor das narrativas africanas."

A ÁFRICA EXPLICADA A MEUS FILHOS, de Alberto da Costa e Silva, editora Agir. A África sempre serviu de inspiração para filmes e livros que ficaram na memória de várias gerações. Mas ainda há muito que dizer - e que aprender - sobre esse continente. Neste livro, o historiador

Alberto da Costa e Silva nos mostra não somente por que a África é fascinante, mas também por que nossa trajetória está intimamente ligada ao seu povo.

A ÁFRICA, MEU PEQUENO CHAKA..., de Rosa Freire Aguiar, editora Companhia das Letrinhas. Vovô Dembo é um africano muito alto e muito sábio. E ele quem conta ao neto Chaka a história da sua África: a infância pobre numa família de catorze irmãos, o pastoreio das cabras, as pescarias no rio barrento, as festas, as comidas, as plantações de amendoim e batata-doce.

AGBALA, UM LUGAR CONTINENTE, de Marilda Castanha, editora Cosac Naify. A autora traça um novo olhar sobre a trajetória dos negros desde a chegada ao Brasil, durante a escravidão, e



convida o leitor a adentrar na cultura desses povos tão importantes para a formação da identidade do nosso país. O livro expõe singularidades como: por que os negros eram obrigados a dar voltas ao redor de árvores antes de deixar o continente africano rumo à escravidão no Brasil?

BICHOS DA ÁFRICA, de Rogério de Andrade Barbosa, editora Melhoramentos. São quatro volumes que trazem lendas sobre diversos animais de diferentes partes do continente africano.

BOM DIA, CAMARADAS, de Ondjaki, editora Agir. Um menino, filho de um alto funcionário do governo angolano, tem uma vida privilegiada e tem contato com as idéias do povo, por intermédio de seu pajem, “o camarada Antonio”.

O CHAMADO DE SOSU, de Meshack Asare, editora SM. Sosu percebe que sua aldeia corre perigo com a chegada de uma grande tempestade. Sem poder andar, ele utiliza seu tambor para dar o importante aviso.

OS CHIFRES DA HIENA E OUTRAS HISTÓRIAS DA ÁFRICA OCIDENTAL, de Mamadou Diallo, editora SM. Diversas histórias da tradição oral africana reunidas em um livro em que os traços humanos estão presentes nos animais.

CRIANÇAS – OLHAR A ÁFRICA E VER O BRASIL, de Pierre Verger, editora IBEP. As fotos de Pierre Verger revelam a beleza da cultura africana e a força de sua influência na música, na dança, na comida, nas roupas, nas artes e em muitos outros costumes brasileiros. O título, por si mesmo, explica a importância deste livro.

O DIA EM QUE ZUMBI TOMOU O RIO, de Eduardo Agualusa, editora Gryphus. Os morros do Rio de Janeiro estão ardendo. Aproxima-se o dia em que a guerra descerá sobre os bairros ricos da cidade. Um jornalista - anão, negro e homossexual - mergulha no incêndio dos morros cariocas em busca de respostas a perguntas que poucos se atrevem a colocar.

ELEGUÁ, de Carolina Cunha, editora SM. O mais poderoso orixá entre a Terra e o Céu é o menor de todos os heróis iorubás. Mesmo sendo criança, é o primeiro da família a ser saudado, o primeiro que recebe oferendas. Essa história conta por que sua fama corre tão longe.

A ENXADA E A LANÇA - A ÁFRICA ANTES DOS PORTUGUESES, de Alberto da Costa e Silva, editora Nova Fronteira. O autor apóia-se em vastíssimo material arqueológico, antropológico e histórico desconhecido no Brasil e em sua própria vivência pessoal, pois trabalhara durante muitos anos na África, como diplomata. O livro trata de povos que deixaram poucos documentos escritos; trata também de territórios imensos, quase não pesquisados.

FILHOS DA PÁTRIA, de João de Melo, editora Record. Uma reflexão profunda e cuidada sobre os filhos do território angolano e seus complexos destinos é o ponto central de cada um dos dez contos de Filhos da Pátria.

ESPELHO DOURADO, de Heloisa Pires Lima, Editora Peirópolis. A história se passa por volta do ano de 700 d.C., no reino medieval de Gana, território localizado na curva do rio Niger. Espelho Dourado remete o leitor à crença achanti de que os mortos habitam um mundo que é a imagem espelhada do mundo dos vivos. Os dois mundos encontram-se nos sonhos.

O GATO E O ESCURO, de Mia Couto, editora Companhia das Letrinhas. Pintalgato vive sendo alertado pela mãe para que não ultrapasse a fronteira do dia. Mas ele, louco para descobrir o que se esconde sob a sombra da noite, decide se aventurar e acaba tendo um encontro inusitado com o escuro. Quando volta para a luz do dia,

descobre que seu pêlo, antes amarelo com pintinhas, está preto como a noite, e fica apavorado.

A GÊNESE AFRICANA – CONTOS, MITOS E LENDAS, de Leo Frobenius e Douglas C.

Fox, editora Landy. A origem do homem, à maneira como os primeiros africanos a conceberam. As pinturas rupestres da África pré-histórica integram os mitos, lendas e fábulas. A mesma força criativa desponta na expressividade de seus traços e de seus conteúdos. Essas pinturas também escrevem as histórias que as lendas contam.

GOSTO DE ÁFRICA – HISTÓRIAS DAQUI E DE LÁ, de Joel Rufino dos Santos, editora Global. Histórias daqui e da África contam mitos, lendas e tradições negras. Com um olhar crítico e afetoso, o autor fala também de personagens da história do Brasil e de um tempo de escravidão, luta e liberdade, ajudando-nos a compreender melhor nossa cultura.

O HERÓI COM ROSTO AFRICANO - MITOS DA ÁFRICA, de Clyde W. Ford. Editora Summus / Selo Negro. Uma longa viagem pela sabedoria africana, e em especial pela rica mitologia do grande continente negro. Clyde W. Ford faz distinção entre as lendas populares e os mitos africanos. As lendas, segundo ele, são essencialmente histórias para divertir. Os mitos, não. Esses contêm símbolos universalmente reconhecíveis, com significação psicológica e espiritual. Os mitos apresentados no livro, que é ilustrado com um mapa detalhado dos povos e dos mitos da África, provêm de muitas fontes.

HISTÓRIAS DA ÁFRICA, de Gcina Mhlophe, editora Paulinas. Esse livro reúne algumas histórias africanas bastante tradicionais, que têm em comum a característica de serem contadas de geração em geração, há muitos e

muitos anos. Algumas delas podem ser encontradas em outras partes do mundo, em diferentes versões. Gcina Mhlophe é uma das mais populares contadoras de história da África do Sul.

IFÁ – O ADIVINHO/ XANGÔ, O TROVÃO/ OXUMARÉ, O ARCO-ÍRIS, de Reginaldo Prandi, editora Companhia das Letras. Embora fazendo parte de uma trilogia, esses livros são independentes e contam os principais mitos dos orixás pertencentes às tradições afro-brasileiras: Exu, Ogum, Oxóssi, Erinlé, Logum Edé, Ossaim, Nanã, Omulu, Oxumarê, Eua, Iroco, Xangô, Obá, Iansã, Oxum, Iemanjá, Ibejis, Ajalá, Ifá, Odudua, Oxaguiã e Oxalá. Histórias que o Brasil herdou da África e que hoje fazem parte de nosso patrimônio cultural.

LENDAS DA ÁFRICA, de Julio Emilio Braz, editora Bertrand Brasil. Com adaptação de várias histórias do “tempo em que os animais ainda falavam”, o livro é uma mistura de aventura com humor e traz as lições de sabedoria características desse folclore.

LENDAS E FÁBULAS (Vol. I, II, III e IV), de Rogério de Andrade Barbosa, editora Melhoramentos. Nas sociedades africanas que ainda não têm escrita, a tradição e a história desses povos são transmitidas em belas narrativas por velhos sábios, chamados griots. Debaixo de uma árvore ou em volta de uma fogueira, homens, mulheres e crianças se reúnem para ouvir essas narrativas envolventes, que divertem e, ao mesmo tempo, transmitem costumes e valores morais.

MADE IN ÁFRICA, de Luís da Câmara Cascudo, editora Global. No início da década de 1960, Luís da Câmara Cascudo empreendeu uma longa viagem de estudos pela África Ocidental e Oriental. Em convívio com o cotidiano da vida africana, o pesquisador teve oportunidade de constatar as imensas afinidades espirituais, culturais e mágicas que unem Brasil e África.



MÃE ÁFRICA – MITOS, LENDAS, FÁBULAS E CONTOS, de Celso Sisto, editora Paulus. Uma rica coletânea de histórias africanas feita com base em ampla pesquisa, com o objetivo de ressaltar a diversidade de etnias do continente africano. O autor selecionou 29 histórias originárias de diversos lugares da África, procurando privilegiar histórias ainda não publicadas em português. Os leitores encontrarão aqui uma festa plural de cores, nomes, belezas, sabores, feitos e fantasias africanas, os quais exercem muita influência na cultura brasileira.

NAÇÃO CRIOULA, de Jose Eduardo Agualusa, editora Gryphus. Nos finais do século XIX, a misteriosa ligação entre o aventureiro português Carlos Fradique Mendes, cuja correspondência Eça de Queirós recolheu, e Ana Olímpia Vaz de Caminha, que, tendo nascido escrava, foi uma das pessoas mais ricas e poderosas de Angola.

UM RIO CHAMADO TEMPO, UMA CASA CHAMADA TERRA, de Mia Couto, editora Companhia das Letras. O estudante universitário Marianinho volta à ilha de Luar-do-Chão depois de anos de ausência: Ele fora incumbido de comandar as cerimônias fúnebres do avô Dito Mariano, de quem recebera o nome. Marianinho logo descobre que o falecimento do avô havia permanecido estranhamente incompleto, escondendo desígnios que escapavam à força dos homens. Nesse romance, a situação de conflito entre a deriva da África pós-colonial e o arraigamento das tradições ganha retrato exemplar numa saga familiar poética e fantástica.

SABORES DA ÁFRICA, de Dorinda Hafner, editora Selo Negro. Receitas deliciosas e histórias apimentadas da vida da autora, que reúne segredos de culinária, lendas, cantigas e provérbios. Mais do que a rica mistura, o tempero capricha no humor irreverente das mulheres africanas.

O SEGREDO DAS TRANÇAS E OUTRAS HISTÓRIAS AFRICANAS, de Rogério de Andrade Barbosa, editora Scipione. Os contos

reunidos neste livro vêm de cinco países de língua portuguesa, situados em distantes pontos da África: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe.

A SEMENTE QUE VEIO DA ÁFRICA, de Heloisa Pires Lima, editora Salamandra. O baobá (adansonia) é considerado na África “a árvore da palavra”. De beleza rara e tamanho descomunal, ele se tornou um símbolo da África em sua luta para manter a integridade cultural de seus povos. Diz-se que dele se colhem histórias.

TERRA SONÂMBULA, de Mia Couto, editora Companhia das Letras. Um ônibus incendiado em uma estrada poeirenta serve de abrigo ao velho Tuahir e ao menino Muidinga, em fuga da guerra civil devastadora que grassa por toda parte em Moçambique. O veículo está cheio de corpos carbonizados. Mas há também um outro corpo à beira da estrada, junto a uma mala que abriga os “cadernos de Kindzu”, o longo diário do morto em questão. A partir daí, as duas histórias são narradas paralelamente.

TUMBU, de Marconi Leal, editora 34. Um garoto africano atravessa o Oceano Atlântico escondido em um navio para tentar encontrar os pais, raptados e vendidos a traficantes negreiros por uma tribo rival. Inocente, mas inteligente e audacioso, Tumbu não fazia idéia dos sofrimentos e das aventuras que viveria em solo brasileiro.

O VENDEDOR DE PASSADOS, de Jose Eduardo Agualusa, editora Gryphus. Esta é a história de um albino que mora em Luanda, Angola, e que traça árvores genealógicas em troca de dinheiro. Estranho ofício, estranho o personagem principal - Félix Ventura, o vendedor de passados falsos - e mais estranho ainda o narrador: uma osga, um tipo de lagartixa.

Princesas

ALMA DA ÁFRICA (A CASA DA ÁGUA/ O REI DE KETO/ TRONO DE VIDRO), de Antonio Olinto, editora Bertrand Brasil. A trilogia começa com o retorno da família da jovem Mariana à África. Neta de uma escrava, mas nascida no Brasil, a menina vai descobrir suas raízes em uma terra ainda estranha a ela.

ANA E ANA, de Celia Godoy, editora DCL. Ana Carolina e Ana Beatriz eram gêmeas idênticas... mas eram iguais só por fora! Esta história encanta pela delicadeza com que aborda a “igualdade” e as diferenças entre gêmeos idênticos e os sentimentos que acabam esquecidos.

UM ANO NOVO DANADO DE BOM, de Angela Lago, editora Moderna. Quatro irmãs, princesas africanas, são feitas escravas. Em uma noite, três delas escapam, mas deixam para trás a mais nova, ainda um bebê. O remorso das mais velhas com o abandono da irmãzinha vai desencadear uma história mágica.

ANTÔNIO E CLEÓPATRA, de William Shakespeare, várias editoras. Produzida em 1607, esta tragédia tem como tema a relação entre o militar romano Marco Antônio e Cleópatra, a célebre rainha do Egito. O casal sonhava com o estabelecimento de um grandioso império no oriente, mas seus planos são interrompidos por Otávio Augusto, um dos líderes do Império Romano.

BIA NA ÁFRICA, de Ricardo Dregher, editora Moderna. Bia é filha de uma diplomata e viaja com a mãe por diferentes partes do mundo: África, Europa, Ásia... Nessas viagens, ela conhece muitas das influências que outros países trouxeram para o Brasil. Prepare suas malas e viaje com a Bia para a África. Conheça o Egito e o Quênia e

more com ela em Angola! Lá você encontrará muitas das raízes do Brasil e dos brasileiros.

A BONEQUINHA PRETA, de Alaide Lisboa de Oliveira, editora Lê. A bonequinha preta é a melhor amiga da menina Mariazinha, mas também é muito levada e apronta muita confusão.

BRUNA E A GALINHA D'ANGOLA, de Gercilga S. de Almeida, editora Pallas. Narra como a terra ficou segura, e como Bruna e suas amiguinhas da grande aldeia chamada Terra se afeiçoaram a Conquém, na beleza de sua pele escura pintada de pequenas bolas brancas.

CARMEN / AÍDA, de Adèle Geras, editora Salamandra. A ópera Aída narra a história de uma princesa etíope feita escrava pelos egípcios. Ninguém sabe sua identidade, mas mesmo assim ela desperta o amor de um valoroso guerreiro. Essa série traz o libreto em linguagem acessível às crianças. A edição traz também a ópera Carmen.

CHICA QUE MANDA, de Agripa Vasconcelos, editora Itatiaia. Mais que um romance biográfico, Chica que Manda vale por um completo estudo da vida, dos costumes e da política de sua época.

CONTOS E LENDAS AFRO-BRASILEIRAS, de Reginaldo Prandi, editora Companhia das Letras. Adetutu, uma jovem mãe africana, é aprisionada por caçadores de escravos e transportada ao Brasil em um navio negreiro. Durante a viagem, ela sonha com a criação do mundo pelos orixás, deuses de seu povo. Os contos e lendas mostrados em seus sonhos fazem parte do patrimônio mitológico iorubá, que o Brasil herdou da África e que aqui se preservou ao longo de mais de um século, contado de boca em boca, transmitido de geração a geração.

A COR DA VIDA, de Semíramis Palermo, editora Lê. O livro de imagens narra o encontro de uma menina negra e um menino branco em

um shopping center. Através do olhar das duas crianças se aprende o respeito às diferenças.

DOCE PRINCESA NEGRA, de Solange de Azevedo Cianni, editora LGE. Este é um dos títulos da série Orgulho da Raça, dedicada ao prazer de oferecer livros que auxiliem o trabalho de educador, para a construção da identidade de negra, principalmente na infância.

DÚVIDAS, SEGREDOS E DESCOBERTAS, de Helena Carolina, editora Saraiva. Um olhar poético sobre os pequenos e grandes momentos, sobre as tristezas e alegrias, pois quem tem arte e amor no coração enxerga, num olhar pela janela, mais do que ruas, carros e pessoas. Enxerga amores e desamores, alegrias, fantasias, poemas e versos.

ELA / AYESHA, A VOLTA DE ELA, de Henry Rider Haggard, ed. Record. O autor de As Minas do Rei Salomão narra a busca de dois exploradores ingleses pela misteriosa e imortal rainha branca africana em dois livros que se tornaram clássicos da literatura de aventura.

A FILHA DO REI, de Telma Guimarães Castro de Andrade, editora SM. Raquel não conhece o pai. Sua mãe diz que ela é filha de um rei que lhe faz todas as vontades. Só que de longe. Até que um dia Raquel decide conhecer de verdade este rei. Já que ele pode tudo, quem sabe não pode ajudar nas contas do mês? Ou comprar o remédio que a mãe precisa? Ou, quem sabe, só ser um pai normal por algum tempo?

HISTÓRIAS DA PRETA, de Heloisa Pires Lima, editora Cia das Letrinhas. Reunindo informações históricas, reflexão intelectual, estímulos ao exercício da cidadania e histórias propriamente ditas (tiradas da mitologia africana), a autora fala sobre a população negra no Brasil, com a experiência de quem já foi alvo de racismo.

LUANA – A MENINA QUE VIU O BRASIL NENÉM, de Aroldo Macedo e Oswaldo Faustino, editora FTD. Luana é uma heroína afro-brasileira. Ela tem oito anos, corpinho ágil e gracioso, sorriso doce e adora lutar capoeira. Com seu berimbau mágico, ela se transporta para outras épocas e lugares, levando o leitor a descobertas inacreditáveis.

LUANA – CAPOEIRA E LIBERDADE, de Aroldo Macedo e Oswaldo Faustino, editora FTD. Desta vez Luana nos mostra que mais que uma dança, mais que uma luta, a capoeira é uma expressão de liberdade.

MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA, de Ana Maria Machado, editora Ática. Este livro já é um clássico. É irresistível o coelhinho branco que quer se tornar negro como a menina linda do laço de fita.

NA TERRA DOS GORILAS, de Rogério de Andrade Barbosa, editora Melhoramentos. Helena ganha um prêmio da ONU e visita a África juntamente com um grupo de jovens de outros países. Chegando lá, enfrenta problemas que envolvem questões sociais e ecológicas da região. Vive fortes emoções entre estranhos costumes tribais, guerrilhas de fronteira e pigmeus caçadores, antes de encontrar o amor.

NEGRINHA, de Monteiro Lobato, editora Globo. O conto que dá título ao livro narra a triste história de uma menina que sempre foi tratada como coisa, mas que se descobre gente ao aprender a brincar com uma boneca. Com esse livro, Lobato denuncia e desnuda os bastidores de uma sociedade patriarcal que deixa entrever os vestígios de uma persistente mentalidade escravocrata, mesmo décadas após a abolição.

A OVELHA NEGRA, de Bernardo Aibe, editora Mercury. Tita era uma ovelha diferente... Ela queria ser igual às suas amigas. Queria, mas não era.... Será que ser igual a todo mundo é tão bom assim?

PARA CONHECER CHICA DA SILVA, de Keila Grimberg, Lucia Grimberg e Anita Correia Lima de Almeida, editora Jorge Zahar. Em estilo leve e agradável, usando recursos ficcionais, as autoras narram a vida de Chica da Silva, uma das mulheres mais conhecidas na história do Brasil. O livro reconstitui os eventos históricos da época, as legislações, as formas de escravização, o tráfico de escravos e o trabalho negro nas minas.

PEIXE DOURADO, de Jean-Marie Gustave Le Clezio, editora Cia. das Letras. A vida de Laila, raptada aos seis anos de idade e vendida no Marrocos a Lalla Asma, velha judia de origem espanhola. A compradora se torna para ela, ao mesmo tempo, sua dona e sua avó. Quando a avó morre, oito anos depois, Laila pode voltar para casa, mas um par de brincos em forma de meia-lua é tudo o que a liga a seu povo. A busca a leva à França, aos Estados Unidos e de volta à África, o ponto de partida, onde a vida pode então recomeçar.

PRETINHA, EU?, de Julio Emilio Braz, editora Scipione. Uma menina negra ganha uma bolsa de estudos em um colégio onde nunca havia entrado um aluno negro. A partir daí começa uma história de preconceitos, mas também de descobertas.

A PRINCESA ALAFIÁ, de Sinara Rúbia, Grupo Cultural Vozes da África. Era uma vez uma princesa chamada Alafiá, que morava no reino de Daomé no continente africano. Certo dia, durante uma festa na cidade da princesa,

seu reino foi invadido por homens que possuíam armas de fogo. A menina, seus pais, que eram rei e rainha da cidade e muitos de seus irmãos foram seqüestrados e escravizados em uma terra muito distante.

A PRINCESA ANÁSTACIA, de Elma Neves, editora DCL (Difusão Cultural). Quando Anastácia era pequena, lhe deram um mundo em preto-e-branco. Desde então, ela vive entre tons acinzentados, mas sabe que existe uma grande diversidade de cores e até tem uma predileta, que vê apenas quando fecha os olhos. Para não perder de vista seu tom de cor preferido, ela desceu as escadarias do castelo, atravessou muralhas e portões de ferro para alcançá-la. Agora Anastácia quer misturá-la no mundo todo!

PRINCESA ARABELA, MIMADA QUE SÓ ELA, de Mylo Freeman, editora Ática. O que dar de presente para uma princesinha mimada que tem muito mais do que precisa? A rainha pergunta a Arabela o que ela quer ganhar de aniversário. Ora, simplesmente um elefante de verdade! Assim, os pais da pequena tirana movem mundos e fundos para atender tal capricho.

PRINCESAS ESQUECIDAS OU DESCONHECIDAS, de Philippe Lechermeier, editora Salamandra. Uma galeria de diferentes tipos de princesas e suas peculiaridades desfila pela poesia feita de palavras e imagens. Essas princesas podem estar no oriente, nos desertos e bem perto de você.

QUARTO DE DESPEJO, de Carolina Maria de Jesus, editora Ática. Os cadernos dessa catadora de lixo foram publicados em diversos idiomas e emocionaram milhares de pessoas pelo mundo. No relato de sua luta cotidiana, Carolina demonstra uma dignidade admirável.

O TESOURO DA CHICA DA SILVA, de Antonio Callado, editora Nova Fronteira. Minas

Gerais, ciclo do ouro. Chica da Silva, ex-escrava, vive cercada de suas mucamas e do luxo patrocinado pelo seu amante. A chegada de um representante do reino de Portugal ao arraial do Tijuco põe todo esse fausto em perigo. A obra faz parte do chamado Teatro Negro, do dramaturgo e romancista Antonio Callado.

AS TRANÇAS DE BINTOU, de Sylviane A. Diouf, editora Cosac & Naïf. O sonho de Bintou, uma menina africana, é ter tranças como todas as mulheres mais velhas de sua aldeia. Mas, como ainda é criança, tem de se contentar com os birotos.

VALENTINA, de Márcio Vassalo, editora Global. “Valentina morava num castelo, na beira do longe, lá depois do bem alto.” Assim começa a encantadora história dessa princesa bem diferente daquelas dos contos de fadas, mas igual a milhões de princesinhas brasileiras.

Nosso Brasil africano

O ANJO NEGRO, de Nelson Rodrigues, editora Nova Fronteira. A peça, que esteve sob censura durante dois anos, narra a polêmica história de Ismael - negro que renega a própria cor - e de sua mulher, Virgínia, branca filicida que não aceita a prole mestiça gerada na relação com o marido.

BERIMBAU MANDOU TE CHAMAR, de Bia Hetzel, editora Manati. Vários versos e cantigas de capoeira que, de maneira alegre, estimulam os menores a conhecer uma rica parte da cultura brasileira.

BRUNO ZUMBI, de Angela Cristina Marques, editora Lê. Diário de um adolescente comum e ao mesmo tempo especial. Bruno, rapaz negro, convive com a dubiedade da sociedade, disfarçadamente racista. Ele é um jovem herói do cotidiano, como tantos que passam despercebidos e podem até ser destruídos pelo preconceito e pela incompreensão.

CHICO REI, de Agripa Vasconcelos, editora Itatiaia. História ou lenda, a saga de Chico Rei, que foi rei na África e escravo em Vila Rica; e, liberto, lutou pela alforria de seus contrerrêneos.

DE ONDE VOCÊ VEIO, de Liliana Iacocca, editora Ática. Quais são as origens do povo brasileiro? Seus avós e bisavós são negros, índios, portugueses, alemães, árabes, japoneses...? Diversas nacionalidades, costumes, religiões, línguas e histórias contribuíram para a formação do povo do nosso país.

DOM OBÁ II D'ÁFRICA, O PRÍNCIPE DO POVO, de Eduardo Silva, editora Cia das Letras. Original, divertido e erudito, este livro narra a saga verídica de Cândido da Fonseca Galvão, filho de africano forro, aclamado pelos moradores da “África Pequena” - os populosos bairros negros do Rio de Janeiro - como Dom Obá II d'África, o príncipe do povo, que, de fraque, cartola e pince-nez, freqüentava assiduamente as audiências públicas de D. Pedro II.

ENTRE EUROPA E ÁFRICA: A INVENÇÃO DO CARIOCA, organizado por Antonio Herculano Lopes, editora Topbooks. Este livro não é de literatura, mas uma obra de referência, contendo o resultado de um seminário realizado pela Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro, reunindo especialistas em diversas áreas da cultura. O carnaval carioca, a música, a dança, o teatro, o circo, a literatura, a fotografia, o cinema, os monumentos, a vida boêmia e a repressão na cidade são alguns dos temas tratados por autores como Isabel Lustosa, José Ramos Tinhorão e Roberto Moura.

OS ESCRAVOS, de Castro Alves, editoras L&PM e Martin Claret. Castro Alves é a maior figura literária da terceira geração romântica.

Foi conhecido por usar seu talento de poeta e orador a serviço da causa abolicionista. A obra “Os Escravos” é um livro póstumo, conjunto de composições tendo como núcleo temático o problema da escravidão.

IRMÃO NEGRO, de Waleyr Carrasco, editora Moderna, 1995. O narrador da história, Leo, é filho único e sempre desejou ter irmãos. A mãe dele recebe uma carta, por meio da qual, chocada, fica sabendo que sua irmã falecera, deixando um filho, Sérgio, que está abandonado, vivendo nas ruas. A mãe de Leo viaja para Salvador e de lá traz o sobrinho, que deverá ser incorporado à família como “irmão” de Leo. Sérgio é negro e a convivência se mostra difícil: o menino é faminto e calado. Assusta-se com facilidade. Desconhece vida de classe média. É discriminado pelos amigos de Leo e sofre preconceito quando sai a passear com ele. O menino negro possui também um segredo. Só quando Leo consegue descobrir seu afeto pelo irmão negro o mistério é revelado.

JOSÉ MOÇAMBIQUE E A CAPOEIRA, de Joaquim de Almeida, Cia das Letrinhas. O autor parte de um pequeno conto para falar das origens, da evolução e dos fundamentos da capoeira, que hoje não se restringe ao Brasil, mas é estudada e praticada em pontos distantes do planeta, como Dinamarca, Israel e Japão, entre outros.

LUIZ GAMA, de Myriam Fraga, editora Callis. A história do extraordinário mulato baiano que, com muita determinação e inteligência, venceu os obstáculos da escravidão, defendeu os seus direitos e batalhou pela liberdade.

MENINO MARROM, de Ziraldo, editora Melhoramentos. Esta é a história de um meni-

no marrom, mas fala também de um menino cor-de-rosa. Eles são dois perguntadores inventados e vão descobrir juntos os mistérios das cores.

O MENINO NITO, de Sonia Rosa, editora Pallas. Nito é um menino muito querido, mas muito chorão. Até que, um dia, o pai lhe diz que homem não chora. O menino passa a engolir o choro, mas ele acaba adoecendo.

MESTRE BIMBA, CORPO DE MANDINGA, de Muniz Sodré, editora Manati. Segundo o autor, semiólogo e pensador, mas também capoeirista e amigo de Bimba, “Mestre Bimba e sua capoeira foram, no conjunto, uma expressão da ironia objetiva do negro na Bahia, do negro no Brasil”.

O MULATO, de Aluísio Azevedo (várias editoras). O amor entre o jovem Raimundo e sua prima Ana Rosa é impedido pela origem do rapaz. Ele na verdade é filho de uma escrava com seu senhor. Mesmo uma educação européia e um futuro promissor não são o bastante para acabar com o preconceito contra o rapaz.

NA VENDA DA VERA, de Hebe Coimbra, editora Manati. Na venda da simpática Vera vendiam-se vidros de vento, mas o menino Ivan desconfia dessa história.

NINGUÉM É IGUAL A NINGUÉM, de Regina Otero, Editora do Brasil. Que ninguém é igual a ninguém todo mundo já sabe. A novidade do texto é que ele mostra como é gostoso a gente ser o que é, sentir o que sente e viver como vive, apesar da opinião dos outros. Além disso, o personagem Tim traz uma proposta lúdica muito especial.

POEMAS NEGROS, de Jorge de Lima, editora Record. Num único volume quatro obras poéticas de Jorge de Lima: Novos poemas (1929), Poemas escolhidos (1932), Poemas negros (1947) e Livro de sonetos (1949), que revelam a versatilidade e a verve lírica do poeta.

UMA REDE PARA IEMANJÁ, de Antonio Callado, editora Nova Fronteira. Grávida e abandonada pelo marido, Jacira está à procura de uma rede onde deitar e dar à luz. Vagando pela praia, encontra um senhor que faz preces a Iemanjá, rogando à Rainha do Mar que lhe traga de volta o filho desaparecido. Da relação entre Jacira e o velho homem nasce uma bela história, um verdadeiro auto de Natal de inspiração afro-brasileira. Escrita em 1961, “Uma rede para Iemanjá” compõe, juntamente com “A revolta da cachaça”, “O tesouro de Chica da Silva” e “Pedro Mico”, o teatro negro de Antonio Callado.

ZUMBI, de Joel Rufino dos Santos, editora Global. Neste livro, Joel Rufino nos oferece, mais do que a biografia de um personagem que lutou pela liberdade dos negros no Brasil escravocrata, uma verdadeira radiografia do mundo ocidental. Ao analisar a estrutura dessa sociedade, examinando o núcleo familiar, a hierarquia de classes e a noção de riqueza então vigente, desvenda para o leitor a ideologia que criou e fundamentou, durante séculos, o mais cruel sistema de escravidão que a história do Ocidente já registrou.

Para saber mais

ALFABETO NEGRO, de Cristina Agostinho e Rosa Margarida de Carvalho Rocha. Editora Mazza, 56p. Manual, 20p. O alfabeto negro é um instrumento concreto de valorização da diversidade étnica e cultural do país em consonância com os objetivos dos Novos Parâmetros Curriculares do MEC, no que tange aos seus temas transversais. O alfabeto negro municia, em especial, professores e alunos, e leitores em geral, para o combate às idéias preconceituosas que secularmente produzem e reproduzem visões estereotipadas sobre os negros, e que legitimam práticas discriminatórias que conspiram contra a democracia e a igualdade de direitos e oportunidades em nossa sociedade.

ÁFRICA E BRASIL AFRICANO. Marina de Mello e Souza, São Paulo: Editora: Ática, 2007, 2ª edição. A autora traça um amplo panorama do continente africano, com suas diversas sociedades locais, sua história e cultura, antes e depois da escravidão. Retrata as consequências da importação de quase 5 milhões de escravos africanos ao longo de mais de 300 anos de história do Brasil, mostrando as marcas de um legado cultural que até hoje exerce grande influência em nossa sociedade.

DICIONÁRIO LITERÁRIO AFRO-BRASILEIRO, de Nei Lopes, editora Pallas, 2007. A obra trata de elementos vários vinculados à presença do negro na arte literária do Brasil. Não constitui, entretanto, [...] “um dicionário de Literatura brasileira”. Vai além. Relaciona e identifica, em função dela, autores, obras, manifestações paraliterárias, instituições, figuras e fatos históricos, personagens marcantes, ismos e estudiosos de questões ligadas à afrodescendência.

HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA, de Regiane Augusto de Mattos, editora Contexto, 2007. A Lei nº 10.639 tornou obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira nas escolas. Esse fato foi considerado um importante passo pelos movimentos de luta dos negros em todo o país. Guia esclarecedor e abrangente, pensado e elaborado de forma didática tanto para professores quanto para alunos, este livro vem preencher justamente essa lacuna. A obra mostra que, apesar dos obstáculos impostos pela escravidão no Brasil, os africanos e seus descendentes encontraram meios para se organizar e manifestar suas culturas e, assim, influenciaram profundamente a sociedade brasileira como um todo.

IGUALDADE DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA ESCOLA, de Ana Lucia Silva Souza e Camilla Croso (coord.), ed. Peiropolis. Reconhecendo o potencial da Lei nº 10.639/03, a Ação Educativa, o Ceert e o Ceafro, em parceria com o Movimento Interfóruns de Educação Infantil do Brasil (Mieib) e o Núcleo de Relações Étnico-Raciais e de Gênero da Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte, uniram forças para idealizar e aplicar uma consulta em escolas públicas que pudesse assinalar as possibilidades e os desafios para a implantação da referida Lei.

IMAGINÁRIO, COTIDIANO E PODER, de Vagner Gonçalves da Silva (Org.). Coleção Memória Afro-brasileira. Vol. III, São Paulo: Summus /Selo Negro, 2007. Terceiro livro da coleção Memória Afro-brasileira, a obra traz artigos com a história de figuras lendárias que deram importante contribuição para a formação da identidade das comunidades afro-brasileiras. Entre as histórias está a de Gabriel Joaquim dos Santos, nascido em 1892 e morto em 1985, referência para a população negra do Brasil. Homem de muitos dons, construiu uma das mais belas obras de arquitetura espontânea do país, feita com restos de materiais e refugos domésticos. A Casa da Flor, tombada como patrimônio cultural, é ponto turístico da cidade de São Pedro da Aldeia, no Rio de Janeiro.

NEGRITUDE, CINEMA E EDUCAÇÃO: caminhos para a implementação da Lei 10639/2003, organizado por Edileuza Penha de Souza, Mazza Edições, 2007. (vol. 1 e 2). Como o cinema pode introduzir debates interessantes nas salas de aula? Os livros apresentam um rol de filmes que podem ajudar os professores nessa tarefa, pois traz uma espécie de roteiro de leitura dos filmes, com sugestões de encaminhamento dos

debates e trabalhos didáticos. Os autores (mais de trinta), foram escolhidos pela sua atuação profissional e afinidade com as questões étnico-raciais, com o cinema, ou com ambas as coisas. São profissionais de áreas bem diferentes, de diferentes locais do país, o que dá à publicação um colorido muito peculiar.

NEGROS E POLÍTICA (1888-1937), de Flávio Gomes, Jorge Zahar Editora, 2005. Narrativas historiográficas cristalizaram a imagem do negro como personagem social pouco mobilizado e excluído dos processos de participação política. Esse livro, ao contrário, apresenta várias organizações negras que propuseram políticas públicas e inserção institucional, dialogaram com setores da elite e com visões de cidadania e nação nas primeiras décadas do século XX.

UM OLHAR NEGRO SOBRE O BRASIL, de Edson França, José Carlos Ruy, Manoel Julião Vieira. Editora Anita Garibaldi, 2007. O racismo brasileiro tem singularidades próprias, decorrentes da formação histórica do país e do povo, e que negam a existência, aqui, de uma alegada “democracia racial”. Um olhar negro sobre o Brasil discute o tema de forma avançada e moderna, abrangendo diferentes aspectos da questão. Ele traz um conjunto de ensaios de caráter sociológico, histórico, político e científico que compõe um rico mosaico de idéias para que possamos entender o papel da luta contra o racismo no Brasil e intensificá-la.

O SORTILÉGIO DA COR, de Elisa Larkin Nascimento, editora Selo Negro, 2003. Colocando o problema da identidade no centro de sua análise, a autora mostra que a identidade não é apenas um conceito teórico, mas se manifesta concretamente na realidade social brasileira. O livro descreve a recusa dos afrodescendentes em ver sua identidade diluída em uma homogeneidade cultural ditada pela branquitude e pelo universalismo europeu.

Filmes

AMISTAD, direção de Steven Spielberg, EUA, 1997. Dezenas de escravos negros se libertam das correntes e assumem o comando do navio negreiro La Amistad. Eles sonham retornar para a África, mas desconhecem navegação e se vêem obrigados a confiar em dois tripulantes sobreviventes, que os enganam e fazem com que, após dois meses, sejam capturados por um navio americano, quando desordenadamente navegaram até a costa de Connecticut. Os africanos são inicialmente julgados pelo assassinato da tripulação, mas o caso toma vulto e o presidente americano, que sonha ser reeleito, tenta a condenação dos escravos. Os abolicionistas vencem, no entanto o governo apela e a causa chega à suprema corte americana. Este quadro faz o ex-presidente John Quincy Adams, um abolicionista não-assumido, sair da sua aposentadoria voluntária, para defender os africanos.

ANTÔNIA – O FILME, direção de Tata Amaral, 2006. Originado de uma minissérie televisiva, o filme se passa na periferia de São Paulo, onde quatro jovens mulheres negras batalham pelo sonho de viver de sua música, o hip-hop. Mas quando o sonho de fazer algo da vida parece tomar corpo, as viradas de um cotidiano marcado pela pobreza, pela violência e pelo machismo ameaçam o grupo.

CAFUNDÓ, direção de Paulo Betti e Clóvis Bueno, Brasil, 2005. João de Camargo viveu nas senzalas em pleno século XIX. Após deixar de ser escravo, fica deslumbrado com o mundo em transformação ao seu redor e desesperado para viver nele. O choque é tanto que faz com que João tenha alucinações, acreditando ser capaz de ver Deus. Misturando suas raízes negras com a glória da civilização judaico-cristã, João passa a acreditar que é capaz de curar e realmente acaba curando. Ele torna-se então uma das lendas brasileiras, popularizando-se como o Preto Velho.

CHICO REI, direção de Walter Lima Jr., 1985. Em meados do século XVIII, Galanga, rei do Congo, é aprisionado e vendido como escravo. Trazido da África num navio negreiro, recebe o cognome de Chico Rei e vai trabalhar nas minas de ouro de um desafeto do governador de Vila Rica. Escondendo pepitas no corpo e nos cabelos, Galanga habilita-se a comprar sua alforria e, após a desgraça do seu ex-senhor, adquire a mina Encardideira, tornando-se o primeiro negro proprietário. Ele associa-se a uma irmandade para ajudar outros negros a comprarem sua liberdade.

UM GRITO DE LIBERDADE (Cry Freedom), direção de Richard Attenborough, Inglaterra, 1987. A história real de Steve Biko, jovem líder negro em luta contra o apartheid na África do Sul. A história é contada sob a ótica de um jornalista branco que aos poucos se conscientiza da situação e também é perseguido. Drama biográfico e épico grandiloquente bem ao gosto do diretor, sobre racismo e violência. Baseado em dois livros do jornalista Donald Woods.

A HORA DO SHOW (Bamboozled), direção de Spike Lee, EUA, 2000. Pierre Delacroix é um escritor de séries de TV que não aguenta mais a tirania de seu chefe. Sendo o único empregado negro da companhia, Delacroix resolve propor a ideia mais absurda que conseguiu imaginar: um programa de TV estrelado por dois mendigos negros que denunciariam o estereótipo e o preconceito do negro na televisão americana, exatamente com o intuito de ser demitido. Mas a surpresa é que o programa em questão não apenas se torna realidade como passa a ser um grande sucesso entre o público americano.

HOTEL RUANDA (Hotel Rwanda), direção de Terry George, EUA/Itália/África do Sul, 2004. Durante a guerra civil de Ruanda, um gerente de hotel tenta salvar pessoas de um massacre em meio à indiferença da ONU e da comunidade internacional.

KIARA, CORPO DE RAINHA, produção da ONG Djumbay, 2001. O curta-metragem aborda a construção de uma identidade racial não negra por crianças negras, levando em consideração os programas infantis.

KIRIKU E A FEITICEIRA (Kirikou et la sorcière), direção de Michel Ocelot, (França/Bélgica/Luxemburgo), 1998. Kiriku, um menino que nasceu para lutar e combater o mal, enfrenta o poder da Karabá, a feiticeira maldosa e seus guardiões. Kiriku aprende em sua luta que a origem de tanta maldade é o sofrimento e só a verdade, o amor, a generosidade e a tolerância, aliados à inteligência, são capazes de vencer a dor e as diferenças.

A NEGAÇÃO DO BRASIL, direção de Joel Zito Araújo, 2000. O documentário traça um painel da participação do negro como ator e personagem das telenovelas brasileiras, desde “O direito de nascer” até o fim do século XX. Ele traz entrevistas com importantes atores negros que refletem sobre seus próprios papéis, dentro e fora da TV.

PRINCESA DE ÁFRICA, direção de Juan Laguna, Espanha, 2008. Este belo documentário infelizmente ainda não tem previsão de distribuição no Brasil. Ele acompanha uma família de griots e a bailarina espanhola Sonia, que muda seu destino ao se tornar a terceira esposa do chefe do clã de artistas senegaleses.

QUANTO VALE OU É POR QUILO, direção de Sergio Bianchi, 2005. A partir do conto “Pai contra mãe”, de Machado de Assis, e de registros judiciais da época da escravidão, o cineasta traça uma crítica à herança da escravatura e a indústria da miséria na sociedade brasileira contemporânea.

QUASE DOIS IRMÃOS, direção de Lúcia Murat, 2005. Miguel é um senador da República que visita seu amigo de infância Jorge, que se tornou um poderoso traficante de drogas do Rio de Janeiro, para lhe propor um projeto social nas favelas. Apesar de suas origens diferentes, eles se tornaram amigos nos anos 50, pois o pai de Miguel tinha paixão pela cultura negra e o pai de Jorge era compositor de sambas. Nos anos 70, eles se encontram novamente, na prisão de Ilha Grande. Ali as diferenças raciais eram mais evidentes: enquanto a maior parte dos prisioneiros brancos estava lá por motivos políticos, a maioria dos prisioneiros negros era de criminosos comuns.

QUILOMBO, direção de Cacá Diegues, 1984. Em torno de 1650, um grupo de escravos se rebela num engenho de Pernambuco e rumam ao Quilombo dos Palmares, onde uma nação de ex-escravos fugidos resiste ao cerco colonial. Entre eles, está Ganga Zumba, príncipe africano e futuro líder de Palmares.

O XADREZ DAS CORES, direção de Marco Schiavon, 2004. Curta metragem. Cida, uma mulher negra de quarenta anos, vai trabalhar com uma velha de oitenta anos, viúva e sem filhos, que é extremamente racista. Mas um jogo de xadrez pode mudar a relação entre as duas. Disponível no site www.portacurtas.com.br

XICA DA SILVA, direção de Cacá Diegues, 1976. Escrava que, durante o ciclo de ouro, na atual e rica cidade de Diamantina, viveu um grande amor com o homem mais importante da região, ganhou sua alforria e se tornou uma das figuras mais conhecidas do Brasil.



